

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
FACULDADE SERRA DA MESA
MESTRADO INTERINSTITUCIONAL EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO - MINTER**

EDNA LIBERATO VIEIRA GUIMARÃES

**A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO À LUZ DO EVANGELHO: PAULO
FREIRE E JESUS EM DIÁLOGO**

URUAÇU

2019

EDNA LIBERATO VIEIRA GUIMARÃES

**A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO À LUZ DO EVANGELHO: PAULO
FREIRE E JESUS EM DIÁLOGO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião – Mestrado Interinstitucional - como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Ciências da Religião.

Linha de Pesquisa: Religião e Movimentos Sociais

Orientador: Prof. Dr. Valmor da Silva

URUAÇU

2019

G963p Guimarães, Edna Liberato Vieira
A pedagogia do oprimido à luz do evangelho : Paulo
Freire e Jesus em diálogo / Edna Liberato Vieira Guimarães.--
2019.

117 f.

Texto em português, com resumo em inglês
Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade
Católica de Goiás, Escola de Formação de Professores
e Humanidades, Goiânia, 2019

Inclui referências: f. 108-117

1. Freire, Paulo, 1921-1997. 2. Educação. 3. Jesus
Cristo - Ensinos. 4. Educação popular. 5. Professores
- Prática. I. Silva, Valmor da. II. Pontifícia Universidade
Católica de Goiás - Programa de Pós-Graduação em Ciências
da Religião - 2019. III. Pedagogia do oprimido. IV.
Título.

CDU: Ed. 2007 -- 27-318(043)

37.01(043)

**A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO À LUZ DO EVANGELHO: PAULO FREIRE
E JESUS EM DIÁLOGO**

Dissertação de Mestrado Interinstitucional em Ciências da Religião - Minter - da Pontifícia Universidade Católica de Goiás / Faculdade Serra da Mesa, aprovada em 26 de março de 2019.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Valmor da Silva / PUC Goiás (Presidente)



Prof. Dr. Pedro Fernando Sabium / UEG



Profa. Dra. Rosemary Francisca Neves Silva / PUC Goiás

Prof. Dr. Joel Antônio Ferreira / PUC Goiás (Suplente)

Prof. Dr. Samuel de Jesus Duarte / IFTM (Suplente)

(...) o conhecimento está sempre se transformando. Isto é, o ato de saber tem historicidade, então o conhecimento de hoje sobre uma coisa não é necessariamente o mesmo de amanhã. O conhecimento transforma-se à medida que a realidade também se movimenta e se transforma. Então, a teoria também faz o mesmo. Não é algo estável, imobilizado. (FREIRE; HORTON, 2003, p. 114).

AGRADECIMENTOS

A Deus pela força, graça e sabedoria na redação dessa pesquisa. Todo esforço não foi em vão, porque Ele me sustentou até o final. Até aqui nos ajudou o senhor (1 Sm 7,12).

Ao meu esposo pela compreensão da minha ausência nos diversos momentos da nossa vida e também pelo incentivo dos meus estudos.

A meus filhos, que de forma indireta deram-me força para prosseguir.

Aos meus pais que carinhosamente, em meio às turbulências, encorajaram-me com palavras e gestos, acreditando nos meus sonhos, respaldando-os para que se tornassem realidade.

Ao meu sobrinho Pedro Henrick Vieira Fernandes pelo apoio prestado durante a realização desta pesquisa.

Aos professores, colegas e companheiros da Pontifícia Universidade Católica de Goiás e FASEM, sobretudo pelo compartilhamento de ideias, pelo profissionalismo e pela inspiração constante a este trabalho.

A minha colega mestre Cláudia Regina Vasconcelos Bertoso que compartilhou ideias sobre a minha pesquisa.

MENÇÕES ESPECIAIS

Ao professor Dr. Valmor da Silva, orientador desta pesquisa, que procedeu de forma tranquila e paciente, com sabedoria, competência e seriedade profissional até o último instante do trabalho.

Aos membros da banca examinadora, por dedicarem parte do seu tempo na avaliação deste trabalho e pelas excelentes contribuições realizadas.

SUMÁRIO

RESUMO -----	10
INTRODUÇÃO -----	12
1 A PEDAGOGIA DE JESUS -----	22
1.1 QUEM FOI JESUS -----	22
1.2 A VIDA PÚBLICA DE JESUS-----	24
1.3 OS SEGUIDORES DE JESUS-----	26
1.4 COMO JESUS APRENDEU -----	27
1.5 QUEM RECONHECEU JESUS COMO MESTRE -----	30
1.6 COMO ERAM OS MESTRES NA ÉPOCA DE JESUS -----	32
1.7 OS ENSINAMENTOS DE JESUS-----	33
1.8 QUAIS ESTRATÉGIAS DE ENSINO JESUS UTILIZAVA -----	37
1.9 QUAIS ERAM OS MÉTODOS DO ENSINO DE JESUS -----	40
1.10 A PRÁXIS DE JESUS EM EVIDÊNCIA: O SERMÃO DA MONTANHA-----	44
1.11 O QUE PRETENDIA O ENSINO DE JESUS -----	49
2 A PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE -----	52
2.1 RECORTE HISTÓRICO DE PAULO FREIRE -----	52
2.2 O MÉTODO DE PAULO FREIRE-----	57
2.3 A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO -----	61
2.4 OUTRAS CONCEPÇÕES DA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO -----	71
3 APROXIMAÇÕES ENTRE A PEDAGOGIA DE JESUS E A DE PAULO FREIRE -----	73
3.1 CLARIFICANDO OS CONCEITOS: EDUCAÇÃO, PEDAGOGIA, MÉTODOS E PRÁTICA DOCENTE -----	73
3.1.1 Educação -----	73
3.1.2 Pedagogia -----	75
3.1.3 Métodos-----	78
3.1.4 Prática docente-----	80
3.2 CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA -----	84

3.3 EDUCAÇÃO POPULAR -----	87
3.4 A PEDAGOGIA NOS DIAS ATUAIS-----	91
3.5 PAULO FREIRE E JESUS EM DIÁLOGO -----	95
3.6 A PEDAGOGIA QUE LIBERTA -----	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	102
REFERÊNCIAS -----	108

RESUMO

Esta dissertação investiga a pedagogia de Jesus e Paulo Freire e as contribuições que podem servir de aprimoramento à práxis de ensino. Tem como objeto de estudo a prática docente atual à luz do processo pedagógico de Jesus Cristo e da conscientização de Freire, que objetiva constatar se o termo conscientização pode influenciar no fazer educativo, sendo um aspecto intrínseco na ação da aprendizagem. Aborda a pedagogia de Jesus e sua filosofia educacional, bem como suas atitudes, sua personalidade e seu jeito de se relacionar com as pessoas, em um convite a segui-lo. Apresenta Jesus como educador e evidencia a riqueza encontrada em sua prática pedagógica ao reconhecer sua atuação como um mestre em seu tempo, o que, tem atravessado gerações. Apresenta também a pedagogia de Paulo Freire e suas contribuições ao longo da história, situando-o como um educador que lutou pelo respeito ao outro, em que o diálogo não se traduziu apenas numa estratégia de ensino, mas no fundamento do processo ensino e aprendizagem. Freire enfatiza que a práxis promove o conhecimento, que é ação e reflexão, com o intuito de libertar o homem oprimido da prática opressora. Por fim, realiza-se a aproximação da pedagogia de Jesus e Paulo Freire, evidenciando os elementos comuns encontrados nas práticas educativas desses dois educadores com a intenção de dar pistas aos professores contemporâneos dentro de uma relação dialética e dialógica, numa perspectiva de reescrever a prática pedagógica e repensar o sentido político da educação. Para tanto, será utilizado como método investigativo a análise de diversos pesquisadores que estudam sobre a pedagogia de Jesus e Paulo Freire, por meio da análise dos evangelhos e das obras freirianas. A intenção é que a investigação contribua para esclarecer os conceitos e fortalecer a práxis educativa.

Palavras-chave: Pedagogia de Jesus; Pedagogia de Paulo Freire; Prática docente, Conscientização.

ABSTRACT

This dissertation investigates the pedagogy of Jesus and Paulo Freire and the contributions that can serve as an improvement to the praxis of teaching. Its object is to study the current teaching practice in the light of the pedagogical process of Jesus Christ and the conscientization of Freire, which aims to verify if the term awareness can influence in the educational making, being an intrinsic aspect in the action of learning. It addresses the pedagogy of Jesus and his educational philosophy, as well as his attitudes, his personality and his way of relating to people, in an invitation to follow him. He presents Jesus as an educator and evidences the richness found in his pedagogical practice in recognizing his performance as a teacher in his time, which has crossed generations. It also presents Paulo Freire's pedagogy and his contributions throughout history, situating him as an educator who fought for respect for the other, in which dialogue was not only translated into a teaching strategy, but into the foundation of the teaching and learning process. Freire emphasizes that praxis promotes knowledge, which is action and reflection, in order to liberate the oppressed man from oppressive practice. Finally, the pedagogy of Jesus and Paulo Freire is approached, evidencing the common elements found in the educational practices of these two educators with the intention of giving clues to contemporary teachers within a dialectical and dialogic relationship, with a view to rewriting the practice pedagogy and rethink the political sense of education. For that, we will use as an investigative method the analysis of several researchers who study the pedagogy of Jesus and Paulo Freire, through the analysis of the Gospels and Freirian works. The intention is that the research contributes to clarify the concepts and strengthen the educational praxis.

Keywords: pedagogy of Jesus; pedagogy of Paulo Freire; teaching practice; conscientization.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se propõe a apresentar A pedagogia do Oprimido à luz do Evangelho: Paulo Freire e Jesus Cristo em diálogo. Tem por objeto a prática docente atual à luz do processo pedagógico de Jesus Cristo e da conscientização de Paulo Freire.

De forma geral objetiva averiguar se a conscientização em Paulo Freire à luz da pedagogia de Jesus pode contribuir como inspiração de apoio ao ensino docente nas escolas atuais, utilizando como aporte referenciais autores que corroboram com a proposta da pesquisa. Para isso pretendemos de forma específica: identificar as características metodológicas da pedagogia de Jesus; esclarecer o conceito de conscientização na pedagogia de Paulo Freire; relacionar os elementos identificados na pedagogia de Jesus com os da pedagogia de Paulo Freire e averiguar se os elementos comuns permitem que ambas pedagogias possam contribuir com a prática docente na escola.

O desenho da experiência profissional ligada ao saber científico, tem sido alvo de reflexões no contexto educacional, uma vez que as diretrizes e o currículo da rede estadual têm exigido uma prática que atenda as situações de aprendizagem. E partindo dessa premissa, busca-se nessa pesquisa fontes que possam potencializar a prática de ensino. Uma vez que a reflexão, segundo Mizukami (2002, p. 167) “conduz o caminho para o aprimoramento da prática e a formação dos professores, por ajudar a refazer o caminho trilhado possibilitando descobrir acertos e erros, e tentar construir novos rumos para a atuação, quando necessário”.

Neste contexto, buscamos respostas que possam subsidiar a prática do professor, possibilitando uma postura crítica quanto ao processo ensino aprendizagem.

Essa inquietação é o resultado das leituras e formações as quais visam o debate sobre a qualidade de ensino e a prática docente. Haja vista, que a ação educativa busca seu espaço de reafirmação do desenvolvimento humano, exercitando a formação crítica e provocativa como sujeito da produção do saber. De acordo com Paulo Freire (1996, p.26), o educador não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão.

Percebe-se a necessidade de se reafirmar, de ter uma visão estruturada significativa que possa estimular o aperfeiçoamento da prática educativa. E nessa vertente buscamos em Jesus seu modelo pedagógico que possa contribuir com a prática docente nos dias atuais, pois, quando lemos os evangelhos nos deparamos com os ensinamentos de Jesus, mestre por excelência. E na sua autenticidade ensinava com sabedoria, amor e atraía multidões. No Evangelho de Marcos (12,14), podemos observar que o reconheceram como mestre: “E, chegando eles, disseram-lhe: Mestre, sabemos que és homem de verdade e não te importas com quem quer que seja, porque não olhas a aparência dos homens, antes, com verdade, ensinas o caminho de Deus. É lícito pagar tributo a César ou não? Pagaremos ou não pagaremos?”¹

Nos Evangelhos encontramos referência de Jesus sobre a conscientização das pessoas em ouvir e aprender seus ensinamentos, pois o verdadeiro mestre tem que ser bom aprendiz: “aquele que tem ouvidos para ouvir, que ouça!” (Mt11,15; Mc 7,16).

Dentro do contexto educacional, trago à luz de discussão, também a pedagogia de Paulo Freire como parâmetro à prática dos educadores, servindo como ato de pesquisa a extração de elementos próximos entre a pedagogia de Jesus e a pedagogia de Paulo Freire.

Ao problematizar pedagogia não é possível deixar Paulo Freire à margem, pois a sua contribuição se faz presente na história junto com sua prática de vida e o tornou um dos maiores intelectuais a propor uma pedagogia da libertação. Embora esse assunto não seja novo, ele não se esgota, porque todos os problemas educacionais devem responder aos de sua época. E o momento é agora. Entender esse contexto e buscar alternativas é a preocupação central do meu trabalho.

Mediante os aspectos acima relacionados, surgem os seguintes questionamentos:

- ✓ Quais são as características da pedagogia de Jesus?
- ✓ Quais são as características da pedagogia de Paulo Freire?

¹ A Bíblia Sagrada (1999). Edição Almeida Revista e Atualizada.

- ✓ Os elementos próximos da pedagogia de Jesus e da pedagogia de Paulo Freire poderão contribuir com a prática docente?

Sem pretensão de dar conta de todos os aspectos inseridos nas questões, destacamos o que consideramos relevante para o entendimento da prática educativa.

Levando em conta as provocações, surge o propósito de refletir sobre o compromisso implicado na atitude de educar à luz da pedagogia de Jesus e da pedagogia de Paulo Freire.

Nos últimos anos, a educação tem sido apontada como uma das principais vias para a construção de uma sociedade mais justa, solidária e democrática. Em primeiro lugar, porque a educação é o elemento fundamental para o desenvolvimento pessoal e para a realização da vocação de ser humano. Segundo, porque é o caminho para formar pessoas sensíveis para as questões que afetam a todos e a grupos minoritários. Terceiro, porque é uma das vias para a ampliação do processo produtivo e desenvolvimento tecnológico do país. Quarto, porque é o caminho para a mobilização social, sem a qual as mudanças não se viabilizam, a modernização não distribui seus frutos e não se superam as desigualdades e a exclusão. (VÓVIO, 2004, p. 32-33).

Partindo dessa reflexão, é que se propõe a pesquisar modelos educativos que possam contribuir com a prática docente, propiciando um ensino aprendizagem que corresponda os anseios da sociedade.

A pesquisa inicia-se com a hipótese de aproximar o método pedagógico de Paulo Freire com o de Jesus Cristo, destacando um aspecto comum que é a conscientização, equivalente ao “quem tem ouvidos para ouvir ouça”, enquanto proposta de libertação ao educador.

Por sua vez, justifica-se que a história da educação nos mostra que a sociedade consegue resultados significativos e transformadores a partir da reflexão crítica na formação do indivíduo. E a educação é esse elemento indispensável para mudança e transformação social. Com base nessa história, Meier (2006, p.36) afirma que não há processo educativo unilateral, vertical, de cima para baixo, pois se não houver mudanças nas ações metodológicas, não encontraremos uma educação verdadeira.

Podemos ver na apresentação do livro *a Pedagogia libertadora de Jesus* (2014), os autores da obra argumentam que a educação é apresentada como

esforço constante de cada pessoa, em realizar sua vocação de ser mais e se encontrar consigo mesmo a plenitude da vida.

Em se tratando da prática pedagógica, teremos que entender o conceito de pedagogia numa vertente que nos leve a refletir como acontece a ação educativa no contexto escolar. Segundo Libâneo (2013, p.23 - 24),

A pedagogia é um campo de conhecimentos que investiga a natureza das finalidades da educação numa determinada sociedade, bem como os meios apropriados para a formação dos indivíduos, tendo em vista prepará-los para as tarefas da vida social. Uma vez que a prática educativa é o processo pelo qual são assimilados conhecimentos e experiências acumulados pela prática social da humanidade, cabe à pedagogia assegurá-lo, orientando-o para finalidades sociais e políticas, e criando um conjunto de condições metodológicas e organizativas para viabilizá-lo.

E diante desse conceito, observamos que a pedagogia cumpre o papel de investigar a teoria e a prática pedagógica num conjunto expressivo de finalidades social e global criando condições que viabilizem o processo educativo.

Busco firmar a presente pesquisa referente à conscientização de Paulo Freire à luz da pedagogia de Jesus, principalmente quanto aos elementos do amor, sua metodologia e seu chamado à ação como uma forma de agir que contribua, nos dias atuais com a prática docente nas escolas que acompanho.

E o modelo pedagógico utilizado por Jesus e Paulo Freire trará elementos que servirão de apoio ao aprimoramento da prática pedagógica, uma vez, que o ser humano poderá sofrer transformações com o aprendizado recebido seja em qualquer situação da vida.

Firmada num compromisso histórico, a pedagogia de Paulo Freire levou a população a conscientizar-se da necessidade de recuperar a humanidade das condições sociais em que os indivíduos se encontram.

Na concepção de Junqueira e Rocha (2014), faz parte da educação realizar a chamada da consciência ingênua para uma consciência crítica da realidade na qual está imersa e pela qual está condicionada.

E o método de ensino utilizado por Jesus foi de excelência que atravessou gerações e está presente até hoje através dos elementos do amor, da palavra e ação, poderá auxiliar as pessoas a terem uma consciência libertadora em busca do sentido mais profundo da vida.

Bravo (2006) evidencia que tudo, no ensino de Jesus, está direcionado a estimular e a facilitar o aprendizado. As constatações são percebíveis por meio dos documentos que trazem referências sobre os ensinamentos de Jesus e que são, basicamente, os quatro Evangelhos, além dos demais escritos do Novo Testamento, atribuídos a discípulos seus.

Diante das inquietações que vem à memória sobre a prática pedagógica e a convivência durante o meu trabalho, busco uma reflexão plausível dentro da linha de pesquisa do curso Ciências da Religião, onde se justifica a busca por um objeto bíblico, a pessoa e a ação de Jesus Cristo, como parâmetro de transformação e mudança da prática pedagógica no contexto educacional.

Os temas pesquisados procurarão cobrir a essência do trabalho que possibilite uma melhor aproximação do objeto de pesquisa e de estudo.

Ao longo do texto, iremos desvelando a postura pedagógica encontrada em Jesus e Paulo Freire, englobando questões como consciência, educação e liberdade.

Nesta perspectiva, a reflexão é fundamental e promoverá um diálogo entre Jesus e Paulo Freire numa postura crítica e positiva de renovação e inovação quanto ao processo didático.

Moacir Gadotti (2008b) interpretando o método Paulo Freire, enfatiza que:

O diálogo não é apenas uma estratégia pedagógica. É um critério de verdade. A verdade do meu ponto de vista, do meu olhar, depende do outro, da comunicação, da intercomunicação. Só o olhar do outro pode dar veracidade ao meu olhar. O diálogo com o outro não exclui o conflito. A verdade nasce da conformação do meu olhar com o olhar do outro. Nasce do diálogo-conflito com o olhar do outro. O confronto de olhares é necessário para se chegar à verdade comum... O meu conhecimento só é válido quando eu o compartilho com alguém (GADOTTI, 2008b, p. 130-131).

A ação dialógica traz uma compreensão da realidade e permite um novo olhar das coisas que se pretende alcançar. Na literatura identificamos que os seres humanos são seres da práxis, que transformam e se transformam, e essa práxis acontece pelo diálogo.

Sobre o tema da pesquisa, nos apoiaremos em bibliografias pautadas em Ciências da Religião, ligadas à linha de pesquisa Religião e Movimentos Sociais e à linha Religião e Literatura Sagrada, em interfaces com os seguintes autores:

Grenier (1988) na sua obra *Jesus, o Mestre*, evidencia que Ele era reconhecido como Mestre por todas as pessoas que se aproximaram dele no decurso de sua vida. O livro escrito com o propósito de evidenciar o ministério de Jesus como mestre, embora pouco lembrado, merece notoriedade devido aos ensinamentos e ajuda que podem contribuir com aqueles cuja profissão ou vocação tem a arte de ensinar, os envolvidos com a formação pedagógica.

Bravo (2007) em sua obra *O estilo pedagógico do Mestre Jesus*, apresenta Jesus como Mestre, um educando que assumiu o caráter de ensinamento e que pode nos servir para melhorar e potencializar nossas relações de trabalho, familiares, profissionais, comunitárias e societárias. O autor aborda ainda que através das passagens evangélicas, podemos reconhecer Jesus como Mestre, organizando em núcleos que nos permitirão a compreensão dos métodos e as atitudes que distinguem Jesus como Mestre. A partir daí, podemos deduzir “o estilo de Jesus.”

Price (1980) escreveu em sua obra *A pedagogia de Jesus; o mestre por excelência*, que ninguém melhor esteve preparado, e ninguém se mostrou mais idôneo para ensinar do que Jesus. Ele foi o mestre ideal, isto é verdade tanto visto do ângulo divino como do humano. No sentido mais profundo, Jesus foi "um mestre vindo da parte de Deus". Muitos elementos contribuíram para prepará-lo eficientemente para o magistério. Alguns elementos eram meramente humanos; outros, divinos; alguns lhe eram inerentes, e outros, ele os desenvolveu. Quando os consideramos, nos sentimos estimulados e inspirados para cumprir nossa tarefa de professor.

Andrade (2000, p. 109) em sua obra *O modelo pedagógico de Jesus*, afirma que Jesus como professor por excelência é conhecido como mestre dos mestres. Seus adversários mais ferrenhos não lhe puderam negar esta qualidade, pois Jesus revolucionou não somente o ensino de seu tempo, como também de todas as épocas.

Referente aos exemplares de Paulo Freire destacamos a *Pedagogia do oprimido* (2010) que fala do papel da educação enquanto resistência dos oprimidos às práticas dos opressores, na luta por uma sociedade mais justa e igualitária, sendo um tema fortemente discutido em prol da prática educativa.

Em referência à prática pedagógica na concepção de Paulo Freire, destacamos:

[...] Os homens são seres da práxis. São seres do que fazer... Se os homens são seres que fazer. É exatamente porque seu fazer é ação e reflexão. É práxis. É transformação do mundo. E, na razão mesma em que fazer o que fazer é práxis, todo fazer do que fazer tem que ter uma teoria que necessariamente o ilumina. O que fazer é teoria e prática. É reflexão e ação (FREIRE, 2010, p.121).

Quanto à conscientização, Paulo Freire evidenciou que:

Ao ouvir, pela primeira vez, a palavra conscientização, percebi imediatamente a profundidade de seu significado, porque estou absolutamente convencido de que a educação como prática da liberdade é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade [...]. No nível espontâneo, o homem, ao aproximar-se da realidade, faz simplesmente a experiência da realidade na qual está e procura. Esta tomada de consciência não é ainda a conscientização, porque esta consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência. (FREIRE, 1980, p. 25).

Desde que se apoderou da palavra conscientização, Paulo Freire a define como instrumento da sua expressão pedagógica, capaz de promover o ato da liberdade acompanhada da consciência da realidade que poderá ser transformada.

Podemos verificar nessa pesquisa que existe uma conexão entre os ensinamentos de Jesus e Paulo Freire quanto aos aspectos da conscientização, haja vista, que ambos vivenciaram momentos da história de profundas injustiças e repressão do povo. E nessa perspectiva, conduziram uma linha libertadora e se empenharam pelo bem maior da humanidade em realizar seus ideais. Partindo das abordagens de diversos autores que conduziram à reflexão da metodologia freiriana à luz dos ensinamentos de Jesus.

E nessa vertente podemos extrair que é possível entender as atitudes desses grandes mestres, através das ações simples e as linhas mestras para a verdadeira libertação que resgata a dignidade do povo oprimido.

Percebemos que para compreender o método pedagógico de alguém será necessário vislumbrar o caminho que foi percorrido. Segundo Paulo Freire (2005) “entender o caminho que ele propôs, e a maneira de chamar as pessoas para trilhar esse caminho” é que nos leva a refletir sobre as atitudes e as ações que transformarão a prática pedagógica.

Outros autores têm se interessado pela pesquisa sobre os ensinamentos de Jesus, como fonte inspiradora àquele cuja profissão/ vocação por opção é ensinar. Jesus foi reconhecido como mestre, e Ele mesmo se fez reconhecido como tal.

Paulo Freire atravessou gerações quanto à forma de ensinar e deixou um legado expressivo que é discutido pelos estudiosos da educação. No decorrer da pesquisa serão mencionados mais pesquisadores que contribuíram para o acervo tão rico que fundamentará essa pesquisa.

A todo o momento o ser humano está aprendendo algo, e melhor ainda quando entende-se o porque e para que aprender, como é o caso dos conteúdos que são ensinados na escola. Aprender não é acumular conhecimento. Aprendemos história não para acumular conhecimento, datas, informações, mas para saber como os seres humanos fizeram a história para fazermos história. O importante é aprender a pensar (a realidade, não pensamentos), aprender a aprender. (GADOTTI, 2008, p.10).

No referencial teórico serão desenvolvidos conceitos sobre a pedagogia de Paulo Freire e a pedagogia de Jesus, numa abordagem qualitativa que destaca a categoria ensino aprendizagem numa perspectiva humanizadora à educação. Segundo Paulo Freire:

Ensinar um conteúdo pela apropriação ou a apreensão deste por parte dos educandos demanda a criação e o exercício de uma séria disciplina intelectual a vir sendo forjada desde a pré-escola. [...] Mas, assim como não é possível ensinar a aprender, sem ensinar certo conteúdo através de cujo conhecimento se aprende a aprender não se ensina igualmente a disciplina de que estou falando a não ser na e pela prática cognoscente de que os educandos vão se formando sujeitos cada vez mais críticos (FREIRE, 2006, p.82).

Podemos assinalar que existem diversas concepções sobre o processo ensino aprendizagem que traduzem indagações e releituras importantes que permitirão postura diferente na atuação enquanto educador.

Traremos à luz os Evangelhos que fizeram menção do estilo pedagógico de Jesus Mestre para destacar de qual fonte ele bebia, deixando um itinerário proposto a ser seguido aos que estão dispostos a ouvirem a sua chamada.

Há variedades de textos bíblicos que apresentam Jesus ensinando, e esta era a principal característica de sua atividade: “E ali ensinava. Estavam espantados com o seu ensinamento, pois ele os ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas” (Mc 1,21-22).

As pesquisas demonstrarão que o ensino de Jesus pode ser considerado um tipo de educação, embora com aspecto informal, uma vez que o foco do seu ensino não era algo sistematizado e estruturado; no entanto, eram evidenciados os objetivos como as intenções, ainda que implicitamente.

Quanto à pedagogia de Paulo Freire, é inegável que ela fraterniza com a pedagogia de Jesus, com todo esmero na promoção de uma pedagogia em resposta a uma educação que visa mudanças significativas em uma sociedade. Trata-se de repensar e dialogar sobre as estratégias e os caminhos para uma educação popular e libertadora. Uma pedagogia que:

Não teme enfrentar, não teme ouvir, não teme o desvelamento do mundo. Não teme o encontro com o povo. Não teme o diálogo com ele, de que resulta o crescente saber de ambos. Não se sente dono do tempo, nem dono dos homens, nem libertador dos oprimidos. Com eles se compromete, dentro do tempo, para com eles lutar (FREIRE, 2010, p. 27).

Diante das releituras fica o pensamento que não é de qualquer educação que o mundo precisa, mas de uma educação integral, promotora da verdadeira humanidade, animada pelos valores de liberdade, de responsabilidade e solidariedade. Portanto, o mundo carece da educação libertadora (JOSAPHAT, 2016, p.13).

Em conformidade com a fala de Cervo (1983, p.55) sobre a pesquisa bibliográfica que “busca conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado, tema ou problema”, esta pesquisa consiste num aporte metodológico baseado em uma revisão bibliográfica, onde os dados são coletados através do levantamento de produções científicas sobre a práxis pedagógica, segundo vários pesquisadores do tema e os ensinamentos de Jesus Cristo, e a pedagogia defendida por Paulo Freire. Foram utilizadas produções a partir de 1980 até 2018 para análise do tema.

Para construir o referencial teórico foram analisadas várias bibliografias, utilizando leituras de diversos trabalhos, para identificação dos objetivos de estudo, metodologia e mensagem central. Os resultados da análise foram sistematizados para identificação dos componentes que responderiam a hipótese levantada.

A pesquisa segue os fundamentos epistemológicos das Ciências da Religião e está organizado em três capítulos, ligados pela pedagogia que investigará a teoria e a prática da educação à luz da pedagogia de Jesus e Paulo Freire.

O primeiro capítulo faz uma análise dos dados dos Evangelhos, principalmente Marcos, em que se destaca o aspecto pedagógico de Jesus. Essa análise é apoiada pelos comentários e pesquisas pertinentes à pedagogia de Jesus e aos métodos utilizados por Ele como profeta popular.

O segundo capítulo consiste numa análise dos conceitos pedagógicos de Paulo Freire, tais como pedagogia do oprimido, conscientização. Igualmente essa análise é apoiada por pesquisas pertinentes à pedagogia de Paulo Freire.

Compreender o pressuposto teórico de Freire proporcionará melhor esclarecimento da aprendizagem e direcionará novos olhares para o processo formativo dos professores, possibilitando assim ações interventivas nos espaços escolares de atuação.

No terceiro capítulo será feita uma análise da aproximação entre a pedagogia de Jesus e a de Paulo Freire, para verificar os pontos em comum. Também com o apoio bibliográfico de estudos comparativos, que será uma leitura instigante pelo fato de analisar duas pessoas que viveram separados por milênios, por formação e culturas diferentes, e agora nesse século unidos pelas propostas de uma educação libertadora.

Por fim, há de se verificar a aplicabilidade dessas contribuições para o apoio docente nas escolas atuais, uma vez que não se trata de um texto fechado, porque teríamos vários caminhos para encontrar respostas que respaldam os anseios da pesquisa.

CAPÍTULO 1 A PEDAGOGIA DE JESUS

Neste capítulo será abordada a pedagogia de Jesus em sua essência como fonte de inspiração à prática docente. E nessa linha de pesquisa, faremos uma análise sobre a pessoa de Jesus e sua pedagogia, bem como o caminho que Ele trilhou para realizar seus ensinamentos.

Parte da redação foi baseada no artigo intitulado *Jesus na perspectiva pedagógica: os métodos em evidência* (GUIMARÃES, 2017), que trará informações importantes para ampliação do tema em estudo, bem como na reflexão de autores que contribuíram significativamente para aprofundamento daquilo que a pesquisa propõe. Haja vista que a análise não será concluída, em virtude da profundidade do tema, e as pesquisas continuarão evoluindo conforme as circunstâncias do tempo e da história.

1.1 QUEM FOI JESUS

Para falar dos aspectos pedagógicos de Jesus será necessário conhecer sua história, sua identidade, a época em que viveu e como era sua vocação na arte de ensinar. Para os estudiosos do assunto a figura de Jesus é tão diversificada e ampla que se torna complexo compreender as diversas imagens que Ele traduz. E os evangelistas interpretam quem foi Jesus, e as informações valiosas de sua história, embora sob o prisma de diversas percepções condizentes ao contexto de cada situação.

Segundo Hoornaert (2016, p. 104), o evangelista Marcos foi o primeiro a redigir sobre a biografia de Jesus, embora não seja um historiador no sentido real da palavra, pois este imprimia uma visão teológica dos fatos. Daquela época poucos registros foram encontrados, pois ocorriam por narrativas transmitidas oralmente. Mas com a força da palavra, Marcos enunciou os feitos de Jesus de uma forma surpreendente que causou e causa impacto até hoje aos seguidores.

A figura de Jesus é fascinante, embora não se deixa prender em nenhuma definição absoluta, abre espaço para discussões, indagações e até mesmo opiniões a seu respeito, detalhes sobre sua vida que causaram espanto entre gerações e a permanência de suas mensagens enriquecedoras para o mundo acadêmico.

Encontramos várias fontes que expressam sobre a vida de Jesus, mas não é fácil explicar a cada geração quem foi esse homem que mudou a história de seus seguidores de forma extraordinária e com autoridade em seus ensinamentos.

Os relatos de Schiavo e Silva (2011, p.100) reafirmam que Jesus era Galileu da cidade de Nazaré, e esta cidade sofreu muitas retaliações por parte de seus governantes e exército romano daquela época. O sofrimento era inegável ao povo, estavam à mercê do abandono, as famílias eram dizimadas para quitar as dívidas, e diante deste fato muitas pessoas se refugiavam nas montanhas, tornando-se bandidos para sobreviver. Os autores mencionados acima relatam que Jesus vivenciou todas essas aflições marcadas na época, de muita revolta e abandono, porém havia um sonho de justiça e fraternidade.

Jesus tinha uma forma diferente de conviver, sabia ouvir e expressar no momento certo. Acolhia os oprimidos e denunciava a injustiça dos fatos sociais daquela época. Ele foi um profeta que defendia a vida mutilada dos pobres, dos excluídos, das mulheres, dos velhos, das crianças e dos esquecidos, trazendo-lhes uma palavra de esperança, acompanhada de sinais de vida (SCHIAVO e SILVA, 2011, p. 89-101).

Observamos na literatura dos Evangelhos, Jesus, o profeta por excelência, que anunciou as boas novas ao que crê, oferecendo liberdade aos que estavam debaixo do jugo opressor, levando as pessoas a perceber a situação e tomar atitude consciente de uma nova prática e conduta de vida: “O espírito do Senhor está sobre mim, pois ele me ungiu para anunciar a Boa Nova aos cegos, à recuperação da vista; para dar liberdade aos oprimidos e proclamar um ano aceito da parte do Senhor” (Lc 4,18 - 19).

Esta sensibilidade de Jesus perceber sua missão, o torna diferente, porque promove uma nova consciência comprometida com o convívio das pessoas. Segundo Oliveira (1985, p.77) Jesus foi,

um homem capaz de mexer com a alma do povo, enfrentar os adversários com a segurança com que o fazia de não se filiar a nenhuma corrente política de seu tempo, nem de fazer aliança com grupo dominador algum, era, sem dúvida um fenômeno.

Então podemos ver em Jesus uma fonte inesgotável de sabedoria que soube aproximar as pessoas que dele precisavam. Ele tinha um carisma que atraía os

seguidores por onde passava, esta característica era constante em suas ações diárias. Conforme Theissen (2004, p.210) um carismático é dependente das expectativas, esperanças e aprovações das pessoas à sua volta. Carisma sempre se desenvolve em interações. Dessa forma podemos observar nas atitudes de Jesus a manifestação do carisma com todas as pessoas com as quais conviveu.

Nas pesquisas constatamos que Jesus liderou um movimento de leigos durante sua caminhada e seus seguidores foram convidados a agir como Ele (cf. Lc 10,2-11). Jesus usou uma linguagem simples do cotidiano, utilizando o método de ensino popular que alcançasse o entendimento das pessoas.

Ao longo da história bíblica Jesus é igual a todas as pessoas, menos no pecado (Hb 4,15), porque viveu todo o processo de aprendizagem inerente às condições humanas. De acordo com Boff (1972, p. 7), Jesus participou realmente da nossa condição humana e assumiu nossos anseios mais profundos. Utilizou nossa linguagem marcada fortemente de conteúdos ideológicos, como era a ideia do Reino de Deus. Tentou esvaziá-la e dar-lhe um novo sentido de total libertação e absoluta esperança”.

1.2 A VIDA PÚBLICA DE JESUS

Na investigação da figura de Jesus, à luz dos relatos bíblicos e das ciências humanas, verificamos que Jesus aparece em sua vida pública como uma pessoa madura com critérios e juízos da realidade, capaz de captar as mensagens das criaturas e dos acontecimentos em uma fina sensibilidade (MARTÍN, 1997, p.41). Acrescenta ainda Martín (1997) que Jesus se compadece dos que sofrem e dos marginalizados sociais, utilizando a fala e o movimento com liberdade entre as pessoas com um domínio peculiar de Si mesmo e das situações em que atua.

O autor considera o ambiente uma forte influência na formação de Jesus e sua vida pública nos oferece uma visão de nada improvisado, mas foi construído ao longo de sua vida (MARTÍN, 1997, p.41).

No início de sua vida pública, Jesus percebe na sociedade de seu tempo que há uma multidão sem rumos, então vai ao encontro sem fazer um trabalho de massa: “E retirou-se Jesus com os seus discípulos para o mar, e seguia-o uma grande multidão da Galiléia e da Judéia, E de Jerusalém, e da Iduméia, e de além

do Jordão, e de perto de Tiro e de Sidom; uma grande multidão que, ouvindo quão grandes coisas fazia, vinha ter com ele” (Mc 3,7-8). Busca um relacionamento de perto com essas pessoas fazendo-lhes propostas de mudanças de vida (MESTERS e OROFINO, 2004, p.72).

O olhar de Jesus sobre o povo faz-nos ver que Ele se importava com as condições de vida da época, desde sua infância:

O sentido da vida, o gosto pelas coisas pequenas, a responsabilidade e o espírito de sacrifício, impregnam a infância de Jesus. A vigilância do criado que aguarda a chegada do seu senhor e a do dono da casa para que o ladrão não entre ou das virgens prudentes que esperam a chegada do noivo, são valores da vida de cada dia, que se aprende nos anos da formação humana (MARTÍN, 1997, p.50).

Nota-se que Jesus valorizou as pessoas em sua condição real e defendeu os princípios de uma vida digna conforme o que foi lhe ensinado.

O tempo e o lugar configuraram a história de Jesus, ocorrida em Nazaré, lugar em que descobre seus ideais. Nesta aldeia insignificante Jesus passa os anos obscuros de sua vida, na simplicidade e normalidade de um nazareno qualquer. Lugar onde foi moldado sua personalidade e mais tarde influenciou sua vida pública (MARTÍN, 1997, p.49).

A vida de Jesus foi marcada por conflitos, e estes eram de caráter social, político, econômico e religioso, pois ele buscava desmascarar as ideologias sociopolíticas e religioso-culturais da época, implicando na libertação do seu povo carente. Era dura a realidade, devido aos altos impostos cobrados por Roma àquele povo. E a revolta crescia dominada pela insatisfação. E nessa cena entra Jesus, observando o sofrimento, Ele descobre sua real missão, que era conscientizar o povo a lutar pelos seus ideais. “Neste longo período de silêncio, ele observa a situação do seu povo e tenta ler os sinais dos tempos (Mt 16,1-3). É nesses anos que amadurece nele a consciência da sua missão” (MESTERS, 1995, p. 48).

Segundo Mesters (1995), este foi o povo com quem Jesus viveu durante trinta anos. Era esta situação que ele experimentava e sofria diariamente.

Podemos concluir que a vida pública de Jesus começa com seu trabalho educativo cuidando dos doentes, convivendo com os pobres e os marginalizados (MESTERS e OROFINO, 2004, p.78). Podemos ver essa ação de Jesus no

evangelho de Marcos (2,17) “Não são os sadios que necessitam de médico, mas os enfermos.”

1.3 OS SEGUIDORES DE JESUS

A partir dos evangelhos encontramos um grande número de pessoas das mais diferentes origens e ocupações que seguiram a Jesus. Segundo Mesters e Orofino (2004, p.79) não há como definir tal proeza de Jesus em atrair um público diverso. É notório que fazia parte de sua pedagogia aceitar gente das mais extremadas posições sociais dentro de Israel. Isso o torna diferente e modificador das relações sociais.

O autor supracitado enfatiza que a palavra *seguir* definia o sistema pedagógico de Jesus, sendo um tipo especial de relacionamento entre Jesus (mestre), e os seus seguidores e seguidoras, chamadas de discípulos e discipulas.

Jesus foi seguido por muitos durante sua trajetória, uns sendo sinceros, outros por curiosidade e interesse: “E grande multidão o seguia, porque via os sinais que operava sobre os enfermos” (Jo,6,2).

Vasconcellos e Silva (2009, p.261) relatam que Jesus tinha um grande número de seguidores, e que há possibilidades desde início de sua caminhada várias comunidades seguiram a Jesus e conservaram vivas sua lembrança e propostas.

Na concepção de Lima (2016, p.17, 41) Jesus atraiu muitos discípulos, mas selecionou e treinou um grupo especial de seguidores comprometidos, sendo os doze apóstolos (Mc 3,14). Eram homens simples, incultos e com poucas possibilidades. A partir deste grupo, formou subgrupos: um grupo mais amplo de setenta, uma comunidade ampla de homens e mulheres e as multidões que paravam para escutar sua mensagem (Lc 10,1; 8,1-3).

As pesquisas deixam claro que Jesus foi uma pessoa popular que rompeu difíceis barreiras de gênero, de raça ou classe social, desvelando os conflitos e sinais daquela época.

1.4 COMO JESUS APRENDEU

Jesus aprendeu através das experiências difíceis da vida, do contato com o povo e seus discípulos. Não frequentou nenhuma escola, mas soube entender e aplicar o aprendizado nos momentos oportuno como formador. “Mesmo sendo Filho de Deus, aprendeu a ser obediente através de seus sofrimentos” (Hb 5,8).

Mesters (2012) defende que a escola de Jesus foi em casa com a família, onde vivia com seus pais e era obediente a eles (Lc 2,51). Aprendeu tudo que um ser humano precisava para saber conviver entre os povos. Ele se formou “crescendo em sabedoria, tamanho e graça, diante de Deus e dos homens” (Lc 2, 52).

A tarefa educativa da família era primordial para o crescimento dos filhos na tradição do povo de Israel. E esses aspectos do crescimento de Jesus em sabedoria, tamanho e graça se misturam entre si, pois a sabedoria traduz a aquisição dos conhecimentos da experiência humana, acumulada ao longo dos séculos das tradições e costumes do povo. Quanto crescer em tamanho significa passar por todo o processo do nascimento até a fase adulta, experimentando a alegria e os dissabores, as descobertas e as frustrações. E crescer na graça, é alcançar a plenitude da presença de Deus, nas celebrações, em família, na contemplação da natureza, nas contradições da vida e outras mais (MESTERS, 2012, p.8).

De acordo com Tonelli (2001, p. 29),

Os meninos judeus tinham muitas oportunidades para aprender informalmente através de jogos, nas compras que faziam no povoado, na participação nas festas populares e liturgias, nos acontecimentos sociais, pelo contato diário com as pessoas no mercado, na fonte do povoado e nos lugares em que os adultos se reuniam para conversar e compartilhar as notícias. Jesus teve esse aprendizado, como se pode ver em suas referências a tantas circunstâncias da vida diária.

O autor evidencia as oportunidades que eram concedidas aos meninos daquela época, na aquisição do aprendizado por ações metodológicas da vida cotidiana. As tarefas serviam como elementos de instrução para o ensino. Para Libâneo (2013, p. 56) o processo de ensino possui a finalidade de proporcionar aos alunos os meios para que assimilem ativamente os conhecimentos, sendo responsabilidade do docente mediar a relação cognoscitiva entre o aluno e as matérias de ensino.

Dentre outras citações de Mesters (2012), podemos reconhecer que Jesus aprendeu lendo as escrituras sagradas na Sinagoga em Nazaré e em casa com sua mãe, pois quando era confrontado sabia como sair das situações. Também aprendeu com os doutores da lei, escutando seus ensinamentos (Lc 2,46).

Outra escola que Jesus frequentou foi a convivência com seu povo em Nazaré. E dessa convivência aprendeu o significado da vida de forma tão natural, através dos costumes, das festas, das tradições, das doenças, dos remédios que curam as doenças, os medos, as frustrações e tudo mais que um ser humano possa enfrentar.

Mesters (2012) ressalta que Jesus teve um ensinamento básico com seu pai José como artesão e também como agricultor. As parábolas proferidas por Jesus se referiam ao campo, à agricultura e eram usadas para ensinar o povo. Percebe-se que o ambiente no qual Jesus cresceu influenciou suas ações bem como os exemplos citados por Ele durante seus ensinamentos.

No que se refere ao conhecimento das Escrituras e o lugar o qual Jesus aprendeu, e com quem aprendeu, Méier (2001, p. 288) expressa que

...as notícias sobre a habilidade de Jesus ao debater interpretações da Escritura e da halaka² com devotos fariseus, escribas profissionais e autoridades de Jerusalém, tanto na sinagoga como no templo advogam certa capacidade de leitura dos textos sagrados, que deve ter recebido diretamente de José ou de algum judeu com maior instrução, procurado para esse fim. À parte de José, o instrumento de maior possibilidade para a educação seria a sinagoga de Nazaré, que funcionava como uma espécie de “escola elementar” religiosa.

Percebe-se que Jesus experimentou uma vida singular em seu tempo, capaz de absorver os ensinamentos de seus pais e também na Sinagoga, conhecida como a casa da letra, propriamente uma escola, segundo afirma Mesters (2012, p.12). Apenas os meninos podiam frequentar esse lugar, no qual eram ensinadas a leitura e a escrita. O evangelho de Lucas traduz essa ação praticada por Jesus:

E, chegando a Nazaré, onde fora criado, entrou num dia de sábado, segundo o seu costume, na sinagoga, e levantou-se para ler. E foi-lhe dado

² Halaká: método de interpretação da Escritura que consiste em extrair normas legais derivadas de citações da Escritura. (MENDELL, 1966).

o livro do profeta Isaías; e, quando abriu o livro, achou o lugar em que estava escrito (Lc 4, 16-17).

Mesters (2012) esclarece que era comum naquela época os meninos se ajuntarem às sextas feiras na Sinagoga para preparação das leituras na *casa da letra* e no sábado em comunidade lia corretamente durante as celebrações. Certamente, Jesus por várias vezes assim o fez até tornar-se pronto para enfrentar as situações do dia a dia.

Os evangelistas deixam claro que durante o ministério de Jesus a sua atuação era expressiva, carregada de um conhecimento e capacidade de interpretação, demonstrando que havia aprendido com sabedoria. Segundo Tonelli (2001, p.28), Jesus era um aluno receptivo, diligente e crítico, chegando a causar espanto entre os mestres no templo de Jerusalém: “depois de três dias, encontraram o menino no templo. Estava sentado entre os doutores, escutando e fazendo perguntas. Todos que ouviam o menino ficaram maravilhados com a inteligência de suas respostas” (Lc 2, 46-47).

Segundo MacArthur (2016, p. 70), esta é uma descrição única de Jesus sentado entre os principais rabinos de Israel, ouvindo-os com atenção. Naquele momento estava como aprendiz, num ato de reflexão do que estava sendo ensinado. As indagações que fez àqueles rabinos faziam parte de processo de aprendizagem. Isso demonstra que todo aspecto de desenvolvimento de Jesus foi comum e não fora do comum. O autor enfatiza ainda, mesmo Jesus sendo encarnado, sua mente consciente estava sujeita às limitações humanas.

Mesmo com essas instruções Jesus teve apenas ensinamentos básicos apreendidos em família, sendo uma instituição educativa da época em toda história do povo de Israel, pois não havia outra privilegiada em nível educativo, mesmo que apareceu mais tarde, a sinagoga (TONELLI, 2001, p.23).

Em toda sua história notamos que Jesus tinha facilidade com as escrituras quando pronunciava diante das pessoas. Renan (sem data, p.446) relata que:

Por três vezes, no entanto, Jesus aparece nos evangelhos lendo ou escrevendo, e Meier considera que isso possa corresponder à realidade dos fatos: o interesse pelas escrituras teria levado Jesus a alfabetizar-se, aprendendo a ler e escrever com os mestres das sinagogas.

Podemos verificar ainda através de Magnani (1998, p.251-252), é óbvio que as sinagogas eram usadas como escolas, no tempo de Jesus, especialmente para a instrução primária, correspondente às nossas escolas elementares. Contudo esse ensinamento ainda não possuía um caráter sacro e as lições poderiam ser aplicadas na casa do professor.

Compreende-se então, mesmo Jesus tendo frequentado a casa das letras, não teve um estudo formalizado, era desprovido da formação rabínica completa. Mas causou espanto entre os judeus: “Como é que esse homem tem tanta instrução se nunca estudou?” (Jo 7, 12-15).

Neste sentido, Jesus trouxe inquietação para o povo de sua época pela grandeza e sabedoria que lhe foram conferidas, a ponto de dizer que “Ninguém jamais falou como esse homem” (Jo 7,46). E sua fama correu por onde passava.

Os relatos bíblicos evidenciam quando Jesus entrou na sinagoga de Cafarnaum e começou a ensinar, causou espantos entre todos e eles questionaram entre si: ‘O que é isso? Um ensinamento novo, dado com autoridade?’ (Mc 1,27-28; 11,18). Tonelli (2001, p. 22) ressalta que todos esses espantos e maravilhas causados por Jesus, demonstram que Ele estava qualificado para ensinar, mesmo que lhe faltassem títulos e reconhecimentos oficiais como mestre, mas era um mestre carismático, popular, sendo um verdadeiro profeta- educador.

Os evangelhos demonstram os acontecimentos da vida de Jesus em diversos lugares, evidenciando o cotidiano dos fatos, mas não há nada expresso sobre sua escolaridade. No entanto, a figura principal era Jesus, traduzindo as mensagens a seu respeito e apresentando os ensinamentos dos discípulos como o fundador da história (Lc 1, 1-4).

Comumente, o nosso aprendizado acontece além de uma sala de aula, muitas coisas são apreendidas na escola da vida e na universidade do cotidiano, pois trazemos conosco uma bagagem adquirida no cotidiano das nossas ações. E se aplicarmos esse conhecimento em nossas vidas diárias, refletirá sentido e se converterá em experiência e sabedoria, sendo o magistério da vida (TONELLI, 2001, p.29).

1.5 QUEM RECONHECEU JESUS COMO MESTRE

Nosso verdadeiro mestre é aquele que é ouvido, que se diz morar no íntimo do homem, isto é, Cristo, o poder imutável e sabedoria eterna de Deus (Santo Agostinho, De magistro, XI, 380) (GRENIER, 1998, p.7).

Em sua trajetória Jesus recebeu o título de Mestre nos quatro evangelhos da Bíblia, que no grego lê-se *didaskalos*³ (GRENIER, 1998, p.7-18). Ele também foi contatado como Rabi que em hebraico significa 'meu mestre', sendo uma expressão de respeito usada pelos discípulos ao seu mestre⁴. É notável que Jesus sentia-se feliz em ser assim identificado e reconhecido, pois assim Ele também o reconhecia: "Vós, me chamais Mestre e Senhor- e dizeis bem, porque eu o sou" (Jo 13,13).

De acordo com Grenier (1998, p.17) Jesus é reconhecido como mestre pelos seus amigos e discípulos como também pelos escribas e fariseus e outros que são contrários a ele.

Acrescentando ainda a lista daqueles que reconheceram Jesus como mestre, Bravo (2007, p.40) relata que pessoas de origens diferentes faziam parte do grupo: além dos doze discípulos, gente do povo, herodianos, saduceus, escribas, publicanos (Lc 8,24; Mc 5,35; Mc 12,14; Mc 12,19; Mc 12,32; Mt 17,24).

Tonelli (2001, p.11) enfatiza que pessoas de todos os grupos sociais com intenções e sentimentos diferentes se dirigiram a Jesus como mestre, até mesmo os que se opunham a Ele: "Mestre, sabemos que tu és verdadeiro, e que ensinas de fato o caminho de Deus" (Mt 22,15). Também reconhecem Jesus aqueles que querem segui-lo como mestre: "Um jovem se aproximou, e disse a Jesus:" Mestre, que devo fazer de bom para possuir a vida eterna?" (Mt 19,16). Podemos ver ainda: "Um doutor da Lei se aproximou e disse: "Mestre, eu te seguirei aonde quer que fores" (Mt 8,19). Percebemos a popularidade de Jesus entre seus seguidores e também como referencial para um estilo de vida.

Recorrente ao vocábulo mestre vimos a grandeza e o significado que traduziu aos seguidores de Jesus, o reconhecimento. Na etimologia "mestre" provém do latim *magister*, que significa professor, aquele que professa algo, que tem a dedicação de ensinar (CLOSS, 1977).

³ Há outros termos que correspondem à palavra mestre e são relacionados com Jesus: *epístátes*, *rabbi* e *rabbuni*, mas a forma que predomina é *didáskalos* (BRAVO, 2007, P.39).

⁴ Segundo Pagola (2011, p.287) as pessoas o chamam rabi, porque o veem como um mestre. Não é apenas uma forma de tratá-lo com respeito. Seu modo de dirigir-se ao povo para convidar a todos a viver de outra maneira ajusta-se à imagem de um mestre de seu tempo. Vimos que os autores diferem ao descrever que Jesus é tratado como Rabi pelo respeito dos discípulos, mas ao ler os Evangelhos fica claro que era um mestre que ensinava de maneira diferente com exemplos de vida.

Partindo do pressuposto de Velloso e Velho (2001), mestre nos conceitos educacionais não está vinculado ao um título acadêmico conferido por uma instituição de educação superior e nem tampouco transmitir os conteúdos sistematizados. Ser mestre é mediar o aprendizado, possibilitando o direito de desenvolver ao longo da vida num ato formativo.

1.6 COMO ERAM OS MESTRES NA ÉPOCA DE JESUS

No primeiro século da Era Cristã, na sociedade judaica, os rabinos eram os grandes educadores. E essa função somente era ocupada se o candidato tivesse frequentado a Escola dos Escribas em Jerusalém (At 22,3). Ao concluírem os estudos, voltavam para as aldeias e educavam as pessoas, convivendo e compartilhando com elas os afazeres do cotidiano (MESTERS E OROFINO, 2004, p.70).

Os autores acrescentam ainda, que os rabinos levavam uma vida disciplina e de grande exemplo, sendo respeitados pelo povo da aldeia. Ocupavam os dois principais espaços em sua prática educacional: o primeiro era o culto semanal na sinagoga, educar era antes de tudo, preservar as tradições e não se deixar envolver pelas propostas culturais greco-romano. O outro espaço era a escola, que funcionava junto à sinagoga, na qual o rabino era o professor.

No entanto, segundo Mesters e Orofino (2004, p, 71) a prática pedagógica dos rabinos visava à maturidade da pessoa para que ela pudesse ser um membro ativo e participante da vida social nas decisões da aldeia quanto do país.

Sendo referência forte e obrigatória os rabinos tinham o poder de interferir nas vidas das pessoas, mesmo não sendo desejados. Era a autoridade máxima do lugar. Podia entrar nas casas e vistoriar bens, comidas e roupas (Lv 14, 33-56).

Para Tonelli (2001, p.15) é impossível entender o significado da palavra mestre no contexto atual, haja vista que será necessário conhecer os mestres da época de Jesus para saber se Ele identificava com essa categoria social em Israel.

Mediante a constatação dos fatos a pesquisa nos fornece elementos que possam esclarecer tal suposição. Havia se formado nos últimos séculos da era cristã uma nova classe dominante: a dos escribas e doutores da Lei. E o saber era a única

coisa que dava poder aos escribas. Portanto qualquer jovem que quisesse alistar-se a esta corporação teria que estudar vários anos, iniciando a formação como aluno (*talmîd*). E quando estivesse pronta e dominada toda a matéria tradicional seria ordenado e autorizado para proferir as sentenças em processos civis (TONELLI, 2001, p.16-19).

O autor supracitado ressalta que os escribas tinham direito de receber esse título desde época de Jesus e eram os únicos que podiam entrar na assembleia suprema, o sínédrio. Eram respeitados pelo povo com temor e reverência por serem detentores e mestres da ciência esotérica sagrada, pois suas palavras tinham autoridade soberana (TONELLI, 2001, p.17-19). A conjuntura dos fatos fornece detalhes típicos que demonstram o prestígio dos escribas junto às pessoas em lugares públicos (Mc 12,39ss).

1.7 OS ENSINAMENTOS DE JESUS

Quando olhamos para Jesus parece estranho o reconhecer como educador, pois não cursou uma escola que o qualificasse nessa formação. Mas é inegável atribuir-lhe atitudes e modelos de um mestre na arte de ensinar, pois com a inteireza de seus recursos, aproveitou todas as oportunidades para transmitir o ensino.

Os aspectos privilegiados do ensino de Jesus foram destacados primeiramente pelo exemplo de vida, que o tornava diferente da sua época. Ele optava pela prática em relação ao discurso e à fala e depois esperava os resultados.

A presença de Jesus foi marcada pela forma como Ele conduzia as pessoas a seguirem o caminho da esperança e liberdade diante dos desafios daquela época. Segundo Borg (1987, p.97), Jesus não era primeiramente mestre de crenças corretas ou de princípios morais certos, antes ele era mestre do caminho. Em sua época ele era o centro, o modelo e se manifestava como o Caminho para aqueles que desejam percorrer estradas impossíveis de caminhar: “Eu sou o caminho a verdade e a vida” (Jo 14,6). Simbolicamente, “caminho” pode ter várias conotações. Mas se tratando de Jesus, à luz das escrituras, o caminho é aquele que leva ao novo, do seguir adiante, indo além do conhecido, do familiar, rumo ao absoluto (GRENIER, 1998).

Na concepção de Grenier (1998), Jesus se manifesta como caminho porque foi itinerante e comemorou todos os seus encontros na estrada, sendo o Caminho-guia, ou o bom pastor que caminha com suas ovelhas (Jo 10,4).

Quando Jesus convida a segui-lo há uma ação efetiva em formar uma comunidade educativa e educadora. E essa ação do verbo seguir aparece tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento, sendo uma expressão quase exclusiva dos evangelhos. Numa perspectiva pedagógica, sendo o ponto chave de leitura dos evangelhos, denota-se a evidência do convite e a exigência de Jesus em segui-lo como mestre.

Conforme Tonelli (2001, p.87-88), a expressão *seguir* ou *ir atrás de* aparece no Novo Testamento de formas distintas:

Em algumas ocasiões diz respeito simplesmente a um seguir físico de Jesus (Mt 8,10; 9, 19). Mas na maioria das circunstâncias, o verbo seguir tem sentido mais profundo, unindo o seguir físico à vinculação pessoal e espiritual: aquele que segue a Jesus o acompanha permanentemente, adere à sua causa e participa de seu destino (Mt 10,38; 16,24; Mc 3,7). Finalmente, alguns textos usam o verbo seguir em sentido predominantemente simbólico, perdendo o sentido originário de itinerância (Mc 3, 7). Em sentido muito parecido a este, encontramos nos Atos dos Apóstolos o termo seguir o caminho ou seguidores do caminho: Jesus é apresentado no evangelho de João como "o caminho" (Jo 14,6) e os Atos chamam os que acreditam nele como seguidores do caminho (At 9,2; 18,25-26).

Seguir a Jesus se define pela maneira do chamado, como se aproximar e relacionar com Ele. A priori, Jesus se fez o Caminho para oportunizar ao aprendizado. De acordo com Bravo (2007), seguir o modelo de Jesus deveria significar antes de tudo, entender que se trata de um caminho que os levará a se tornar mestres.

No decorrer de uma fundamentação pedagógica, busca-se então o aprendizado e este pode ser direcionado por Jesus no caminho que Ele propôs a ser seguido, com atitudes de um olhar atento, que promova transformações e mudanças na história. Seguir o Mestre é caminhar pela sua estrada, da mesma forma que os discípulos o seguiram, aprendendo as boas novas.

Jesus tinha um propósito em sua caminhada, pois abriu-nos caminho e nos indica uma pedagogia essencial para o processo educativo, e isto era encontrado no seu modo de agir, de se relacionar e no emprego de suas palavras.

A prática de Jesus inicia-se com o chamado a seus discípulos. Cria – se uma escola, e os discípulos definem sua missão, aprender com o Mestre a pedagogia humanizadora e libertadora (MEIER, 2006, p. 36).

A pedagogia de Jesus tem sido alvo de vários questionamentos e reflexões. Porém é um tema que não se esgota, pois os pesquisadores do assunto procuram evidenciar com clareza, como Ele educava aqueles que se propunham a ouvi-lo. Faz-se necessário buscar compreensão na leitura dos Evangelhos e outras literaturas, elementos que possam traduzir a identidade de Jesus como mestre e educador.

Nos Evangelhos, especificamente os sinóticos⁵, o vocábulo ensinar, instruir ou formar, aparece com frequência, referindo-se à ação de Jesus. “E percorria Jesus toda a Galiléia, ensinando nas suas sinagogas, e pregando o evangelho do Reino, e curando todas as enfermidades e moléstias entre o povo” (Mt 4,23).

A expressão ensinar reforça o que foi realizado por Jesus ao longo de sua caminhada, no enfrentamento de problemas ligados às pessoas de sua época. Bravo (2007), em *A procura do perfil de Jesus*, questiona sobre o estilo pedagógico de Jesus mestre. O que o distinguia, e de qual fonte ele bebia? De que maneira ele traçava com suas palavras, ações e testemunho o caminho educativo de sua comunidade? Torna-se evidente nas passagens dos Evangelhos, que a principal característica de Jesus é a de mestre, pois assim o reconheciam os seus contemporâneos, os discípulos e Ele próprio: “Jesus disse: “Ide à cidade na casa de tal pessoa e dizei-lhe: “O Mestre manda dizer-te: O meu tempo está próximo; quero celebrar a ceia pascal com meus discípulos em tua casa” (Mt 26,18).

Dentre várias ações, o ensino era a principal atividade de Jesus. Em alguns textos, segundo Bravo (2007), aparece o termo ensinar e o conteúdo de seu ensino, mas existe um grande número de textos onde Jesus de fato ensina sem que apareça a palavra. O autor reforça ainda que nos Evangelhos está definido que a ação de Jesus se caracterizava em ensinar, e que também enviou seus discípulos a realizarem o mesmo ato (Mt 28,19-20). E este ato está ligado ao seu ministério magisterial.

⁵ A palavra sinótico deriva de duas outras palavras gregas syn (junto) e óptic (visto), tendo o sentido de “vistos juntos” ou “que têm o mesmo ponto de vista”. E se aplica aos três primeiros evangelhos, pela narrativa da história registrada sob uma mesma perspectiva. Segundo Carson, Moo e Morris (1997) o vocábulo sinótico foi usado pela primeira vez pelo estudioso alemão J.J. Griesbach, no final do século XVIII.

Durante a vida pública de Jesus, Ele encarregou seus discípulos de ensinar, e esta ação foi produzida pela prática deixada por Ele: “Os Apóstolos reuniram-se com Jesus e narraram-lhe tudo o que tinham feito e ensinado” (Mc 6, 30). Esse vínculo estabelecido por Jesus com os discípulos de constante aprendizado e crescimento, encontra-se nos relatos dos evangelhos: “O discípulo não está acima do mestre, nem o servo acima do seu senhor. Para o discípulo basta ser como o seu mestre, e para o servo como o seu senhor” (Mt 10, 24-25).

De acordo com Mesters (2012, p. 33), seguir a Jesus era o termo que fazia parte do sistema educativo daquela época, pois sinalizava relacionamento dos discípulos com o mestre.

Destaca ainda Mesters (2012), que a relação mestre e discípulo difere do professor e aluno, porque os alunos participam das aulas de um determinado conteúdo e não convivem com ele. Enquanto os discípulos seguem o mestre e convivem com ele.

Os discípulos, no seu convívio com Jesus, foram assimilando, progressivamente, o jeito do Mestre, a sua filosofia, pedagogia, teologia e ética. Em Jesus, havia uma sensibilidade incomum. Ele era diferente, olhava e via de forma mais profunda, captava a raiz da situação em questão (MEIER, 2006, p.46).

Jesus foi um educador por excelência, pois seus ensinamentos são conferidos através de seus métodos e atitudes deixados por Ele. Jesus transformou homens rudes e despreparados em evangelistas, apóstolos, pregadores, mestres, escritores, mártires e servos do Reino de Deus, ensinando-lhes um caminho libertador.

A ação pedagógica não acontece de forma isolada, mas tem um propósito em si, uma intencionalidade em transformar o homem em ser íntegro. E os ensinamentos de Jesus eram desenvolvidos em vários cenários, não se limitavam ao discurso, mas tinham intenção, em ensinar o caminho, a libertação do que prendia o homem em conhecer a verdade.

A mensagem de Jesus é de radical e total libertação da condição humana de todos os seus elementos alienatórios. Ele mesmo já se apresenta como o homem novo, da nova criação reconciliada consigo mesma e com Deus. Suas palavras e atitudes revelam alguém libertado das complicações que os homens e a história do pecado criaram. Vê com olhos claros as realidades mais complexas e simples e vai logo ao essencial das coisas. Sabe dizê-los breve, concisa e exatamente. Manifesta em extraordinário bom senso que

surpreende a todos que estavam ao seu redor. Talvez esse fato tenha dado origem à cristologia, isto é, a tentativa de a fé decifrar a origem da originalidade de Jesus e de responder à pergunta: Mas quem afinal és tu, Jesus de Nazaré? (BOFF, 1972, p.93).

Fundamentalmente, a pedagogia de Jesus se configura na própria comunidade humana, com evidências na dignidade e o respeito que foram destacados nas diversas ações realizadas por Ele. E estas ações apontam para uma metodologia participativa e de interação entre educandos e educadores (CELADEC, 1996, p.5).

Na pedagogia de Jesus, junto com a centralidade e a valorização da pessoa, segundo Peresson (2001), encontramos como condição e consequência, o chamado à permanência da liberdade. Para Jesus como mestre, a verdade era condição e garantia da liberdade: “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo 8, 32).

A relevância dessa pedagogia, é que Jesus assume prerrogativas divinas, na sua maneira de agir em prol das pessoas, assumindo compromisso libertador e solidariedade às pessoas que necessitavam de ajuda.

Percebemos que o ensinamento de Jesus aconteceu além dos muros da escola, como acontece nos dias atuais em escolas clássicas. Não tinha espaço definido para acontecer, pois aconteceu em lugares tais como no deserto, nos montes, nas sinagogas, no interior das casas, na beira da praia e em outros lugares. Não fazia acepção das pessoas e por onde passava atuava como mestre.

1.8 QUAIS ESTRATÉGIAS DE ENSINO JESUS UTILIZAVA

Por onde Jesus passava causava espanto às pessoas, porque Ele suavizava o fardo dos oprimidos e ensinava como especialista dos assuntos: “Todos ficaram muito espantados e perguntavam uns aos outros: O que é isso? Um ensinamento novo, dado com autoridade...” (Mc 1, 27).

O ensino de Jesus, tão diferente da mentalidade do homem de seu tempo, entra em choque com as autoridades constituídas. Ao compromisso religioso – moralista opõe uma vida real, uma justiça maior (RENAN, sem data, p. 426).

Por agir diferente Jesus incomodava as pessoas, e diante das circunstâncias era procurado para falar-lhes, porque transmitia segurança e seu fardo era leve.

As pesquisas apontam que Jesus não tinha a sistemática dos métodos como se emprega hoje nos ensinamentos, mas a forma que Ele conduziu seus ensinamentos demonstrou grande preparo e habilidades de um verdadeiro mestre no uso dos métodos. A ação didática estabelecida por Jesus provinha do natural e das circunstâncias do momento, sendo incomparável nas práticas docentes atuais.

O ato de ensinar e de aprender, dimensões do processo maior – o de conhecer – fazem parte da natureza da prática educativa. Não há educação sem ensino, sistemático ou não, de certo conteúdo. E ensinar é um verbo transitivo-relativo. Quem ensina, ensina alguma coisa – conteúdo - a alguém – aluno. (FREIRE, 2009, p. 110).

Jesus causava admiração aos seguidores pela sua forma de conduzir as ações porque o seu discurso ia de encontro às necessidades, os acontecimentos dos lugares e do tempo, colocando-se do lado do povo, que acredita nele e acolhe a boa nova. Podemos ver esse exemplo ao final do sermão da montanha: “Quando Jesus acabou de dizer essas palavras, as multidões ficaram admiradas com o seu ensinamento, porque Jesus ensinava como alguém que tem autoridade, e não como os doutores da Lei” (Mt 7, 28- 29).

Grenier (1998) evidencia que as leituras dos evangelhos nos oportunizam verificar que há uma ligação perfeita entre o que Jesus ensinava e o que fazia: “Aprende de mim” (Mt 11, 29). Sendo uma virtude encontrada na vida de Jesus em qualquer momento e em qualquer lugar.

Reafirma Bravo (2007, p.78) que sem dúvida, um dos elementos mais significativos dos ensinamentos de Jesus é sua própria existência, que o denuncia como verdadeiro mestre, que nunca para de aprender, sempre está incorporando o aprendizado à sua vida.

Conforme Mesters (2012, p.62), Jesus utilizava o testemunho de sua vida como recurso para formar os discípulos: “Segue-me” (Lc 5,27). “Venham e vejam” (Jo 1,39). Esse é um ponto de referência na vida daqueles que estão sendo formados, sendo possível seguir o caminho através de atitudes que traçam um aprendizado através do exemplo.

Outra estratégia utilizada por Jesus centrava-se na experiência de vida das pessoas que o escutavam, numa linguagem acessível e clara, pois tratava da vida secular do povo. Utilizava as experiências para se fazer entendido, baseando-se nas coisas domésticas, do dia a dia. Como exemplo, podemos evidenciar o Sermão da Montanha, descrito no livro de Mateus (5,7), que retrata muito bem o método que Jesus usou para ampliar seus ensinamentos.

Considerando o Sermão da Montanha, especificamente o final, Mesters (2012, p.63) recorre a essa escritura da Bíblia para reafirmar que Jesus usava a técnica da memorização de conteúdos por intermédio de repetição, a fim de assimilar o que se pretendia ensinar, pelo fato de não haver livros nem manuais naquela época.

Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha. E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha. E aquele que ouve estas minhas palavras e as não cumpre, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia. E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e caiu, e foi grande a sua queda (Mt 7,24-25 e 26-27).

Segundo Grenier (1998), há razões para acreditar que Jesus como bom professor, não sobrecarregava seus ouvintes, mas utilizava meios que assegurassem o aprendizado do seu povo, mediante a capacidade de aprender de cada um. Assim diz Jesus: “Ainda tenho muitas coisas a dizer-vos, mas não sois capazes de as compreender agora” (Jo 16, 12).

Jesus ensinou utilizando a técnica da pergunta. Vimos no Evangelho de Lucas quando isso ocorreu: “encontraram-no no templo, sentado no meio dos doutores, escutando-os e fazendo-lhes perguntas” (Lc 2,46). E nessa linha de questionamentos, várias citações foram referidas por Jesus nos Evangelhos: “Qual dos três te parece ter sido o próximo dos homens que caiu nas mãos dos salteadores?” (Lc 10, 36). Vimos que os questionamentos assumem centralidade no ensino de Jesus, principalmente no Evangelho de João, onde encontramos o maior número de perguntas, tal como exemplo: “Que procurais?” (Jo 1,38).

De acordo com Mesters (2012, p.63), as grandes questões do momento e os questionamentos ao povo funcionavam como gancho para Jesus levar os discípulos a refletirem e descobrirem os ensinamentos transmitidos naquela época.

A técnica de questionamentos utilizada pelos professores promove o conhecimento prévio que o aluno traz e possibilita adequação do planejamento que será utilizado pelos professores, promovendo a eficácia do ensino aprendizagem. De acordo com Grenier (1998), fazer perguntas pertinentes e de sondagem é característica tanto do aluno eficiente como do bom professor.

Entre outras técnicas, Jesus também respondia a perguntas que lhe eram feitas, e estas desafiavam quem estava questionando, chegando ao ponto de não mais desafiarem Jesus: “Eles já não ousavam fazer-lhe perguntas” (Lc 20, 40).

Outra estratégia utilizada por Jesus foi o uso das Escrituras para iniciar uma lição como exemplo do seu ensino e também para destacar aquilo que queria proferir. Quando Jesus esteve com os dois discípulos no caminho de Emaús, Ele explicou o que as Escrituras diziam a seu respeito:

Então, Jesus disse a eles: ‘Como vocês costumam para entender e como demoram para acreditar em tudo o que os profetas falaram. Será que o Messias não deveria sofrer tudo isso para entrar na sua glória?’ Então, começando por Moisés e continuando por todos os profetas, Jesus explicava para os discípulos todas as passagens da Escritura que falavam a respeito dele (Lc 24,25-27).

Acrescentando ainda Mesters (2012, p.64) Jesus recorreu à técnica de momento a sós com os discípulos para instruí-los de forma singular, levando-os a lugares distantes: “E, assentando-se ele no monte das Oliveiras, defronte do templo, Pedro, e Tiago, e João, e André lhe perguntaram em particular” (Mc 13,3).

1.9 QUAIS ERAM OS MÉTODOS DO ENSINO DE JESUS

Para que o processo ensino e aprendizagem tenha êxito, se faz necessário a utilização de métodos eficazes. E os professores para ministrarem suas aulas organizam a melhor maneira para que o aprendizado aconteça, ou seja, é o caminho que ele define para chegar ao objetivo desejado (LIBÂNEO, 2013, p.164-169).

Considerando a definição de método, sabemos que o professor pode utilizar a combinação de dois ou mais métodos, dependendo do nível de ensino que será contemplado. Conforme Libâneo (2013, p.165), não há método único de ensino, mas

uma variedade de métodos cuja escolha depende das situações didáticas específicas e das características sócio- culturais dos alunos.

E não foi diferente com Jesus, porque Ele lançou mão de todas as técnicas de ensino conhecidas na sua época, com uma linguagem expressiva e prática, de fácil entendimento, através de ilustrações, não sendo abstratas e nem acadêmicas (TULER, 2006, p.203-204). Apesar da recorrência dos métodos, não podemos afirmar que Jesus tivesse domínio sistemático do emprego ou estudo dos métodos, mas de forma habilidosa os empregava com naturalidade nas ações diárias do seu ensino (PRICE, 1980, p.73).

Segundo Price (1980) Jesus não se restringiu a um único método e nem sobrepôs um melhor que o outro, mas os empregava em conformidade com as circunstâncias dos momentos de forma plausível, embora as escrituras nos mostram que Jesus utilizou as parábolas com mais frequência em seus ensinamentos, sendo esta uma figura importante e complexa para o nosso entendimento. Grenier (1998, p.43) destaca que o evangelista Marcos vai mais longe a ponto de afirmar que Jesus “não falava [ao povo] senão em parábolas” (Mc 4, 34).

De acordo com Mesters (2012, p.57-59) Jesus tinha habilidades em criar parábolas, ou pequenas histórias partindo das coisas simples que todos os povos conheciam e experimentavam na luta pela sobrevivência.

O autor defende que a parábola é uma forma participativa de ensinar e de educar. Através da provocação, leva as pessoas a descobrirem de forma contemplativa e observadora a realidade dos fatos. A parábola provoca para pensar, levando as pessoas a se envolverem na história partindo da própria experiência de vida.

Devido a sua importância, o gênero parábola foi discutido entre vários estudiosos e especialistas do assunto, devido à forma e quantidade de vezes que foi empregado por Jesus em seus ensinamentos.

É recorrente que o gênero parabólico não foi invenção de Jesus, pois encontramos citações no Antigo Testamento, pois faziam parte dos métodos de ensino habituais dos hebreus (BRAVO, 2007, p.52-53).

As parábolas são relativamente numerosas no Antigo Testamento e são encontradas tanto nos livros históricos como nos livros proféticos e nos livros sapienciais. Porém, é, sobretudo nos escritos rabínicos que esse gênero abunda: calcula-se entre o Talmude e os Midrashim encontram-se não menos de duas mil parábolas (VILLEGAS, 1993, p. 42).

No entanto vimos que a parábola era um protótipo muito utilizado no Antigo Testamento, pois fazia parte da tradição e da cultura dos sábios e dos profetas daquela época.

Bravo (2007) ressalta que é importante compreender a diferença entre o enunciado das parábolas e as formas como elas operam, porque senão ficaria difícil extrair as mensagens que Jesus queria transmitir às pessoas. Segundo Villegas (1993, p.42) as parábolas de Jesus transparecem sempre um olhar atento e simpático às realidades da vida cotidiana do povo simples que constituía o mundo ao qual ele mesmo pertencia.

Jesus usava as parábolas para transmitir seus ensinamentos e conscientizar as pessoas a mudarem seus caminhos, adotando ideias corretas e atendendo assim ao chamado do mestre, com o que tem ouvidos para ouvir. Ele usa as parábolas de forma diferente, porque suas parábolas não possuem uma finalidade puramente doutrinal, como proposição de conteúdos intelectuais, nem uma finalidade puramente estética, como mera expressão poética de vivências interiores. As parábolas de Jesus estão vinculadas a ações concretas (PÉREZ, 1991, p. 120).

Na concepção de Stiller (2005, p.15):

Em suas parábolas, Jesus não deixava ninguém permanecer neutro: as pessoas eram forçadas a responder seu chamado de se juntar a ele em seu novo reino. Parábolas foram o meio de Jesus quebrar as mentes resistentes com percepções que atordoam seus ouvintes, não apenas com a surpresa e reviravolta, mas também com uma sabedoria chocante. Apesar de seu conteúdo, aqueles que não ouviram o que esperavam se recusaram a ouvir o que ele estava dizendo. Para entender as parábolas deve-se trabalhar nelas e se não o fizer, você acaba não as entendendo. Pedagogicamente, no processo de aprendizagem, move-se de um nível de entendimento para um nível maior de dificuldade apenas quando se dominam os níveis mais elementares. Estes ouvintes de Jesus – naquela época e hoje – vão para as percepções mais difíceis de seu reino apenas quando eles aprenderem o que é primário.

Podemos considerar que o gênero parábola é uma narrativa que traduz um ensino eficaz, pois os evangelistas, em uma reestruturação de contexto, segundo Grenier (1998) ligam às narrativas de Jesus sentenças do Senhor, que interpretam a parábola ou estão relacionadas ao tema delas ou semelhante às conclusões morais das fábulas de Esopo.

Mesters (2012, p.59) enfatiza que foram poucas vezes que Jesus explicou as parábolas, de vez em quando fazia isso aos discípulos. “E sem parábolas nunca lhes

falava, porém tudo declarava em particular aos seus discípulos” (Mc 4,34). Levando em consideração que o ensino por parábolas era um voto de confiança de Jesus na capacidade dos discípulos de entenderem seus ensinamentos.

De acordo com os Evangelhos, Jesus aproveitava as oportunidades para tornar as circunstâncias simples numa circunstância de ensino. Ele não separa sua práxis da situação de vida do seu povo. Ele narra as histórias de acordo com as tramas vividas pelos oprimidos, e extrai uma ação pedagógica popular, comum, numa leitura de mundo, revelada pelos problemas do seu tempo e espaço. Todo esse esforço de Jesus é porque conhecia a realidade do seu povo e estava inserido nela. E usava as parábolas para anunciar e denunciar as injustiças que o povo enfrentava naquele momento. Jesus se posicionou como pedagogo dos oprimidos em prol de uma liberdade justa e humana.

Em primeiro lugar o conteúdo sempre está ligado à pessoa que o comunica. Jesus era uma pessoa acolhedora (Mc 6,34). Queria bem ao povo. A bondade e o amor que transparecem nas suas palavras fazem parte do conteúdo. São o seu tempero (MESTERS,1995, p. 60).

Percebe-se que a pedagogia de Jesus é a pedagogia que acolhe que atende às necessidades básicas, do direito a vida com abundância. Ensinava sem fazer exclusões, isto é, incluía e se relacionava com os marginalizados ou desprezados por diversas razões (MESTERS,1995).

A transmissão do seu ensino não era fundamentada em nenhuma escola de interpretação e nem em tradições humanas, mas era apoiada em sua própria autoridade.

Fazendo referência a Bravo (2007), os métodos ou formas utilizadas por Jesus expressam seu ser, sendo formulado sob o conceito de atitude, que se assenta no próprio ser. Jesus não aplica seus métodos de forma indiscriminada, porque analisa os destinatários e suas situações, sendo um ensino contextual. Nota-se que esse método de ensino proporciona a leveza de aprender com o que se percebe ao redor. O autor acima mencionado destaca que quando estamos abertos, somos capazes de incorporar o que nos rodeia.

Além dos recursos acima mencionados, Jesus não se deteve apenas nesses, mas utilizou outros recursos linguísticos para efetivar seus ensinamentos, porque absorveu muita coisa boa na tradição sapiencial de seu povo. Isto se torna evidente

não somente no conteúdo dos seus discursos, mas no uso que faz das formas de ensinamento que usualmente associamos com essa tradição: provérbios/ sentenças, ações simbólicas, recursos visuais, retórica, bem-aventuranças e outros recursos (GRENIER, 1998, p.36-37).

Considerando o ensino de Jesus através dos métodos utilizados, percebemos que atendeu os critérios relacionados ao conteúdo que queria transmitir ao seu povo. Em nenhum momento ele demonstrou insegurança no ato de ensinar, mas recorreu as diversas formas para que acontecesse o aprendizado, adaptando ao público que lhe ouvia.

1.10 A PRÁXIS DE JESUS EM EVIDÊNCIA: O SERMÃO DA MONTANHA

Apoiado nas concepções de alguns autores destacamos que o ensino e aprendizagem só acontecem de forma efetiva quando a teoria e prática acontecem ao mesmo tempo. A prática pedagógica é uma prática social orientada por objetivos, finalidades e conhecimentos, e inserida no contexto da prática social (VEIGA, 1992, p.16).

Através da prática pedagógica conhecemos as atividades que são desenvolvidas no contexto escolar, sendo estas facilitadoras da aprendizagem que promoverá transformação ou simplesmente transmissão de conteúdos de forma bancária. Para isso foram elaboradas propostas de educação voltadas para libertação, centradas no sujeito capaz de mudar a sua história, em busca de uma realidade melhor do que aquilo que nos é imposto.

Nos seus discursos Freire (1996) afirma que “A teoria sem a prática vira 'verbalismo', assim como a prática sem teoria, vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade”.

Nesse processo de afirmação da prática com a teoria, se constrói uma dimensão pedagógica de ensino capaz de promover uma aprendizagem significativa.

Em se tratando da prática pedagógica podemos enxergar essa ação vivenciada por Jesus no encontro com seus discípulos no monte em Cafarnaum,

onde foi proferido o mais belo ensinamento de toda história bíblica. Nele, Jesus faz uma síntese das leis morais que regem a humanidade (VÁRIOS AUTORES, 2000).

E a mensagem contida no Sermão da Montanha ultrapassa a beleza das suas expressões e ilustrações, vai além dos padrões morais, éticos e espirituais, porque tinha um propósito de ensinar os discípulos a fazerem tudo que correto fazer. Jesus de Nazaré comissionou 12 discípulos, depois 70, e posteriormente centenas de milhões. Como educar tantos com tamanha intensidade e manter a raiz dos ensinamentos com um alcance tão abrangente, dois milênios?

O Evangelista Mateus relatou que Jesus proferiu o Sermão da Montanha no início do seu ministério público, como novo Moisés, apresentando o novo mandamento, no novo Sinai, enquanto Lucas evidenciou que sermão é proferido na planície, não propriamente no início do ministério. Sendo esta a visão dos fatos desses evangelistas, percebemos que Mateus deu ênfase aos ensinamentos de Jesus.

O Sermão do Monte está entre os principais ensinamentos de Jesus, trata-se de 3 capítulos do livro bíblico denominado “O Evangelho Segundo São Mateus”. Neste texto ele apresentam diversos temas da sociedade (adultério, vingança, servidão, justiça, etc), que vem de encontro à nova justiça através do ensinamento de Jesus.

Na série *Educação Cristã e Criatividade* (1992) está referido que o sermão não é lei, porque Jesus apresentou um novo conteúdo à lei mosaica e à sua forma de interpretação. Acrescenta ainda que o Sermão do Monte não é utopia irrealizável, mas é a palavra viva, retrato e expressão da própria vida de Jesus (Mt 11, 28-30).

As bem-aventuranças traduzem Cristo como o próprio modelo, sendo a fonte que exprime a promessa de Jesus. É a palavra de esperança dirigida aos pobres, aos aflitos e aos famintos (Is 61, 1-2).

Encontrados ainda na série *Educação Cristã e Criatividade*, que Jesus ao proferir as bem-aventuranças, não fez uso da linguagem figurada, simbólica ou espiritualizante, mas no sentido real e concreto da palavra.

Para Carter (2002, p. 175),

O foco do ensino de Jesus tem que ver com a “boa nova do império/reinado de Deus” (4, 17.23; 5, 3.10.19.20; 6, 10.33; 7.21). O sermão não é, porém, um manual ou livro de preceitos abrangente, nem um livro de “procedimentos” graduais. Em vez disto oferece uma série de ilustrações, ou “para exemplos”, ou “estudos de caso” de vida no império de Deus,

visões da identidade e modo de vida que resultam ao deparar com o reinado presente e futuro de Deus. O sermão é um indicador de direção mais que fornecedor de comandos, sugestivo e ilustrativo melhor que compreensivo.

O autor enaltece a prática educativa de Jesus encontrada no sermão da montanha, considerando o seu discurso como ensino em um contexto de orientação teórica escolar.

Numa outra abordagem analisamos na fala de Kermode (1997b, p. 421) que no sermão da montanha baseado no evangelho de Mateus, há exagero na oratória, uma vez que a forma imperativa se soma à fala de Jesus reafirmando o que é necessário fazer para alcançar uma vida plena.

No Sermão da Montanha as Bem-aventuranças são quase todas paradoxos: abençoados são os pobres, lamentadores, o fraco, o perseguido, o ultrajado. A retidão dos que ingressariam no reino deve ultrapassar a dos fariseus. Repetidas vezes a retidão deve ser produzida em excesso. A fórmula “Ouvistes... Eu, porém, vos digo” é enunciada repetidamente (5:21-22, 27-28, 31-32, 33-34, 38-39, 43-44). Tudo deve ser em excesso: amar seu próximo não basta; você deve amar também seus inimigos. Ao dar esmolas, você deve fazê-lo secretamente, ultrapassando assim o excesso do doador mais ostensivo. “Não saiba tua mão esquerda o que faz atua direita” (6:3) tornaria o feito secreto mesmo para você. Você deve também rezar em segredo, alcançando assim mais do que a exibição pública alcança. E rezar em linguagem simples é um tipo de excesso retórico paradoxal, uma vez que a simplicidade requer a supressão engenhosa de toda a persuasão rebuscada (6:7-13).

O evangelista Mateus introduz o sermão de uma forma simples: “Vendo aquelas multidões, Jesus subiu à montanha. Sentou-se e seus discípulos aproximaram-se dele. Então abriu a boca e lhes ensinava, dizendo” (Mt 5,1-2).

Levando em consideração a ação de Jesus quando assentou-se, denota-se que assumiu a posição de mestre, atuando de forma persuasiva e seguro daquilo que ia ensinar. E o ensino acontece quando o educador consegue despertar no aluno o interesse e a motivação para o assunto a ser ensinado. E essa prática Jesus soube conduzir muito bem, porque arrastou multidões para seus ensinamentos.

Outro ponto relevante que chamou a atenção foi quando Mateus acentua que Jesus “ensinava”. Notamos que foi destacado o aspecto didático do sermão.

Em seu artigo *As bem-aventuranças como antídoto contra a dominação e corrupção*, Reimer (2018), colocou em discussão o momento que Jesus sentou para

ensinar, sendo as palavras que foram proferidas por Ele e também os ouvintes, que receberam os ensinamentos:

A introdução e a conclusão do Sermão do Monte oferecem os elementos necessários para caracterizar 5,1-12 como ensino (didásco/ didaché: v. 5,2; 7,28-29), que conclui com um imperativo/apódosis de sentido escatológico (v.12), cujo objetivo é animar e encorajar para a vivência da práxis da justiça. Este ensino é palavra que sai da boca de Jesus (5,2), que, em posição de mestre, assenta-se para ensinar. As multidões (óchloi¹¹) que seguiram Jesus e seu grupo (4,23-25) podem ser entendidas também como receptoras deste ensino, junto com os(as) discípulos(as) (mathetai), a partir de dois indícios textuais: os termos plurais óchlus e mathetai (v.2) podem estar subsumidos no pronome plural das bem-aventuranças, o que é corroborado, ao final, com o destaque do termo óchloi vinculado com o ensino que acontece no e a partir do monte (7,28-29). Mesmo que o grupo discipular esteja mais próximo de Jesus (5,1b), a multidão não está excluída do ensino de Jesus, portanto, também do chamado para o seguimento na práxis da justiça (REIMER, 2018, p.141).

É possível perceber no contexto temático do sermão da montanha, a materialização do ensino e aprendizagem na óptica de Mateus, quando evidenciou a postura e a ação de Jesus quando sentou diante da multidão.

O vocábulo bem-aventurado apresenta sentido diferente da palavra bênção de acordo com Dumais (1998. p. 23):

A palavra makarios (bem-aventurado) utilizada em Mateus cinco corresponde ao termo hebraico ashre, que se encontra 45 vezes na Bíblia hebraica. Os “macarismos” [macarios] figuram principalmente nos salmos (25 vezes) e nos livros sapienciais. Diferentemente da “benção” (berákâh) frequente no Antigo Testamento, sendo uma palavra voltada para o futuro e que opera o que significa, a “bem-aventurança” é uma forma de congratulação, que supõe a averiguação de uma felicidade já realizada ou, pelo menos, em vias de realização.

Texto marcante de seus ensinamentos, Jesus começa o Sermão do Monte apresentando o segredo da felicidade. Felizes os que choram, pois serão consolados, disse Jesus (Mt 5,4). Felizes os misericordiosos, pois estes alcançarão misericórdia (Mt 5, 7). O empirismo destes ensinamentos são a causa do êxito. Mais forte que belas palavras é a comprovação da eficácia pela própria experiência. Paulo de Tarso, Justino, Inácio de Antioquia, Orígenes e tantos outros pensadores e filósofos cristãos influenciados por estes ensinamentos comprovam o sucesso da metodologia de Jesus.

Quando Jesus proferiu “bem-aventurado”, segundo Dumais (1998) Ele quis destacar que a pessoa pode ser feliz em sua totalidade agora, no tempo presente,

não pós - morte, porque a felicidade é uma virtude que faz parte da condição humana.

O texto continua demonstrando a necessidade de ser influência na sociedade. Jesus exorta que seus seguidores devem ser “luz” e “sal”. Luz no sentido de essencialidade em tempos obscuros e sal para restaurar o sentido da vida e “temperar” comunidades inteiras:” Vós sois o sal da terra; e se o sal for insípido, com que se há de salgar? Para nada mais presta senão para se lançar fora, e ser pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo; não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte” (Mt 5:13 -14).

Por não se dobrar aos dogmas praticados pelos líderes de sua época, muitas vezes Jesus foi considerado rebelde, um verdadeiro revolucionário. Multidões o seguiam e muitos que se aproximavam dele, o faziam pela fama de que a lei imposta pela religiosidade dos fariseus⁶ havia sido revogada pelo mestre. Contudo, Jesus deixa claro que sua missão não consistia em revogar a lei, mas cumpri-la. Se no decálogo (Ex 20, Dt 5), também conhecido pela tradição “dez mandamentos”, a ordenança era não matarás, vetando o homicídio, Jesus estreita o caminho ao ensinar que aquele que se enche de ira imotivada contra seu próximo será julgado como homicida. Outro ensinamento majorado foi a questão do adultério, se no decálogo havia a proibição do adultério, considerando que esta prática se consumava com a conjunção carnal dos contraventores, Jesus apresenta um aprimoramento na questão explanando aos seus seguidores: “Eu, porém, vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela” (Mt 5,28).

Quanto ao juramento, havia uma determinação na legislação judaica de que o falso juramento era condenado de forma severa, e que caso alguém jurasse, deveria, por obrigação, cumprir seu voto. Jesus expõe aos seus discípulos veto à prática de jurar, pois o simples “sim, sim e não, não”⁷ deve valer com força superior aos juramentos (Mt 5, 36-37).

Por fim, o homem de Nazaré conclui seu sermão apresentando um dos mais proveitosos ensinamentos de todo o seu discurso – colocar a teoria em prática. Tão

⁶ Grupo religioso que interpretava a lei dos judeus. Encabeçavam a oposição. Baseavam-se nas Escrituras, Lei, Sábado. (SCHIAVO e SILVA, 2011, p.31).

⁷ Mt 5, 36-37: E não jures por tua cabeça, pois não tens o poder de tornar um fio de cabelo branco ou preto. Seja, porém, o teu sim, sim! E o teu não, não! O que passar disso vem do Maligno. Jamais use a vingança.

ineficaz é uma consulta médica se as recomendações não forem seguidas à risca, e os medicamentos não forem utilizados, quanto seus ensinamentos, tão valiosos, ficarem no plano da teoria e não praticados. Tolo o homem que ouve e não pratica as instruções recebidas. Ao passo que o homem que ouve as palavras de sabedoria e com ímpeto as pratica, compara-se ao construtor que antes de começar a edificar seu prédio analisa o solo, e preocupa-se com a fundação de sua casa. Os ventos de doutrinas contrárias, bem como as chuvas de críticas não abalam a estrutura do edifício.

Jesus coloca em prática seus ensinamentos durante o Sermão da Montanha, com o propósito de despertar em seus discípulos a mudança de atitudes e ter uma vida bem aventurada. Ele redesenha uma nova história para os oprimidos e cansados e traz uma resposta de libertação em todas as dimensões da vida humana: “econômica”- “eles serão saciados”; “política”- eles possuirão a terra”. “religiosa” - “eles serão consolados e verão a Deus” (BOCK; WACHS.;KLEIN.; REUSCH;STRECK, 1992, p.25).

Com isso, Jesus o orientador, conclui com maestria sua missão discipuladora. Não existe sucesso sem sucessores. A mensagem das bem-aventuranças ensina que Jesus apenas inaugurou o Reino de Deus, confiando aos seus discípulos a missão de proclamá-lo ao mundo. “Bem-aventurados” os que proclamam as bem-aventuranças porque caminham na direção certa. Nas bem-aventuranças, “se encontram a situação e a promessa que lhe são pertinentes, e é formada por ‘oito bem-aventuranças’ (Mt 5,3-10) e de outra ‘nona formulada diferentemente (Mt 5,11-12), fundamentada por uma promessa de recompensa” (ZEILINGER, 2008, p. 41).

1.11 O QUE PRETENDIA O ENSINO DE JESUS

“Basta ao discípulo ser igual ao mestre...” (Mt 10,25)

Quando se fala em educação sabemos que há uma intencionalidade no ato de ensinar. Para Castanho (2001, p. 57)

Objetivos da educação são os resultados buscados pela ação educativa: comportamentos individuais e sociais [...] são mudanças esperadas como consequência da ação educativa nas outras pessoas, grupos sociais, nas

instituições dedicadas ao ensino e nas organizações de âmbito mais largo responsáveis por política educacionais.

É através da educação que se promove o crescimento dos indivíduos, trazendo a libertação e autonomia como agente da sociedade, vislumbrando novas oportunidades e possibilidades no mundo contemporâneo.

Os ensinamentos de Jesus tinham um propósito definido, porque Ele ensinava não apenas pelo fato de ensinar, mas era seguro e caminhava na direção certa a seus objetivos propostos. Nunca deixou os obstáculos o vencerem, mas sabia o porquê veio. "Vim para que tenham vida" (João 10:10). Buscou, assim, "transformar as vidas de seus discípulos, e, por meio deles, transformar outras vidas e regenerar a sociedade humana".

Reitero a fala de Bock (1979, p.25) que Jesus inicia o seu ensino convidando aos ouvintes para o discipulado. O convite ao discipulado não é dirigido somente aos apóstolos, mas também às demais pessoas.

Segundo Grenier (1998, p.141), para que possamos ser bons mestres devemos primeiro ser bons aprendizes, a palavra em latim é *discipulus*, seguidores do ensinamento de Jesus: "E, partindo dali, chegou à sua pátria, e os seus discípulos o seguiram. E, chegando o sábado, começou a ensinar na sinagoga" (Mc 6, 1-2).

Podemos relacionar vários objetivos definidos por Jesus na concepção de uma proposta pedagógica que Ele apresentou durante seus ensinamentos. Transmitiu a clareza de entendimento e respeito às pessoas por meio da reflexão, esperando mudança de visão e comportamento e com isso verificaria se aconteceu o aprendizado.

Outro objetivo esperado por Jesus segundo Bravo (2007, p.89-90) foi a capacidade de se expressar dos interlocutores, diante das situações ou problemas, que saibam defender seus pontos de vista, que argumentem e se posicionem como pessoas firmes e capazes de agir.

Quando Jesus influencia seus seguidores a lutar pelos seus direitos, está transmitindo confiança e os faz ser e sentir valorizados.

A maior proposta de Jesus naquela época era libertar o povo das mazelas, das dificuldades da vida e essa ação só poderia acontecer se todos fossem alcançados pelo esclarecimento da verdade. Para Boff (1972, p.93),

A mensagem de Jesus é de radical e total libertação da condição humana de todos os seus elementos alienatórios. Ele mesmo já se apresenta como o homem novo, da nova criação reconciliada consigo mesma e com Deus. Suas palavras e atitudes revelam alguém libertado das complicações que os homens e a história do pecado criaram. Vê com olhos claros as realidades mais complexas e simples e vai logo ao essencial das coisas. Sabe dizê-los breve, concisa e exatamente. Manifesta em extraordinário bom senso que surpreende a todos que estavam ao seu redor.

Jesus reafirmou um compromisso em acolher aqueles necessitados e conduzi-los a uma vida plena regada pelo conhecimento. Segundo Tonelli (2001, p.71) Importante e decisivo na pedagogia de Jesus, era que os discípulos aprendessem a viver de forma diferente e agir segundo o modelo de Jesus.

Vocês compreenderam o que acabei de fazer? Vocês dizem que eu sou o mestre e o senhor. E vocês têm razão; eu sou mesmo. Pois bem: eu, que sou o mestre e o senhor, lavei os seus pés; por isso vocês devem lavar os pés uns dos outros. Eu lhes dei um exemplo: vocês devem fazer a mesma coisa que eu fiz (Jo 13, 12- 15).

O contexto ora vivenciado por Jesus define muito bem a teoria e a efetivação de sua prática. Aparece aos discípulos sendo exemplo e agente da história, movido pelo desafio de um tempo difícil. Mas Ele aponta a direção que devemos seguir para que possamos seguir os passos do mestre.

Todo discurso de Jesus é explicado pela sua prática, no entanto havia coerência na sua forma de ensinar. Pela lógica a pedagogia que emana da prática de Jesus faz dos resultados concretos o critério principal da verdade (CÉSAR, 1991, p.62-65).

No próximo capítulo será abordada a pedagogia de Paulo Freire recordando a sua contribuição que ainda se faz presente na história, no intuito de colaborar para a formação de uma nova consciência comprometida com a educação, uma vez que dentro de uma caminhada histórica, encontramos em Jesus ações pedagógicas que colaboraram com a pedagogia de Freire. E essas ações educativas propiciam os ensinamentos indispensáveis aos nossos dias.

CAPÍTULO 2 A PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE

O objetivo deste capítulo é descrever sobre a pedagogia de Paulo Freire e as influências deixadas no presente século. Seria impossível discorrer sobre o assunto sem ressaltar a importância de Paulo Freire e suas contribuições valiosas ao longo da história da educação. Com certeza, os interessados, souberam usufruir dos seus ensinamentos na medida exata de sua historicidade. Fica claro que não será possível demonstrar num exíguo conjunto de escritos a preciosidade do pensamento do educador.

As obras de Paulo Freire denunciam a atenção especial de seus estudos, que é a filosofia assistencialista da educação, seja nas escolas ou em outros espaços da sociedade (SOUZA, 2001, p.46). No uso de sua fala, Freire (1980, p.47) declara que,

Um dos aspectos mais importantes do nosso agir educativo, na fase atual de nossa história, será sem dúvida, o de trabalhar no sentido de formar, no homem brasileiro, um senso especial, que chamamos de senso de perspectiva histórica.

Como vimos, o caráter intencional de Paulo Freire estava centrado na formação humana, enquanto sujeito de sua história, capaz de mudar o cenário em que vive.

Ficou reconhecido mundialmente pelo seu método de ensinar adultos, levando-os a se tornarem conscientes em busca de uma liberdade sonhadora, carregada de otimismo crítico e de esperança.

Gadotti (1996, p. 48) ressalta que a obra teórica e a reflexão sobre prática de Paulo Freire têm servido para fundamento teórico de trabalhos acadêmicos e inspirado práticas em diversas partes do mundo.

E para fundamentar sobre as obras de Paulo Freire faremos uma análise, no próximo tópico, de sua história através de leituras selecionadas que possibilitarão acompanhar a valiosa trajetória do seu posicionamento e que o levou a defender uma educação para todos.

2.1 RECORTE HISTÓRICO DE PAULO FREIRE

Paulo Reglus Neves Freire nasceu em 19 de setembro de 1921 em Recife, filho de um oficial da polícia militar e de uma dona de casa. cursou Direito pela Universidade Federal de Pernambuco, mas decidiu não exercer a advocacia: “tarefa indispensável que, tanto quanto outra qualquer, se deve fundar na ética, na competência, na seriedade, no respeito às gentes” (FREIRE, 2003, p.17). Optou por uma profissão que o fizesse sentir-se bem e justificasse sua luta pela justiça e liberdade, configurando assim a carreira da educação (BEISIEGEL, 2010, p.13-15).

Assim como grande parte das crianças em sua época, Freire enfrentou os conflitos sociais que o impulsionou a buscar na educação uma mudança de um país mais justo.

Diante da experiência concreta da fome que atingia seu “corpo consciente”, um nordestino, brasileiro, latino-americano, em plena década de 30 no século passado [...], com apenas 11 anos de idade, se perguntava sobre o que ele poderia fazer para o mundo ser menos feio. Um mundo onde, por exemplo, ninguém mais precisasse sentir o estômago “mordendo a si próprio” por não ter o que comer. Esse menino, crescendo e convivendo com as dificuldades do povo nordestino, pelo esforço da família e sua dedicação exemplar aos estudos, ainda muito jovem formou-se em Direito, mas desistiu dessa profissão na “primeira causa” em que se constituiu advogado de defesa de um jovem dentista que estava, sob muita pressão, querendo “ganhar mais um tempo” na condição de trabalhador para poder quitar sua dívida que contraira na busca de montar seu próprio consultório dentário. Triste e abatido pelo contexto da injustiça social desse caso e impotente diante da burocracia jurídica, o jovem advogado decide ser um educador. Paulo Freire, ao tomar essa decisão, corajosa e desafiadora, estava se lançando para uma luta humanista e esperançosa por um mundo mais livre decente para todos (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2008, p. 17).

Não há dúvida que Freire desde sua infância seguiu o que estava presente em seus pensamentos movido pelos desafios de seus ideais em busca da razão de ser um educador, e com isso a educação tornou-se seu principal objeto de cuidado.

De acordo com Souza (2001, p.10) quando Paulo Freire descobriu sua vocação de educador não quis mais deixar essa vocação e em seus primeiros escritos a palavra cultura e política é o foco.

Em algum momento, entre os 15 e os 23 anos, descobri o ensino como minha paixão. Antes de mais nada, devo dizer que ser um professor tornou-se uma realidade, para mim, depois que comecei a lecionar. Tornou-se uma vocação, para mim, depois que comecei a fazê-lo. Comecei a dar aulas muito jovem, é claro, para conseguir dinheiro, um meio de vida; mas quando comecei a lecionar, criei dentro de mim a vocação para ser um professor. Eu ensinava gramática portuguesa, mas comecei a amar a beleza da linguagem. Nunca perdi essa vocação (FREIRE e BETO, 1986, p.8).

Esteve presente de forma ativa na vida educacional, cultural e política em lugares por onde passava e foi reconhecido no Brasil no início de 1963 em decorrência do seu método de alfabetização de adultos de forma rápida. Partindo desse pressuposto analisaram que o método vai além do que era proposto.

E, sobretudo Freire intensificou seu trabalho em prol da formação de pessoas, por meio de diálogos e na participação ativa, viabilizando assim uma pedagogia centrada no respeito ao outro.

Diante das experiências de trabalho, Freire integrou a uma busca incessante de conhecimentos, ligados a uma prática ousada e inovadora que sustentasse aos anseios das pessoas. Partindo da leitura social e das exigências da atualidade, por uma educação comprometida com o desenvolvimento e formação de uma consciência crítica.

Significativamente vinculou-se a vários cargos na área educacional. Sua luta sofreu influência da esposa que era professora militante, em busca de uma causa maior: a construção de uma sociedade mais igualitária e alicerçada na justiça (LIMA, 2010, p. 14).

Paulo Freire se destacou mundialmente por sua práxis pedagógica, contribuindo significativamente para revolucionar a teoria e a prática da educação popular de todo contexto educacional (SCHÖNARDIE, 2015). Atravessou fronteiras e se envolveu com educadores de todos os continentes e teve uma vida devotada à educação na arte de ensinar e aprender, construindo uma educação nova, através de uma educação libertadora.

O educador Paulo Reglus Neves Freire concebeu uma epistemologia inovadora da educação em termos mundiais e foi reconhecido como o Patrono da Educação Brasileira em 2012 (Lei no 12.612, de 13 de abril de 2012) (ROMÃO, 2013).

A história do educador foi marcada por sonhos, utopias e uma ampla leitura do mundo, por situações problematizadoras que procedem a leitura da palavra: “Mas para mim, desde o início, nunca foi possível separar a leitura das palavras da leitura do mundo. Segundo, também não era possível separar a leitura do mundo da escrita do mundo. Ou seja, linguagem” (FREIRE, 2001, p. 56).

Através de suas práticas, coerentes com seus discursos, e seus escritos tão precisos, construiu um grande legado para a práxis educacional no mundo todo. Viveu intensamente a realidade de seu tempo e de mundo.

As ideias e obras de Paulo Freire foram reconhecidas como estando em extrema coerência com a educação transformadora, humanizadora, emancipatória, multicultural e sustentável. O educador idealizava um ensino público comprometido com a realidade de sua comunidade, ao mesmo tempo comprometido e alegre, uma educação que fosse instrumento de construção de um “mundo onde ainda seja possível amar”, como o próprio autor dizia (MAFRA, 2007).

Desde o exílio no Chile na década de 60, quando escreveu a obra *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire vem se tornando cidadão do mundo, no sentido progressista do termo. Dedicado aos que são referidos como "os oprimidos" e baseado em sua própria experiência ajudando adultos a aprender a ler e escrever. No livro o autor inclui uma detalhada análise de classes marxista em sua exploração da relação entre os que ele chama de "colonizador" e "colonizado" (FREIRE, 2010). Seu pensamento, por sua universalidade, conduz à construção da cidadania da humanidade. Assim, Paulo Freire, com suas lições, nos ensina a reconstruir o elo que une a aldeia ao universo, condição básica para a reinvenção da dimensão planetária da pessoa humana.

Vivenciou marcas da pobreza e opressão e com isso atuou em vários projetos educacionais utilizando métodos diferenciados. Utilizou a força da palavra através do diálogo para mudar atitudes existenciais baseadas na palavra e na ação.

As pesquisas evidenciam que Paulo Freire enfrentou muitas dificuldades e sofrimentos, mas esses dissabores o fizeram reconhecer os enfrentamentos de cada pessoa que dele se aproximava, transmitindo-lhes alegria, confiança e esperança de dias melhores. E nessa ação vemos a semelhança das características encontradas em Jesus, que não foi diferente com as pessoas em sua época.

O meu envolvimento com a prática educativa, sabidamente política, moral, gnosiológica, jamais deixou de ser feito com alegria, o que não significa dizer que não tenha invariavelmente podido criá-la nos educandos. Mas preocupado com ela, enquanto clima ou atmosfera do espaço pedagógico, nunca deixei de estar (FREIRE, 1996, p. 43).

Freire soube entender as condições sociais e culturais da sociedade, consubstanciando-se num instrumento importante do seu trabalho, a educação. E nessa vertente podemos aprender de Freire o significado do amor a nossa profissão, acreditando que somos capazes de influenciar mudanças no processo ensino aprendizagem.

Para Freire (2010) “ninguém ensina nada a ninguém e ninguém aprende nada sozinho”, mas dependemos uns dos outros, acreditando que se podem fazer juntos, partilhando ideias que promovam a mudança do mundo.

Paulo Freire imprimiu sua marca através de suas obras e sua vivência contida nas novidades de suas ideias e prática pedagógica. Como educador sempre esteve atento a quem estava diante dele, ouvindo com atenção. Essa atitude também encontramos nas ações de Jesus quando caminhava junto à multidão.

Em nível de Brasil, encontramos em Paulo Freire o educador que idealizou o homem, a sociedade e suas relações, em busca de uma educação que transformasse e libertasse o homem sendo sujeito da sua própria história. Lutou incessantemente pela coerência entre a razão humana e a consciência, evitando a alienação humana, conduzindo-os a liberdade. Segundo Freire (2006) “a conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica”.

Paulo Freire morreu no dia 02 de maio de 1997, aos 75 anos de idade, mas continua viva sua memória, sua filosofia, seus sonhos e sua ética: “Enquanto presença na História e no mundo, esperançosamente luto pelo sonho, pela utopia, pela esperança, na perspectiva de uma Pedagogia crítica. E esta não é uma luta vã” (FREIRE, 2000, p.53). Há um divisor na linha de tempo na história da pedagogia deixada por Freire pela sua presença transformadora de uma educação popular, que busca ideias de projetos democráticos e libertadores para uma sociedade justa.

Na palavra de Saviani (2007, p. 333),

Paulo Freire foi, com certeza, um dos nossos maiores educadores, entre os poucos que lograram reconhecimento internacional. Sua figura carismática provoca adesões, por vezes de caráter pré-crítico, em contraste com o que postulava sua pedagogia. Após sua morte, ocorrida em 1997, a uma maior distância, sua obra deverá ser objeto de análise mais isentas, evidenciando-se mais claramente o seu significado no nosso contexto. Qualquer que seja, porém, a avaliação a que se chegue, é irrecusável o reconhecimento de sua coerência na luta pela educação dos deserdados e oprimidos que no início do século XX, no contexto da “globalização neoliberal”, compõem a massa crescente dos excluídos. Por isso seu nome permanecerá de uma pedagogia progressista e de esquerda.

De acordo com o diretor do Instituto Paulo Freire, Moacir Gadotti (2012), Freire deixou como legado uma filosofia educacional e um método de investigação e

de pesquisa ancorados numa antropologia e numa teoria do conhecimento, imprescindíveis na formação do educador. Depois de Paulo Freire não se pode mais afirmar que a educação é neutra. Ele demonstrou a importância da educação na formação do povo sujeito, do povo soberano; foi um dos grandes idealizadores do paradigma da educação popular. Miríades de experiências de educação popular e de adultos inspiram-se em suas ideias pedagógicas.

2.2 O MÉTODO DE PAULO FREIRE

No campo específico de atuação profissional do professor em assegurar aos alunos o domínio de conhecimentos e habilidades, há uma escolha de um método que atende a essas propostas. Para tanto, analisaremos o método utilizado por Paulo Freire através do olhar de alguns estudiosos de suas obras.

Segundo Brandão (2006, p.21) Paulo Freire pensou que um método de educação construído em cima da ideia de um diálogo entre educador e educando, onde há sempre partes de cada um no outro, não poderia começar com o educador trazendo pronto, do seu mundo, do seu saber, o seu método e o material da fala dele.

No *Almanaque histórico* (2005)⁸ encontramos que o método adotado por Freire teve início na década de 60 e foi marcado pela diferença em relação aos métodos anteriores. Ao invés de palavras descontextualizadas da vida social e cotidiana dos alunos, Freire sugeria trabalhar partindo de temas geradores colhidos do universo vocabular dos estudantes, bem como às experiências de vida no local, a exemplo, questões que versavam sobre experiências familiares, no trabalho, na vida religiosa, política e outras.

As palavras geradoras selecionadas eram aproximadamente dezessete. Dentre elas, eram mais frequentes; eleição, voto, povo, governo, tijolo, enxada, panela, cozinha. Cada uma dessas palavras 130 UNIVERSIDADE E EDUCAÇÃO BÁSICA NO BRASIL: era dividida em sílabas; estas eram reunidas em composições diferentes, formando novas palavras. A discussão das situações sugeridas pelas palavras geradoras permitia que o

⁸ Aprofundar pesquisa no *Almanaque histórico*, que menciona sobre a vida e a obra de um dos mais importantes brasileiros do século XX, como subsídio ao trabalho educacional. FREIRE, Paulo, educar para transformar: almanaque histórico/ Maria José(orgs). São Paulo: mercado cultural, 2005, 64p.

indivíduo se conscientizasse da realidade, o que tornava mais significativo e eficiente o processo de alfabetização. Era o próprio adulto que se educava, orientado pelo “coordenador de debates” (o professor), mediante a discussão de suas experiências de vida com outros indivíduos que participavam das mesmas experiências (PILETTI & PILETTI, 1995, p. 194 – 195).

Ainda na obra verificamos que nesse método se fazem presentes a sincrese (visão inicial e atual do contexto) e análise (estudo, discussão e detalhamento do tema) e a síntese (visão mais ampla, aprofundada e crítica do tema).

Na proposta freireana, o processo de ensinar e aprender formam um par dialético que implicam um conjunto de posturas e práticas, e para que ocorram exigem algumas condições: leitura do mundo (para ler a palavra); prática problematizadora; autonomia; diálogo; cidadania; discência/docência; conhecimento e vocação para humanização (ser mais) (RAMACCIOTTI, 2010).

Para Freire (2006, p.79), “Ler o mundo é um ato anterior à leitura da palavra. O ensino da leitura e da escrita da palavra a que falte o exercício crítico da leitura e da releitura do mundo é, científica, política e pedagogicamente, capenga.” Sendo assim, necessariamente um educador deve, em um papel político e pedagógico, comunicar a própria leitura do mundo, deixando claro não ser a sua a única leitura possível.

Quanto à prática problematizadora, esta só pode ser fomentada a partir do momento em que os educadores provoquem os educandos e os chamem à reflexão sobre aspectos da realidade, os estimulando a olhá-los de maneira crítica à priori não percebida. Isso acontece por meio da educação dialógica, e não uma simples transferência de saberes, a qual segundo Freire seria uma “concepção bancária de educação”, onde considera-se apenas o educador como sujeito, pois o educando será somente “depósito” receptor de conteúdos (FREIRE, 2010).

Partindo da concepção de Freire, Brandão (1981) menciona que um dos pressupostos do método é que pessoas precisam de alguém para se educar, pois não fazem sozinhos, e a educação deve

ser um ato coletivo, solidário — um ato de amor, dá pra pensar sem susto —, não pode ser imposta. Porque educar é uma tarefa de trocas entre pessoas e, se não pode ser nunca feita por um sujeito isolado (até a auto-educação é um diálogo à distância), não pode ser também o resultado do despejo de quem supõe que possui todo o saber, sobre aquele que, do outro lado, foi obrigado a pensar que não possui nenhum. “Não há educadores puros”, pensou Paulo Freire. “Nem educandos.” De um lado e

do outro do trabalho em que se ensina-e-aprende, há sempre educadores-educandos e educandos educadores. De lado a lado se ensina. De lado a lado se aprende” (BRANDÃO, 2006, p.10-11).

O método defendido por Freire traz e sua essência o conhecimento que o educando traz consigo, a visão de mundo, e através dessa ação demonstra que ele conhece muita coisa da sua realidade. Embora Paulo Freire insista em dizer que não tem um método, em uma entrevista realizada em 14/04/1993 para Nilcéia

Lemos Pelandré:

Eu preferia dizer que não tenho método. O que eu tinha, quando muito jovem, há 30 anos ou 40 anos, não importa o tempo, era a curiosidade de um lado e o compromisso político do outro, em face dos renegados, dos negados, dos proibidos de ler a palavra, relendo o mundo. O que eu tentei fazer e continuo hoje, foi ter uma compreensão que eu chamaria de crítica ou de dialética da prática educativa, dentro da qual, necessariamente, há certa metodologia, certo método, que eu prefiro dizer que é método de conhecer e não um método de ensinar (PELANDRÉ, 1998, p. 298).

Essa ação defendida por Freire consiste no empírico, através da palavra reler o mundo, formando assim uma aprendizagem integradora, valorizando a cultura, a oralidade, partindo da socialização de ideias.

Partindo da análise de Freire (2010, p.18) quando ele refere que não pretende ser método de ensino, mas de aprendizagem, daí a necessidade de entender o que ele defendia referente à possibilidade do homem ser capaz de aprender a colocar em prática a liberdade, em razão de uma pedagogia que pensa e aceita sugestão da antropologia em busca de uma educação que conscientiza e politiza sem distanciar a educação da política, porque ambas se completam.

O método do Paulo freire aparece como a grande novidade. É a primeira contribuição, naquele momento, que já não quer interpretar o que é o interesse das classes populares, mas ousa perguntar às classes populares qual é a sua maneira de expressar-se no mundo, qual é a sua palavra. E, até então, a palavra que interpretava o popular era a nossa palavra. Vinha de um mundo não- popular, embora ideológica e politicamente comprometido com a causa popular (FREIRE e BETO, 1986, p.27-28). Ele acreditava que o povo era capaz de envolver- se em uma luta que superasse a opressão e desigualdade em busca de condições responsáveis na conquista da autonomia e na dialogicidade enquanto princípios éticos e

metodológicos. Sua teoria baseava-se em conhecimento e não em metodologia de ensino, identificando ao ato de aprender mais que ensinar.

As pesquisas evidenciam que a experiência do método de Freire levou vários educadores a buscarem elementos que contribuíssem com a melhoria do aprendizado de adultos, sendo assim respeitado. Há indícios que ainda podemos encontrar pessoas que não compreendem o teor do método, e nem sabem como empregá-lo, sendo assim considerado utopia para o momento.

Diante dessa constatação, buscamos em alguns pesquisadores, ideias que pudessem sustentar a proposta pedagógica defendida por Freire. E essa proposta está centrada na mediação educador e educando, considerando o saber do educando, numa perspectiva de incentivar o aprendizado e através dessa ação, haverá uma participação ativa e protagonista como sujeito de mudança social.

[...] “Deveríamos entender o “diálogo” não como uma técnica apenas que podemos usar para conseguir obter alguns resultados. Também não devemos entender o diálogo como uma tática que usamos para fazer dos alunos nossos amigos. Isso faria do diálogo uma técnica para manipulação, em vez de iluminação” (FREIRE, 1986, p. 122, grifos do autor).

O ato de dialogar torna o homem capaz de problematizar a realidade de recriar, ressignificar, em construir junto um mundo cultural para a liberdade. Afirma que tanto os homens como as mulheres são seres históricos que estão inseridos no tempo e que podem decidir o sentido do projeto: “A relação entre a consciência do projeto proposto e o processo no qual se busca sua conscientização é a base da ação planejada dos seres humanos, que implica em métodos, objetivos e opções de valor” (FREIRE, 1982, p.43).

Nesta concepção, Freire desenvolve a opção valorativa da compreensão dos homens no mundo e com o mundo e com a sociedade que se almeja construir.

Segundo Bertolini (2001, p.141-142) a educação libertadora na visão de Freire, terá que estimular a espontaneidade dos educandos, numa relação onde o discurso do conhecimento não é o fator principal, mas o de aguçar a curiosidade, a inquietação para que o conhecimento possa acontecer. Para Freire o conhecimento é social e histórico: “Ele não se dá fora do tempo nem fora do espaço: há uma historicidade da ciência, há uma historicidade do conhecimento, que tem limites. O sujeito que conhece está histórica e socialmente limitado no ato de conhecer. E esses limites são sociais, e não apenas individuais” (FREIRE, 1982, p.103).

Para Gadotti (1987, p.38) a contribuição de Paulo Freire não pode ser limitada apenas à alfabetização de adultos, conforme o pensamento de alguns seguidores, mas ultrapassa o seu método, situando-se num âmbito mais amplo da educação e da teoria do conhecimento.

O método preconizado por Freire não está vinculado a instrumentos que o educador utiliza para domesticar, doutrinar os educandos, mas está presente numa pedagogia libertadora, carregada de intencionalidade que se materializa em atos de conscientização.

Ainda para o autor quando foi questionado em que consiste o “método Paulo Freire”, teve uma resposta consistente e invariável ao pronunciar que: ser fiel à proposta educativa de Freire não consiste em repeti-lo mecanicamente, reproduzi-lo acriticamente. Ser fiel a Freire significa, antes de mais nada, reinventá-lo e reinventar-se com ele, pois refutava uma postura submissa e obediente dos seus discípulos (GADOTTI, 1985, p.45- 49).

Os mecanismos utilizados por Freire podem ser aplicados conforme as necessidades expostas no planejamento do educador com a intencionalidade de um conjunto ações que levem os educandos ao conhecimento.

2.3 A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

A nossa preocupação, neste trabalho, é apenas apresentar alguns aspectos do que nos parece constituir o que vimos chamando de pedagogia do oprimido: aquela que tem que ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará (FREIRE, 2005, p.34).

Ainda que o autor tenha escrito a obra em questão há mais de cinquenta anos, seu contexto continua atual e vigente, e seus ensinamentos são constantemente vivenciados, dado aos novos tipos de oprimidos que surgem a cada dia em nossa sociedade. O próprio autor profetiza isso na abertura do referido livro, o dedicando “aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam” (FREIRE, 2010, p. 23).

Por ser a obra mais famosa de Paulo Freire, ganha espaço entre os clássicos pelo conteúdo atual e reflexivo. E esta rica produção só podia ser analisada e compreendida em consonância à prática de Freire, porque traz em sua essência os ensinamentos da pessoa que ele era (SCHNORR, 2005, p.70). E também desafia a repensarmos nossa condição enquanto educadores.

Para Schnorr (2005, p. 70), *A Pedagogia do oprimido* “não é apenas um livro, é um ato radical de compromisso com o povo”. Nele está o teor do pensamento e atuação de Paulo Freire, propondo conteúdos provocadores que apontam para a liberdade.

Conforme Josaphat (2016, p.123) a *Pedagogia do oprimido* é a obra acabada e magistral dos escritos de Freire, cuja expressão explodiu como marcas da militância intensa do autor, através de seu empenho em fazer a passagem da sua prática original à universalização de sua doutrina para o Brasil e também para América Latina.

O autor enfatiza que a *Pedagogia do oprimido* vai além de um título de sua primeira mensagem substancialmente acabada. Ela ilumina e abre caminho para si e para os outros. O responsável que compreende e pratica a pedagogia é oprimido (JOSAPHAT, 2016).

Ainda na fala de Josaphat (2016, p. 125) encontramos que a referida obra denuncia a opressão sofrida, refletida, estudada e a ser superada graças ao repúdio da educação bancária e à opção da educação como prática da liberdade, em uma visão dialética do mundo, levando o ser humano à compreensão de um ser educável através da dialogicidade.

De acordo com Boff (2006,) a *Pedagogia do oprimido* é um livro aberto, em construção, que traz em seu discurso a evidência de uma prática pedagógica, permeada em seu conjunto por uma opção ético-humanista, manifestada no amor ao oprimido e em favor da vida:

Pedagogia do oprimido é mais que um livro, é antes uma prática pedagógica que, num momento de seu processo de constituição ganhou corpo numa escritura. Prática pedagógica que parte de uma clara opção ético-humanista prévia: o amor ao ser humano oprimido contra a sua opressão e em favor da vida e da liberdade. Esse ser humano oprimido constitui as grandes maiorias humilhadas, marginalizadas e excluídas do Brasil, da América e do Mundo. É oprimido fundamentalmente porque internalizou dentro de si o opressor que lhe tolhe a voz, a palavra, a ação autônoma e a liberdade. Esse ser oprimido tem muitos rostos: é o explorado econômico, é o condenado à ignorância, é o negro, o índio, o mestiço, a

mulher, o portador de qualquer marca produtora de discriminação (BOFF,2006, p.8).

A Pedagogia do oprimido, é uma virada de paradigma, quando o autor faz uma clara e radical opção pelo oprimido e parte do ponto de vista dos mesmos a partir de suas experiências grito ético, reconhecendo nos excluídos dessa terra uma superioridade epistemológica e científica, coisa até então, jamais vista na América Latina no campo da Pedagogia.

O modo revolucionário e peculiar de estabelecer as suas bases pedagógicas, arraigadas na experiência histórica de dominação a que foram submetidos os nossos povos, faz de Paulo Freire mais que um educador, um filósofo da educação. Seus atos constituem-se numa nova forma de construir a pedagogia, a partir da infraestrutura da base dominada, tarefa humanista e histórica de libertação dos nossos povos, comprometida com a práxis e a transformação da realidade opressora dos mesmos (BORGES, 2008).

A supracitada obra, para Borges (2008), traz seus alicerces pautados na mútua relação entre a Educação e a Ética, como sendo a primeira fundamentada na segunda. Muito embora não tenha sido o primeiro intuito de seu trabalho, o educador ao voltar-se para a práxis educativa, nela faz vingar uma ética pedagógica libertadora, cujo intento é produzir uma efetiva emancipação e um processo de tomada de consciência de nossos povos latino-americanos, marcados pela opressão, dominação e dependência.

Schnorr (2005, p.70) relata em seu texto que a Pedagogia do Oprimido apresenta como questão central o ser humano em suas complexas dimensões: ontológicas, antropológicas, éticas, políticas, gnoseológicas, etc., levando a refletir a problematização do ser humano com o mundo em seus desafios, e a consciência da sua história e o que fazer para superar a desumanização.

O processo de escrita e das ideias defendidas na obra em questão foi gestado por Freire ao longo de sua prática social como educador:

Foi vivendo a intensidade da experiência da sociedade chilena, da minha experiência naquela experiência, que me fazia repensar sempre a experiência brasileira, cuja memória viva trouxera comigo para o exílio, que escrevi a Pedagogia do Oprimido, entre 1967 e 1968 (FREIRE, 1992, p.53).

O conhecimento concreto da realidade trouxe elementos para sustentar a escrita do livro através do diálogo entre os amigos de Freire, catalogando as ideias que iam surgindo, após serem sistematizadas, gestando assim a escrita das reflexões sobre sua prática enquanto educador (SCHNORR, 2005, p.74-75).

Consta que a parte teórica da problematização presente na obra foi pautada nos resultados reflexivos que o autor pode vivenciar no Brasil e no Chile, cujo objetivo estava centrado na libertação humana, construída no diálogo e na luta pela transformação social.

O diálogo, ponto central no pensamento freireano, é tido como um caminho para a construção do conhecimento, afirmado na relação educando e educador, em busca da liberdade uns dos outros. A relação dialógica⁹ se consolida na práxis social transformadora e o diálogo, é sustentado por sua intencionalidade (FREIRE, 2010). Para Freire a dialogicidade é a essência da educação como prática da liberdade. O diálogo deve estar presente em todos os momentos do processo ensino-aprendizagem, da busca e opção pelos conteúdos, métodos, temas geradores e seus significados até as relações homens-mundo.

A Pedagogia do Oprimido traz em sua essência uma pedagogia revolucionária, a pedagogia do diálogo que enobrece o educando e o educador como sujeitos do fazer educativo.

Entendemos que o diálogo remete a uma reflexão sobre quais estratégias podem ser utilizadas para alcançar uma educação popular e libertadora. E esse movimento acontecerá se houver formação humana. Através de grandes desafios, Freire condicionou a luta pela transformação e afirmação da liberdade, por meio de uma prática revolucionária. Para Schnorr (2005, p.72) se faz necessário a afirmação de uma pedagogia libertadora em nosso dia a dia, porque estamos impregnados por uma prática social opressora.

Nesta pedagogia encontramos a legitimidade de uma prática domesticadora que nega o direito de ser mais do povo. Freire (1987, p. 12) enfatiza que esta obra é um compromisso firmado com o povo que

⁹Segundo Schnorr (2005, p.77) o processo dialógico em sua unidade de ação- reflexão, esvaziado do ativismo e de uma reflexão abstrata, vazia de significados, é um dos elementos constituidores que transformam a realidade.É uma troca permanente entre sujeitos que buscam a libertação, somado pela formação humana na luta política revolucionária, formando assim um caráter pedagógico.

não teme enfrentar, não teme ouvir, não teme o desvelamento do mundo. Não teme o encontro com o povo. Não teme o diálogo com ele, de que resulta o crescente saber de ambos. Não se sente dono do tempo, nem dono dos homens, nem libertador dos oprimidos. Com eles se compromete, dentro do tempo, para com eles luta.

Essa inserção crítica do povo na história não está vinculada ao discurso do educador como agir no mundo, mas como é o mundo, fundamentado no diálogo e da luta política com o povo e não para o povo, em transformar o mudo opressor:

a pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação” (FREIRE, 1987, p.41).

Pedagogia do Oprimido, obra sobre a qual o presente trabalho está dissertando, centra-se na experiência do oprimido e na ideia de que este precisa ser capacitado a expulsar de si próprio a figura do opressor, podendo assim resgatar sua liberdade de construir e ser sujeito de sua história. “É dizendo a palavra que o ser humano se faz ser humano” (BORGES, 2008).

É importante salientar, como o próprio autor fazia, que a prática de Freire não era pautada na pedagogia em geral, não é dela que se trata a pedagogia do oprimido. Esta, coloca o oprimido como categoria política numa prática educativa que prioriza suas necessidades e interesses de classe, e nessa prática tenta construir a sua pedagogia através do próprio processo de resistência à opressão. Nesse ponto é importante perceber a mudança no discurso, de “liberdade” para “libertação”, não se tratando apenas de semântica mas sim, política (SCOCUGLIA, 2005, p.26).

Enquanto a “liberdade” (em Educação como Prática da Liberdade) era “individual, mental, personal”, a “libertação” (em Ação cultural para a liberdade e outros escritos) significa sair vencedor nos conflitos sociais de classe. Para ele, não há libertação sem «humanização do homem», e não há humanização sem a ruptura com a estruturação classista do capitalismo. Também não pode haver “humanização do homem” (hominização) nos totalitarismos – sejam eles quais forem –, inclusive os do “socialismo real.”

Sendo assim, a Pedagogia do Oprimido é aquela:

que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto de reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por uma libertação, em que esta pedagogia se fará e se refará(FREIRE, 2010, p. 32).

Ao associar e comparar a relação entre educador e educando e entre as lideranças e as camadas oprimidas, Freire sugere uma pedagogia com o oprimido (subalterno) e não para o mesmo ou sobre ele. Seguindo este raciocínio, indica a “opressão e suas causas” como intervenção reflexiva que leva os oprimidos à luta pela liberdade. Isso acaba por gerar a consciência crítica e a participação político-organizativa contra a opressão (SCOCUGLIA, 2005). No entanto, a problemática fundamental do oprimido e da construção de uma pedagogia a ser formulada com ele, pauta-se no acolhimento dos valores, dos interesses e das necessidades dos opressores na sua consciência, o que impediria a real percepção da situação de subalternidade na qual se encontra e a atitude de se livrar dela. De acordo com Freire:

O grande problema está em como poderão os oprimidos, que hospedam o opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia da sua libertação. Somente na medida em que se descubram hospedeiros do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora (FREIRE, 2010, p. 32).

A essa altura, a contribuição marxista predomina sobre as ideias de Freire. Outrora, o autor investia em aspectos políticos da educação e então, passa a crer em sua totalidade política. A educação, para ele, não está só permeada de aspectos políticos, mas sim, é política em sua totalidade. Tudo deve ser trabalhado no sentido de que os educandos se assumam como “classe para si”¹⁰. A consciência crítica dos oprimidos significa, pois, a consciência de si, enquanto “classe para si” como querem os marxistas (SCOCUGLIA, 2005).

¹⁰ De acordo com Duarte (2012), Marx explica a distinção entre a classe em si e a classe para si, mas em um plano bastante abstrato. Aqui ele demonstra que a origem de classe, que tende a engendrar uma condição de classe, não produz por si mesma uma posição de classe, mas liga-se, ou melhor, tende a ligar-se, a ela. Porém, ele não aborda, neste momento, a questão essencial da práxis dos representantes na própria constituição da classe como classe, ou mais precisamente, da classe em si como classe para si. A mediação realizada pela práxis dos representantes – que não são somente a expressão organizada da classe, mas são também os sujeitos da constituição da classe – é, ao lado das experiências experimentadas pela classe, o elemento essencial para se entender o desenvolvimento da visão de mundo da classe e o seu ser no mundo.

Para o autor, o problema da classe e da consciência de classe estão profundamente atrelados e, classe, no sentido mais completo, “só existe no momento histórico em que esta começa a adquirir consciência de si mesmo enquanto tal” (FREIRE, 1987, p. 109).

A consciência de classe demanda uma prática de classe que, por sua vez, gera um conhecimento a serviço dos interesses de classe. Enquanto a classe dominante, como tal, constitui e fortalece a “consciência de si” no exercício do poder, com o qual se sobrepõe à classe dominada e lhe impõe suas posições, esta só pode alcançar a consciência de si através da práxis revolucionária. Por meio desta, a classe dominada se torna “classe para si” e, atuando de acordo com seu ser, não apenas começa a conhecer, de forma diferente, o que antes conhecia, mas também a conhecer o que antes não conhecia. Neste sentido, implica sempre em um conhecimento de classe. Conhecimento, porém, que não se transfere, se cria, através da ação sobre a realidade (FREIRE, 2010, p. 141).

Algo que não pode ser esquecido, é a importância permanente da democracia na prática e teoria de Paulo Freire, em par com as questões de conscientização. Ainda que aproximando-se dos marxismos que, muitas vezes, abrangem posições autoritárias, Freire nunca admitiu justificativas para o totalitarismo presente dos socialismos (e comunismos) reais. O autor sempre teve um posicionamento democrático radical. Assim, se Freire acreditava que a humanização não se fará sem a destruição da sociedade de exploração e da dominação humana, o caminho para essa possibilidade será sempre democrático (SCOCUGLIA, 2005).

Diante de todo o exposto, o que poderia então enfatizar-se como a centralidade do pensamento político-pedagógico de Freire, e como suas teorias mudaram (ou não) categorias como diálogo, conscientização, pedagogia do oprimido, etc.?

Scocuglia (2005, p.34) afirma que:

Uma constatação é fundamental: separando o pensamento político do pedagógico (para tentar ser didático na explicação), notamos que a ruptura política no sentido da adesão aos movimentos sociais populares e dos trabalhadores (como classe sociopolítica) é acompanhada por uma evolução pedagógica. Em outras palavras, a educação e a pedagogia não deixaram de realizar-se via diálogo, não deixaram de priorizar o ato de conhecimento, a busca da consciência crítica. Mas, o que antes era predominantemente psicopedagógico, passou a ser prioritariamente político-pedagógico.

E ainda o mesmo autor conclui:

O momento que marca essa passagem traz o oprimido como categoria central discursiva e a denúncia da “desumanização opressora” como caminho político de emancipação (caminho da modernidade). A consciência da opressão e o conseqüente combate à ideologia do opressor “hospedada na ingenuidade da consciência oprimida” dão a tônica da mudança do enfoque analítico. O último capítulo da Pedagogia do Oprimido localiza o segmento de ruptura do discurso freireano e a existência de um “outro Paulo Freire” – diferente de Educação como Prática da Liberdade, por exemplo –, que se consubstancia em Ação Cultural para a Liberdade..., nas Cartas à Guiné-Bissau e em toda seqüência dos seus escritos das décadas de 1980 e de 1990 (SCOCUGLIA, 2005, p.35).

Nos escritos de Paulo Freire, o “diálogo” passa de mediação entre as classe para ação entre os iguais e os diferentes, mas contra os antagônicos nos conflitos sociais. A adoção das “classes-na-luta-de-classes”, antes ausente ou não estabelecida de forma clara, organiza-se como importante mudança em sua análise social, às vezes, de forma até repetitiva ou exagerada. Como ressalta Scocuglia (2005), Freire “não admite o determinismo da luta de classes como motor da História que, inexoravelmente, desembocaria no socialismo e no comunismo, como o faz Marx.”

O autor supracitado relata que é notória a aproximação de Freire em relação às questões da modernidade e está presente em toda a sua obra, porém é fácil perceber que essas questões não prendeu os pensamentos de Freire. E nem tampouco serviu como modelo de seu pensar político pedagógico, antes foram inspiradores da prática e da teoria. Freire deixou claro que não recorria a Marx para depois trabalhar com as camadas populares, mas ao contrário, no trabalho com elas, tinha percebido que Marx poderia auxiliar a compreendê-las melhor e assim melhorar a prática com elas (SCOCUGLIA, 2005, p.35).

Percebemos que o autor estabelece uma crítica radical à teoria da ação antidialógica, centrada na necessidade e busca por conquista e, na ação dos dominadores, que para manter a opressão preferem dividir, deixar que a invasão cultural e a manipulação subjuguem a identidade daqueles que oprimem. Por fim, Freire convida-nos a unir para libertar, sendo assim conduzidos à síntese cultural, que considera o seu humano como autor e sujeito do seu processo histórico.

Em suma, Paulo Freire combatendo os extremismos políticos tanto de direita quanto de esquerda, conclama: “vamos ser pós-modernos: radical e utopicamente

pós-modernos” (FREIRE, 1992, p. 51), na esperança de construção de uma sociedade que seja menos perversa, discriminatória, racista e machista, que a sociedade em que vivia. Na busca por essa sociedade, mais justa e plenamente democrática, a solidariedade, o coletivismo, o diálogo como pedagogia, o respeito às diferenças, a valorização do saber popular, a ética, o repúdio a todas as ditaduras, a criticidade ativa docente e o conhecimento problematizado – entre outros, eixos condutores das suas propostas político-pedagógicas –, continuarão a construir referências fundantes.

Para isso, Freire acredita que deve ser entregue às camadas populares (aos oprimidos e “esfarrapados do mundo”) aquilo que lhes foi negado pela modernidade, bem como no combate ao absolutismo da razão técnica-econômica-instrumental que minou as possibilidades concretas da humanização. Mas também devem ser valorizadas, as tendências pós-modernas que investem no respeito às diferenças e à diversidade, às questões de gênero, de etnia, dos direitos responsáveis por uma cidadania plena, planetária e multicultural para os que não tiveram (ou tiveram pouca) voz e vez e que continuam a se espalhar pelo mundo como indivíduos sem moradia, sem alimentação adequada, sem total acesso à educação ou uma educação de qualidade, sem emprego, e, principalmente, sem esperança.

Sendo assim, na luta pelo direito de ser, gesta-se a pedagogia libertadora de Paulo Freire, que constitui-se em um dos instrumentos fundamentais no processo de conscientização, e constituição dos movimentos sociais, pois não é em si a condição de exclusão, de opressão que leva o ser humano a se engajar na luta social, mas sim, a compreensão da razão portanto, na de ser de sua condição de oprimido. A compreensão crítica dos fatos, em par com o profundo desejo de mudança, ao ter a compreensão de que mudar mesmo sendo difícil, é possível, possibilita com que os excluídos da história, se organizem e se engajem na luta para transformá-la (GRZYBOWSKI, 1991).

Nesse sentido, a escola deve estar inteiramente ligada à sociedade, ao seu tempo, aos seus problemas e história, assim como praticar uma pedagogia política libertadora, que possibilite o empoderamento e autonomia dos educandos e sua inserção crítica na sociedade. Uma pedagogia feita com sonho, esperança, utopia, mas também com indignação, máximo respeito aos saber dos educandos, e uma relação de autêntico diálogo, onde educador e educando se educam mediatizados pelo mundo.

Considerando o artigo de Streck (2009) Cabe ressaltar que a pedagogia do oprimido teve o mérito, em meio a tantos outros, “de refazer a geografia das práticas educativas, repensando a escola como um dos espaços possíveis da educação”, levando em conta a discussão dos espaços formais e não formais da educação. O autor ainda pondera sobre a importância desse acontecimento para que “décadas depois se assumisse a pluralidade de contextos educativos, ao mesmo tempo em que se passou a repensar o papel clássico da escola como instituição formadora da modernidade.”

No artigo supracitado, relata que na época moderna, a sociedade começou a enxergar a escola como um possível espaço de salvação além da igreja (ILLICH, 1972). O dentro e o fora da escola passaram a ser vistos como o dentro e o fora da própria sociedade. Com a *Pedagogia do Oprimido*, recaiu-se um novo olhar sob as práticas pedagógicas presentes nos processos sociais e para os próprios processos sociais como mediações pedagógicas na construção de novos saberes e novas práticas.

Ainda citando Streck (2009), o autor reflete que “criou-se no imaginário coletivo da época atual a sensação de que é de hoje o privilégio ou o infortúnio de viver um tempo de incertezas, de riscos e de buscas.” No entanto, quando se aprofunda na obra *Pedagogia do oprimido*, claramente podemos perceber que Freire batalhava com questões semelhantes às atuais há quase meio século, e que talvez seja mais adequado reconhecer que cada geração está confrontada com a tarefa intransferível de encontrar o seu “posto no cosmos”. Segundo ele, o problema central que então assumia um “caráter ineludível” era o da humanização de homens e mulheres. Por fim Streck (2009) deixa a indagação “Seria outro o problema central, hoje?”.

Andreola (2004) pondera, ainda que pareça haver uma desconexão entre as partes, o pensamento de Paulo Freire volta-se a um projeto global de transformação e a uma nova sociedade. Segundo o autor estaríamos diante de uma original “pedagogia da simbiogênese e da solidariedade” (ANDREOLA, 2004). Também Torres (2007) no artigo intitulado *Los múltiples Paulo Freires* escreve que é indiferente que se discuto sobre quem foi capaz de melhor entender Freire, ou se há quem realmente o tenha compreendido. De acordo com a autora “talvez a contribuição maior de Paulo Freire está em haver alcançado comunicar-se com as fibras mais amorosas e genuínas de muita gente”.

A força da *Pedagogia do oprimido* não se limita apenas na sua teoria do conhecimento, mas aponta uma direção e mostrar que é sim possível, como também é urgente e necessário, uma intervenção na ordem das coisas. Paulo Freire não só convenceu tantas pessoas em tantas partes do mundo porque essas eram afeitas às suas teorias e práticas, mas também porque Freire despertava nelas a capacidade de idealizar e esperar por uma realidade mais humana e mais justa, o sentimento de utopia.

2.4 OUTRAS CONCEPÇÕES DA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

A afirmação dessa pesquisa acontece pela razão de oferecer uma leitura acompanhada de reflexão do rico acervo deixado pelo educador Paulo Freire e as contribuições do diálogo em torno da temática para a formação dos educadores da atualidade.

Não pretendemos ser repetitivos, mas reafirmar o ponto de vista de autores que souberem entender e valorizar o que célebre educador Freire defendeu e realizou um trabalho interpretativo de sua realidade e hoje para nós. A mensagem transmitida sob diversas vozes em homenagem aos 40 anos da *Pedagogia do Oprimido* visa oferecer pontos de reflexões que orienta uma educação voltada para prática da liberdade e da emancipação.

Quando escreveu a *Pedagogia do Oprimido*, Freire:

fez mais que oferecer um livro perturbador a respeito da educação. Ele instigou os educadores e estudantes a que mudássemos a nós mesmos na história e a mudarmos o modo como ensinamos. Para muito de nós, esse livro foi um guia e expiração no combate ao autoritarismo da educação, deu origem, também, a um movimento internacional de educadores que querem transformar a sociedades dentro das quais ensinam” (SHOR, *apud* :GADOTTI,1996, p.566).

Entre os livros publicados pelo autor a obra que estamos evidenciando é que se destaca, é lida e relida entre as literaturas. Apresenta a força comum a todo clássico, que é a atualidade.

A mensagem deste livro e dos escritos por Freire registra as percepções e reflexões sobre aquilo que acredita e que possa transformar a sociedade. O

processo de conhecimento levou Freire a revolucionar os pensamentos das pessoas em serem autênticos e serem presentes no mundo.

A pedagogia do oprimido revela o compromisso de Freire em problematizar a educação e a realidade da sociedade voltada para uma prática libertadora, sendo esta uma tarefa de superação entre a teoria e a prática. Em sua obra *Pedagogia da Esperança- um reencontro com a pedagogia do oprimido*, ele expressa que:

[...] A Pedagogia do oprimido é, para mim, um momento importante de minha vida de que ela, Pedagogia, expressa certo instante, exigindo, ao mesmo tempo, de mim, a coerência necessária com o nela dito. Entre as responsabilidades que, para mim, o escrever me propõe, para não dizer impõe, há uma que sempre assumo. A de, já vivendo enquanto escrevo a coerência entre o escrevendo-se e o dito, o feito, o fazendo-se intensificar a necessidade desta coerência ao longo da existência. A coerência não é, porém, imobilizante. Posso, no processo de agir-pensar, falar-escrever, mudar de posição. Minha coerência assim, tão necessária quanto antes, se faz com novos parâmetros. O impossível para mim é a falta de coerência, mesmo reconhecendo a impossibilidade de uma coerência absoluta (FREIRE,2006, p.34).

A partir do relato de Freire, observamos que ele mostra suas aspirações exposta em sua principal obra que é a Pedagogia do oprimido, que decorre do conjunto das grandes obras desse grande educador. O mais propício para poder refletir sobre sua visão filosófica e pedagógica, interpretada nesse momento histórico da escrita do livro. O texto redigido em primeira pessoa demonstra a sua experiência quanto o falar e agir interpretando assim sua prática pedagógica.

Quando nos reportamos a pedagogia do oprimido enxergamos a influência de Jesus sobre a pedagogia de Freire, uma vez que Jesus primeiro lutou pelas causas dos oprimidos em sua época, com coragem, ousadia e esperança de uma ação libertadora, dando suporte ao desenvolvimento da ação educacional.

De acordo com Junqueira e Rocha (2014, p.36-37) Paulo Freire afirma sua posição em relação a Jesus Cristo, como história viva e exemplo de pedagogo, independente de sua posição cristã, Cristo seria, como é, um exemplo de pedagogo. E no próximo capítulo abordaremos essa aproximação de Jesus e Freire, extraindo as ações comuns de suas práticas pedagógicas.

CAPÍTULO 3 APROXIMAÇÕES ENTRE A PEDAGOGIA DE JESUS E A DE PAULO FREIRE

Neste capítulo serão apresentados os elementos comuns da pedagogia de Jesus e Paulo Freire e suas contribuições, a fim de intensificar ou aprimorar a prática docente nos dias atuais, que serão ampliadas e aprofundadas como análise de estudo.

A despeito de lidarmos com pessoas em épocas diferentes, a relação entre eles é notória, principalmente porque lutaram por uma causa justa em prol de uma educação que liberta os oprimidos nos contextos históricos semelhantes.

O ponto de partida nos levará a refletir sobre a educação e os conhecimentos teóricos e práticos indispensáveis ao processo ensino e aprendizagem na visão de alguns estudiosos dos assuntos.

3.1 CLARIFICANDO OS CONCEITOS: EDUCAÇÃO, PEDAGOGIA, MÉTODOS E PRÁTICA DOCENTE

Estamos vivendo um período de transformação que requer um novo olhar e mudanças de concepção quanto à forma do ensino e aprendizagem no âmbito da escola. Diante desse cenário, trataremos em discussão as definições como ponto de partida para melhor internalizar as ações que desejamos aprimorar bem como estreitar a ligação metodológica da prática educativa.

3.1.1 Educação

O mundo está sujeito a mudanças e a novidades, por isso a educação não pode ser vista como a mesma de sempre. (ARENDR, 2010, p. 827).

A educação em um contexto dinâmico tem sido alvo de discussão e questionamentos pelos estudiosos a partir das políticas públicas educacionais. E decorrente a essas valiosas reflexões, se faz necessário repensar as transformações que têm ocorrido nesse atual século.

Para Silva (2008, p.28) o termo educação pode ser compreendido de várias maneiras e possuir diversos significados. No sentido amplo: educar para a vida e no sentido mais específico: educar para as necessidades do trabalho. Ela enfatiza que na visão de alguns teóricos, educar é instruir, é adaptar ou formar hábitos para a vivência social. E na visão de outros teóricos, educar é conscientizar, é desvendar e buscar transformação socioculturais permeadas por desigualdades.

Na visão de Queiroz (2003, p. 96) a educação é vista como:

[...] a ação exercida por meio de métodos particulares, com o objetivo de desenvolvimento ou preparação social, intelectual, moral, física, e afetiva de 13 uma criança ou jovem. A transmissão da cultura de uma geração para outra. Civilidade, nível ou tipo de ensino.

A intencionalidade da educação define os elementos que constituem a qualidade de ensino que se pretende alcançar em um espaço de tempo na história. Segundo Personi e Libâneo (2018, p.154), a qualidade de ensino decorre de princípios que embasam as políticas educativas e se dirige às práticas escolares e às formas concretas pelas quais essa qualidade pode ser alcançada.

É evidente que existem vários critérios que garantam a qualidade de ensino, porém vamos delimitar a prática docente como um dos requisitos que estabelece a qualidade educacional. Para Libâneo (2011, p.136) o trabalho docente é capaz de modificar no ser humano aquilo que é suscetível de educação, levando em conta a atividade humana transformadora de relações econômicas e históricas.

Conforme Brandão (1989), não é somente na escola que acontece a educação, nem é exclusividade do professor profissional o único representante do ensino escolar. Afirma que a educação passa existir a partir da imaginação e da ideologia dos grupos sociais, sendo transferida de uma geração a outra, com a esperança de momentos melhores pela transformação que ocorreu entre as pessoas.

Fundamentado em diversas teorias sobre a educação, Brandão tornou - se conhecido pelo fato de afirmar que a educação se destaca quando surgem formas sociais na condução e controle do processo ensino e aprendizagem. Reafirma que na espécie humana, a educação não continua apenas o trabalho da vida, pois está vinculada na troca de símbolos, intenções, padrões de cultura e de relações de poder.

Seguindo o pensamento de Pimenta (2002, p.37-38), ele argumenta que,

A educação é um fenômeno complexo, porque histórico. Ou seja, é produto do trabalho de seres humanos e, como tal, responde aos desafios que diferentes contextos políticos e sociais lhe colocam. A educação retrata e reproduz a sociedade; mas também projeta a sociedade que se quer. Por isso, vincula-se profundamente ao processo civilizatório e humano. Enquanto prática histórica tem o desafio de responder às demandas que os contextos lhe colocam.

Observando os acontecimentos históricos, narrados pelos evangelistas sobre a vida de Jesus, podemos encontrar um modelo ético, educativo capaz de ensinar os passos fundamentais de uma educação que constrói que busca mudanças em prol de um aprendizado significativo.

A instrução é necessária, porém, todo o conhecimento deve ser base para a educação e diz com profunda convicção: É necessário fazer brilhar na mente das criaturas humanas a luz daquelas verdades que devem ser a norma de seu pensar e agir e ensinar-lhes, de modo claro, fácil, respeitoso, firme e eficaz, todos os seus deveres. (SCALABRINI, 1989, p. 233).

Os propósitos dos ensinamentos de Jesus traduziam uma mudança cultural para os povos oprimidos e subjugados. E o conhecimento os levava à liberdade, sendo resultado da ação e do meio sociocultural dos seus participantes.

Procurando fazer um diálogo entre a pedagogia de Jesus e Freire, ambos lutaram por causas semelhantes e com metodologias que buscou a libertação da humanidade em situações opressoras.

A educação precisa estar inserida no contexto atual, como meio para a comunhão e a participação, elementos que pertencentes da identidade humana visto à luz do Evangelho (JUNQUEIRA e ROCHA, 2014, p. 21).

Destaca-se que Jesus e Freire foram educadores no sentido que visaram promover o oprimido e conscientizá-lo para assumir o seu processo de libertação.

3.1.2 Pedagogia

Em se tratando do termo pedagogia podemos identificar que não é algo novo, mas causa inquietações no cenário educativo, uma vez que a arte de ensinar está

ligada à atuação do educador. E para que se tenha uma visão pedagógica e como acontece à efetivação da prática, se faz necessário apoiar em conceitos para entender o que é a pedagogia, embora seja um campo complexo.

Estudiosos do assunto contribuíram com distintas definições da pedagogia com o intuito de esclarecer esse ramo da ciência que se materializa na prática. De acordo com Saviani,

O pedagogo, literalmente, é o especialista em pedagogia. E o que é pedagogia? É a teoria da educação. Ora, educação é uma atividade prática. Portanto, a pedagogia é uma teoria da prática: a teoria da prática educativa (SAVIANI, 1995, p. 231).

E para aprofundar a finalidade da pedagogia podemos referenciar as ideias de Libâneo quando diz que a pedagogia é a ciência que investiga a teoria e a prática da educação nos seus vínculos com a prática social global (LIBÂNEO, 2013, p.23). Esse conjunto é indispensável para o processo educativo, uma vez que não há sociedade sem prática educativa e nem prática educativa sem sociedade (LIBÂNEO, 2013, p.15).

Libâneo considera que,

A pedagogia é um campo de conhecimentos que investiga a natureza das finalidades da educação numa determinada sociedade, bem como os meios apropriados para a formação dos indivíduos, tendo em vista prepará-los para as tarefas da vida social. Uma vez que a prática educativa é o processo pelo qual são assimilados conhecimentos e experiências acumulados pela prática social da humanidade, cabe à pedagogia assegurá-lo, orientando-o para finalidades sociais e políticas, e criando um conjunto de condições metodológicas e organizativas para viabilizá-lo (LIBÂNEO, 2013. p.23-24).

As definições são tão variadas que não é fácil definir um melhor conceito para ser aplicado nos espaços formais e não formais em interação do educador e educando formalizando o laço do ensino e aprendizagem.

Na visão de Mendes (1973, p. 230-231)

[...] temos de reconhecer que a pedagogia é, antes de tudo, liberdade de olhar. Deixar ver, deixar expressar-se, consentir no tateamento, na busca fora dos trilhos dogmáticos, reconhecer-se cada um enfeudado numa visão a longo termo viciada, que precisa libertar-se pelo contato com outras visões [...]; precisamos resolver a didática, substituindo o método que institucionaliza a indução do professor-aluno pelo método que promove o encontro dos dois no espaço da consciência interrogativa.

A reflexão do autor enaltece o papel da pedagogia enquanto ciência do conhecimento, pois esta estuda a educação, a instrução e o ensino.

Segundo Saviani (2007, p. 100) a pedagogia se desenvolveu em íntima relação com a prática educativa, constituindo-se como a teoria ou ciência dessa prática sendo, em determinados contextos, identificada com o próprio modo intencional de realizar a educação.

Ainda podemos firmar na definição de Genovesi que:

A pedagogia é ciência autônoma porque tem uma linguagem própria, tendo consciência de usá-la segundo um método próprio e segundo os próprios fins e, por meio dela, gera um corpo de conhecimentos, uma série de experimentações e de técnicas sem o que lhe seria impossível qualquer construção de modelos educativos (1999, p.79-80).

Considerando as diversas concepções sobre pedagogia, podemos entender que ela assegura a formação do indivíduo. Na verdade, o conceito de pedagogia se reporta a uma teoria que se estrutura a partir e em função da prática educativa. Saviani descreve que,

A pedagogia, como teoria da educação, busca equacionar, de alguma maneira, o problema da relação educador-educando, de modo geral, ou, no caso específico da escola, a relação professor-aluno, orientando o processo de ensino e aprendizagem. Assim, não se constituem como pedagogia aquelas teorias que analisam a educação sem ter como objetivo formular diretrizes que orientem a atividade educativa (SAVIANI 2007, p.102).

O conhecimento necessário para uma prática educacional crítica baseada numa pedagogia ética, de visão de mundo, envolve uma diversidade de valores, competências e habilidades que derivam da capacidade de uma reflexão crítica sobre a prática (JUNQUEIRA e ROCHA, 2014, p.19).

No entanto para Libâneo (1999, p.29-30) a pedagogia se ocupa de fato com a formação de crianças com processos educativos, métodos, maneiras de ensinar, mas, antes disso, ela tem um significado bem mais amplo, bem mais globalizante. Ela é um campo de conhecimentos sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicidade e, ao mesmo tempo, uma diretriz orientadora da ação educativa. [...]

E nesse contexto, sendo a pedagogia o campo do conhecimento, Jesus e Freire possuíam os elementos essenciais para promover o ensino. Jesus, sendo

carente de títulos, ambos eram mestres carismáticos, reconhecidos como profeta-educador.

Tonelli (2001, p.75) ressalta que o autêntico educador-profeta tem meta definida e suas mensagens inspiradoras são definidas pelos seus atos. Sendo condição indispensável da ação educativa é saber qual é o caminho certo a seguir.

Jesus e Freire sabiam exatamente aonde queriam chegar. Conhecidos pelas suas ações, podemos perceber os traços fundamentais e as dimensões pedagógicas desses dois educadores encontradas em seus ensinamentos.

Ambos primam pela pedagogia popular, atingindo as pessoas em sua situação existencial, usando recursos pedagógicos da realidade do seu dia a dia.

Ambos levam as pessoas a descobrirem o potencial que está dentro delas, oferecendo independência e autonomia.

Levam as pessoas a aprenderem por si mesmas, dado que “ninguém ensina ninguém”. Confere-se em Freire (1987, p.68), quando afirma que “ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. É através dessa força, da concepção de mundo e de enxergar a si mesmo, a pedagogia de Jesus e Freire promovem condições de liberdade e conhecimento.

3.1.3 Métodos

Na etimologia da palavra, método procede do latim *methodos*, e da junção das palavras gregas *meta* (através) e *hodos* (caminho). “Didaticamente, método quer dizer caminho para se alcançar os objetivos estipulados em um planejamento de ensino, ou caminho para se chegar a um fim” (NÉRICI 1992, p. 53).

Ainda podemos definir método segundo o dicionário da Língua Portuguesa (1992, p.744):

Método é uma palavra grega (*methodos*) que significa: Ordenação de tarefas, procedimentos ou etapas para atingir uma meta, um fim. Maneira de ensinar, processo de ensino. Maneira de agir. Ordem, coordenação, organização. Programa, processo, técnica. Obra que reúne de maneira lógica os elementos de uma ciência, de uma arte, etc.

Sendo o método considerado um meio para atingir os objetivos planejados, através de ações que assegurem a interação ensino aprendizagem, podemos definir ainda método de acordo com Libâneo (2013, p. 167), ações do professor pelas quais se organizam as atividades de ensino e dos alunos para atingir objetivos do trabalho docente em relação ao conteúdo específico.

Há outros autores que relatam que o método é a ordem que se deve impor aos diferentes processos necessários para atingir um fim dado ou um resultado desejado (CERVO; BERVIAN, 1996).

Na visão de Freire (2003, p.79) é impossível compreender o ensino sem o aprendizado e ambos sem o conhecimento. No processo de ensinar há o ato de saber por parte do professor. O professor tem que conhecer o conteúdo daquilo que ensina. Então para que ele ou ela possa ensinar, ele ou ela tem primeiro que saber e, simultaneamente com o processo de ensinar, continuar a saber porque o aluno, ao ser convidado a aprender aquilo que o professor ensina, realmente aprende quando é capaz de saber o conteúdo daquilo que lhe foi ensinado.

É por isso, repito, que ensinar não é transferir conteúdo a ninguém, assim como aprender não é memorizar o perfil do conteúdo transferido no discurso vertical do professor. Ensinar e aprender tem que ver com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir entrando como sujeito em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve deflagrar. Isso não tem nada que ver com a transferência de conteúdo e fala da dificuldade, mas, ao mesmo tempo, da boniteza da docência e da discência. O desrespeito à leitura de mundo do educando revela o gosto elitista, portanto antidemocrático, do educador que, desta forma, não escutando o educando, com ele não fala. Nele deposita seus comunicados (FREIRE, 1996, p. 74-7).

Por meio do pensamento de Freire vimos que ensinar implica um conjunto de ações com características amplas por parte do professor em ser compreendido pelo aluno. Conforme Libâneo (2013, p. 164) dizer que o professor “tem método” é mais do que dizer que domina procedimentos e técnicas de ensino, pois o método deve expressar uma compreensão global do processo educativo na sociedade.

De acordo com Araújo (2006, p. 26) “O método implica um norteamiento ao processo educativo no âmbito das instituições escolares, o que requer planejamento prévio e operacionalização em vista mesmo da educação humana”. Referente às técnicas de ensino, são mencionadas pelo autor como: “[...] Um conjunto de

procedimentos devotados ao ensino e à aprendizagem, [...] um modo de fazer, que contém diretrizes e orientações, e que visa à aprendizagem”.

Anastasiou (1997, p.1) aborda que a questão da metodologia de ensino é sempre algo desafiante e alentador¹¹. Desafiante porque, quanto mais procuramos estudá-la, mais descobrimos o quanto temos a aprender sobre ela, e alentador exatamente porque nos possibilita, a cada momento, a tentativa de rompimento de nossos atuais limites.

Em se tratando dos métodos utilizados por Jesus, vimos no primeiro capítulo a essência de sua grandeza, e a maneira habilidosa e natural que ele empregou nas diversas situações do ensino. Para White (1989, p. 573-574),

A maneira de ensinar de Cristo era bela e atraente, sempre se caracterizando pela simplicidade. Ele desdobrava os mistérios do reino do céu pelo uso de figuras e símbolos que eram familiares aos ouvintes; e o povo comum ouvia-o com prazer, pois compreendia-lhes as palavras. Não usava palavras eruditas, para compreender as quais fosse necessário consultor dicionários.

Vimos através do olhar da autora que Jesus possuía um jeito singular durante o ensino. Era simples e suas palavras eram compreendidas pelas pessoas que o acompanhavam. E deixou como modelo, a adaptação da prática pedagógica de acordo com o público que vamos ensinar.

Assim se compreende que Jesus e Freire exploraram o método dedutivo, que parte da realidade das pessoas. Demostram domínio de conteúdo e têm clareza que o método é o caminho do aprendizado.

3.1.4 Prática Docente

Através da prática docente, o contexto social origina influências sobre os sujeitos e estes, ao assimilarem e recriarem, ou seja, a (re)elaboração, essas influências tornam-se capazes de modificar o contexto em que encontram-se inseridas (LIBÂNEO, 1999).

¹¹ Conforme Araújo (2006, p. 27): A metodologia de ensino – que envolve os métodos e as técnicas – é teórico-prática, ou seja, ela não pode ser pensada sem a prática, e não pode ser praticada sem ser pensada. De outro modo, a metodologia de ensino estrutura o que pode e precisa ser feito, assumindo, por conseguinte, uma dimensão orientadora e prescritiva quanto ao fazer pedagógico, bem como significa o processo que viabiliza a veiculação dos conteúdos entre o professor e o aluno, quando então manifesta a sua dimensão prática.

Visando encontrar caminhos ao aperfeiçoamento da prática docente, buscamos abordagens de diferentes autores que possam contribuir com as experiências que orientem a organização do ensino aprendizagem.

Na visão de Habermas (1987 *apud* LONGHI, 2008), a aprendizagem promove o aumento da autonomia, o que possibilita novo jeito de pensar e agir e, isso se incorpora as estruturas cognitivas humanas. No entanto, a contribuição do professor é fundamental para que a aprendizagem aconteça e promova reflexão e mudança na vida daqueles que estão sendo ensinados.

Para Gonzaga (2013, p. 109) a prática docente deve ser sustentada constantemente pela reflexão, a fim de que o educador possa reinventá-la, tendo como sujeito principal o discente e seus interesses, bem como ter sempre em vista a realidade na qual atua, de modo a adequar suas práticas e seus saberes a esse contexto.

Outra contribuição parte do pressuposto que transmitir conhecimentos e ensinar procedimentos não são suficientes para assegurar que o aprendiz se torne um indivíduo autônomo, capaz de transcender e re-utilizar aprendizagens em diferentes contextos (CDCP 2017).

Considerando a visão de Oliveira, o

Educador não nasce educador, quer dizer, já pronto, acabado. Embora seja chamado por Deus, a resposta ao chamado vai exigir preparação e aprendizado constantes. Jesus, depois de chamar os discípulos, preparou-os durante três anos. A formação permanente é uma consequência da própria fé: quem se sente chamado coloca-se a caminho, procurando sempre ser mais fiel a quem o chamou. A cada dia, renova sua resposta a Deus, empenhando-se mais e mais para realizar o seu propósito (OLIVEIRA, 2006, p.54-55).

Torna-se necessário ao educador estar atualizado e comprometido com a sua própria formação, pois a função exige uma prática refinada de saberes indispensáveis no exercício diário da vida do educador.

Estudos de Libâneo e Suanno (2011, p.182) definem que ao analisar uma prática docente, faz-se necessário refletir acerca do que existe por trás do modo de lecionar. Há uma concepção que precisa ser explicada, analisada e discutida para chegar a indicações de alterações significativas que possam ter alcance das aulas.

E para enfrentar esses desafios, o educador poderá se valer de várias metodologias de ensino que o ajudarão em seu trabalho.

As pesquisas demonstram que ter conhecimento científico não é tudo, faz-se necessário promover a mediação entre o campo do conhecimento e os estudantes, estabelecendo valores e visão de mundo no processo ensino aprendizagem.

Camargo e Rosa (2018, p. 290) em seus estudos relatam que:

O trabalho docente é uma atividade complexa desenvolvida por um sujeito que deve possuir determinados conhecimentos que lhe tornem capaz de realizar ações de ensino, de modo a prover elementos que promovam o processo de aprendizagem e desenvolvimento de ensino e aprendizagem da cultura em geral e mais particularmente dos conhecimentos científicos historicamente acumulados pela humanidade.

Para as autoras o trabalho docente é uma função complexa e não se define em ensinar algo, vai além desse processo, se constitui no diálogo, na interação e na relação humana, sendo reconstruído e reafirmado em prol de em uma intencionalidade educativa. Segundo Martins (2011) no trabalho docente não há neutralidade, este se realiza por meio de um posicionamento político e pedagógico intencional, por meio de mediações de várias ordens entre a singularidade, a particularidade e a universalidade não há neutralidade no trabalho docente, este se realiza por meio de um posicionamento político e pedagógico intencional, por meio de mediações de várias ordens entre a singularidade, a particularidade e a universalidade.

As considerações do trabalho docente não podem ser concebidas como um conjunto de saberes esvaziados de significados e sentidos, mas um conhecimento carregado das experiências teóricas, conceituais, políticas e filosóficas, que garantam aos alunos uma aprendizagem efetiva.

Assim é fundamental compreender a particularidade que há na forma de ensinar, pois segundo Maldaner (2000a, p. 65), a prática docente, intencionalmente uma prática educativa, pode ser permanentemente questionada e reinventada por ser uma prática humana, portanto, histórica e cultural. (...) Ela pode ser diferente, mas precisa ser produzida na interação entre sujeitos que se identificam em uma comunidade de produção de saberes e conhecimentos.

Na interpretação de Freire,

Um professor que não leva a sério sua prática docente, que, por isso mesmo, não estuda e ensina mal o que mal sabe, que não luta para que disponha de condições materiais indispensáveis à sua prática docente, se proíbe de concorrer para a formação da imprescindível disciplina intelectual dos estudantes. Anula-se, pois, como professor. (Freire, 1992, p. 83).

A cada momento aparece na sociedade uma novidade que ganha espaço, e para acompanhar essa dinâmica, vale a pena estar comprometido com as mudanças, para não ficar à margem dos acontecimentos. Porque educar, em primeiro lugar, significa educar-se. Significa criar condições de crescimento, desafiar as situações que propiciem o desenvolvimento das pessoas (JUNQUEIRA e ROCHA, 2014, p. 76).

Nesse momento de reflexão sobre a prática pedagógica, observa-se que a prática Jesus segundo César(1991, p.62) se fundamenta na própria prática, uma vez que vimos anteriormente, o discurso utilizado no Sermão da Montanha privilegia essa ação: “Assim, todo aquele que ouve estas minhas palavras e as põe em prática será comparado a um homem sensato que construiu sua casa sobre a rocha...Por outro lado, todo aquele que ouve estas minhas palavras, mas não as pratica, será comparado a um homem insensato que construiu sua casa sobre a areia” (Mt 7. 24-27).

A compressão da fala de Jesus fortalece as nossas iniciativas quanto ao processo educativo, e nos motiva a refletir e mudar as estratégias que vislumbre uma educação que atenda as propostas de uma aprendizagem significativa.

Por essa razão, encontramos na prática educativa de Jesus e Freire claramente definidos as suas missões e seus planos educativos. Uma vez que o elemento central de seus ensinamentos reside no conteúdo e na intencionalidade de sua prática educativa.

Jesus ensina com sua vida, com a autoridade que lhe vem de dentro, nada passa sem que Ele perceba e nenhuma questão fica sem resposta. Seu ensinamento é carregado de conteúdo e desperta a consciência crítica da multidão (WENZEL, 1997, p.65).

Freire se destaca por uma prática que desenvolveu a criticidade dos alunos, dando-lhes respaldo nas demandas em que os contextos lhes colocam.

Ambos possuem uma prática simples e transparente que atendeu ao aprendizado do seu tempo, influenciando as pessoas a terem atitudes que buscam a compreensão de um viver com qualidade e sabedoria.

3.2 CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Diante desse contexto, optamos em demonstrar a história da educação brasileira sob o prisma de Saviani (2005), que em seu discurso elege como eixo ordenador a oposição entre teoria e prática, concernente à teoria da educação e às concepções pedagógicas. De acordo com Schmied-Kowarzik (1983, p. 10), “a relação entre teoria e prática é a mais fundamental da pedagogia”.

E deparamos o ponto de vista de Jesus e Freire, um conjunto de ideias que versam sobre a teoria e a prática ao longo da pesquisa, uma vez que Freire aborda que os seres humanos são seres da práxis. Tanto Jesus como Freire valorizam essa relação entre teoria e prática. Parte da unidade dialética entre ação e reflexão.

Partindo do pressuposto de que a pedagogia deve ser entendida como a “teoria da educação”, corrobora-se que se trata de uma teoria da prática educativa. Contudo, há que se observar que se toda pedagogia pode ser considerada teoria da educação, nem toda teoria da educação pode ser considerada como pedagogia. O conceito de pedagogia remete a uma teoria que se forma a partir e para a prática educativa, e tenta solucionar o problema da relação educador-educando, norteador o processo de ensino e aprendizagem. Posto isto, não se considera pedagogia teorias que analisam a educação pelo aspecto de sua relação com a sociedade não tendo como objetivo formular diretrizes que orientem a atividade educativa (SAVIANI, 2005).

O autor supracitado defende que do ponto de vista da pedagogia, as concepções da educação podem ser agrupadas em duas grandes tendências, sendo a primeira composta pelas concepções pedagógicas que priorizam a teoria sobre a prática, envolvendo assim as diversas modalidades da pedagogia tradicional. Em oposição, a segunda tendência se compõe das concepções que subordinam a teoria à prática, agrupando as diferentes modalidades da pedagogia nova (SAVIANI, 2005). Com efeito, percebemos que Jesus e Freire fazem parte da pedagogia nova,

inspirando-se nos novos passos que foram surgindo dentro da vivência de cada um a seu tempo, por uma transformação na sociedade.

A tendência pedagógica de acordo com Libâneo (2013, p. 53) consiste no

[...] entendimento dos objetivos, conteúdos e métodos da educação [que] se modificam conforme as concepções de homem e da sociedade que, em cada contexto econômico e social de um momento da história humana, caracterizam o modo de pensar, o modo de agir e os interesses das classes e grupos sociais [...] é sempre uma concepção da direção do processo educativo subordinada a uma concepção político-social.

Mediante a concepção de Libâneo (2013) compreendemos que as tendências pedagógicas se identificam de acordo com o momento histórico e se adequam ao campo educacional, sendo assim uma não anula a outra, “vão se metamorfosear” (SAVIANI, 2013, p. 446). Os estudos identificam as tendências pedagógicas como visão de mundo a seu tempo, respeitando as concepções do homem e sociedade.

De acordo com a visão de Libâneo (2013, p.67) em linha geral os autores concordam em classificar as tendências pedagógicas em dois grupos: as de cunho liberal: Pedagogia Tradicional, Renovada e tecnicismo educacional; e as de cunho progressista: Pedagogia Libertadora e Pedagogia Crítico- Social dos Conteúdos, sendo estas as mais conhecidas.

E podemos enxergar a linha de trabalho de Jesus e Freire atrelada a pedagogia libertadora, comprometendo- se com a transformação social. Sendo um tempo forte, frente aos desafios da época, mas que nasceu da experiência e de uma necessária transformação.

Referente ainda às concepções pedagógicas, Saviani enfatiza que o primeiro grupo da pedagogia tradicional preocupa- se com a teoria do ensino, formulando métodos de como ensinar, enquanto o segundo grupo da pedagogia nova dá ênfase à teoria da aprendizagem, fundamentando no método de como aprender.

Nesse sentido, o texto confere concepções pedagógicas correspondentes a ideias pedagógicas. E a palavra pedagogia está vinculada ao modo de operar, de realizar o ato educativo, sendo assim as ideias pedagógicas são as ideias educacionais entendidas, porém, não em si mesmas, mas na forma como se encarnam no movimento real da educação orientando e, mais do que isso, constituindo a própria substância da prática educativa (SAVIANI, 2005).

Destaca-se a caminhada comprometida e corajosa de Jesus e Freire em busca de uma aprendizagem que tanto o educando e o educador faz parte do processo, como seres que pensam, que decidem e que mudam a história.

Reconhecidamente, nas palavras de Freire (1996), a educação tem um valor inestimável como força motriz de mudança e libertação, e é um instrumento de formação política e reflexão sobre os problemas do país e do mundo, tendo capacidade de emergir do ser humano uma nova postura diante dos problemas que o afetam.

Nas palavras de Saviani (2005), as concepções educacionais envolvem três níveis: o nível da filosofia da educação que, sobre a base de uma reflexão radical, rigorosa e de conjunto sobre a problemática educativa, busca explicitar as finalidades, os valores que expressam uma visão geral de homem, mundo e sociedade, com vistas a orientar a compreensão do fenômeno educativo; o nível da teoria da educação, que procura sistematizar os conhecimentos disponíveis sobre os vários aspectos envolvidos na questão educacional que permitam compreender o lugar e o papel da educação na sociedade.

Quando a teoria da educação é identificada com a pedagogia, além de compreender o lugar e o papel da educação na sociedade, a teoria da educação se empenha em sistematizar, também, os métodos, processos e procedimentos, visando a dar intencionalidade ao ato educativo de modo a garantir sua eficácia; finalmente, o terceiro nível é o da prática pedagógica, isto é, o modo como é organizado e realizado o ato educativo.

Na história da educação brasileira produziram-se diferentes concepções pedagógicas ao longo dos anos, onde algumas se complementam e outras se divergem. Existem diversas tendências teóricas que pretenderam dar conta da compreensão e da orientação da prática educacional em diversos momentos e circunstâncias da história humana. Assim sendo, é necessário se aprofundar na compreensão da articulação entre filosofia e educação, que atinge o nível da concepção filosófica da educação, sedimentando-se em uma pedagogia. De uma forma geral, podemos dizer que a perspectiva redentora se traduz pelas pedagogias liberais e o ponto de vista transformador pelas pedagogias progressistas. Essa discussão tem uma importância prática muito significativa, pois permite ao educador conhecer teoricamente suas alternativas, articulando-se e auto definindo-se (LUCKESY, 2012).

Considerando a pedagogia defendida por Saviani e Libâneo, podemos estabelecer uma ligação com a pedagogia estabelecida por Jesus e Freire em seus momentos de ensino. O processo didático ocorre por meio de ações recíprocas dos componentes que visam a fundamentação do ensino. E se estamos analisando essa concepção, entendemos que ambas pedagogias buscam uma transformação das pessoas que fazem parte do processo. Espera-se nessa abordagem uma transformação histórica e social. Para Saviani (2008, p.144)

[...] o professor, enquanto alguém que, de certo modo, apreendeu as relações sociais de forma sintética, é posto na condição de viabilizar essa apreensão por parte dos alunos, realizando a mediação entre o aluno e o conhecimento que se desenvolveu socialmente.

As releituras evidenciam a forma que se fundamentam a prática de Jesus e Freire quanto ao verdadeiro ato de ensinar, pois são coerentes com a pedagogia ativa e métodos que adotam princípios da educação popular, sendo este o assunto abordado no próximo tópico.

3.3 EDUCAÇÃO POPULAR

Em se tratando da educação popular, as pesquisas são amplas e diversificadas nas concepções de alguns pesquisadores, as quais apresentam uma série de ideias, teorias e práticas, pautadas em uma educação libertária e transformadora. Essa diversidade de opiniões faz parte da história da educação popular em especial em nosso país, e foi muito bem representada pelo educador Paulo Freire e há dois mil anos, por Jesus, idealizando a libertação dos oprimidos.

A Educação Popular, na versão em que a conhecemos no Brasil e na América Latina, ao longo dos últimos cinquenta anos, inspirada, originalmente, na obra e na prática política de Paulo Freire, vem passando por marcantes transformações. Seu caráter militante e engajado, seus fortes vínculos iniciais com Movimento de Cultura Popular (MCP) e o Movimento de Educação de Base (MEB) da Igreja Católica, entre outros que emergiam na década de sessenta, vão sendo nuançados por outras aproximações políticas – como, por exemplo, do Movimento dos Sem Terra (MST) – misturando-se aos matizes dos mais diversificados movimentos sociais populares deste final de milênio. Com manifestações em vários continentes, a Educação Popular continua se caracterizando por suas vinculações com grupos populares, entendidos, estes, como segmentos populacionais marcados por discriminações, por diferentes formas de exclusão e marginalidade social. Trata-se, assim, da educação que tem se ocupado dos “pobres” e, como diria Freire, dos oprimidos (COSTA, 1998, p.9-10).

Temos então a contribuição de Freire frente à educação popular construída ao longo de sua militância política marcada por transformações no campo educativo, acontecida não somente no Brasil, mas no Chile e em outros países, tomando como iniciativa de liberdade aqueles que se sentiam oprimidos.

Ainda como referência a Freire presente na educação popular, destacamos a abordagem feita por Boff,

Entre nós, a ideia de Educação Popular vem infalivelmente associada ao nome de Paulo Freire. Não porque Paulo Freire tenha inventado não sei que teoria ou método de educação. Nada mais falso e nada mais contrário ao pensamento do próprio Paulo Freire. Mas não há dúvida de que este tem o mérito histórico de ter sido o que melhor interpretou e com mais felicidade formulou uma verdadeira pedagogia do oprimido, uma autêntica educação libertadora que se busca praticar em diferentes áreas de trabalho popular, seja em nível sindical, partidário, seja nas mais diversas associações e movimentos sociais. Paulo Freire representa socialmente esse novo modo de aproximação do povo oprimido, de sorte que diz "Educação Paulo Freire" e já definir uma postura específica de acercamento da realidade popular, postura feita de humildade, escuta e respeito, diálogo e confiança, crítica, interrogação e envolvimento transformador. Numa palavra, trata-se de educação como ato amoroso, dando ênfase igualmente a dois termos; ato como ação, prática libertação e amoroso; como bem-querer, confiança e reciprocidade. O sentido histórico da pedagogia do oprimido é uma marca em contraposição à pedagogia tradicional. É uma ruptura histórica que se estabelece na medida em que volta sua atenção especificamente ao oprimido como sujeito de sua libertação. Efetivamente, a tradição educativa secular, sob a intenção manifesta de se ocupar com a pessoa humana, acaba se ocupando com a elite, finalmente com o opressor. Por isso mesmo a pedagogia do oprimido conferiu ao processo educativo um conteúdo decididamente social e não mais individualístico, além disso, uma dimensão ativamente política e não mais simplesmente passiva e reprodutora do status quo. Daí porque a noção de educação popular em Paulo Freire inclui ao mesmo tempo a consciência do mundo, a palavra e o poder, o conhecimento e a política, em breve, teoria e prática. (BOFF, 1989, p. 10).

A expressão defendida pelo autor nos permite entender que o termo educação popular é um movimento que não se restringe simplesmente ao ato de conscientizar, mas oportuniza aos envolvidos a lutar pelos ideais de forma solidária em busca de libertação e autonomia.

Ampliando a referência sobre a educação popular entendemos que esta foi formada por meio da ação- reflexão e ação durante a história, partindo da relação da teoria e prática efetivando assim uma práxis pedagógica surgida em meio aos movimentos sociais e expandida nos espaços institucionais.

De acordo com Barreiro (1980, p.28), a Educação Popular é claramente compreendida hoje como um instrumento de contribuição imediata a uma efetiva

participação popular em processos de transformação da sociedade classista e opressora. Ela se originou em boa parte da prática e das descobertas de grupos de cristãos comprometidos com intervenções sociais libertadoras, cada vez mais próximas de projetos realistas de participação nas transformações sociais.

Na concepção de Freire:

Educadores e grupos populares descobriram que educação popular é, sobretudo, o processo permanente de refletir a militância; refletir; portanto a sua capacidade de mobilizar em direção a objetivos próprios. A prática educativa, reconhecendo-se como prática política, se recusa a deixar-se aprisionar na estreiteza burocrática de procedimentos escolarizantes. Lidando com o processo de conhecer, a prática educativa é tão interessada em possibilitar o ensino de conteúdos às pessoas quanto em sua conscientização (FREIRE, 2001, p. 16).

Ao abordar sobre a educação popular, Freire conduz a reflexão sobre para o que se deseja alcançar através da prática educativa, de maneira que haja conscientização dos atores envolvidos nesse processo educativo.

Conforme o que está sistematizado no *Caderno de Formação Educação Popular e Direitos Humanos (2015, p. 9)*, a educação popular é vista como uma concepção geral da educação e não como uma educação idealizadas para as populações empobrecidas, mas ela se faz para todos sem exclusão.

De acordo com Rocha:

O que se deve ressaltar é que as práticas da educação popular têm uma marca constitutiva comum: afirmam-se e se reconhecem pelo conjunto de princípios éticos políticos que fundamentam seus trabalhos, orientando e comprometendo suas propostas e intervenções com a construção de uma sociedade pautada por justiça social, efetivando a equidade e o reconhecimento e valorização das diferenças socioculturais. (ROCHA, 2004, p. 51).

O que se espera da educação popular está na sua essência em reafirmar o exercício proativo do povo que luta por uma sociedade que atenda as dimensões humana, em prol da igualdade social. Essa ação acontecerá a partir da capacidade de enxergar a realidade.

E não foi diferente com Jesus, pois a educação popular esteve presente em sua prática pedagógica no momento histórico de sua época. As classes populares sem nenhum privilégio, em estado de penúria e instabilidade a mercê do poderio romano. Então Jesus entra em cena e apresenta uma proposta de salvação para os

desesperançados, denunciando toda as injustiças e repreensão de Roma. Sugerem os movimentos populares, constituídos de pessoas dos grupos sociais mais humildes da sociedade, numa expectativa por dias melhores (VASCONCELLOS e SILVA, 2009, p.244-256).

Jesus fez opção pelo movimento popular de sua época e ofereceu uma proposta de mudança de vida aos que acreditassem nele (Mc 1,15). Conforme Mesters e Orofino (2004, p.72) devemos aprofundar na maneira pedagógica de Jesus em oferecer esta proposta tão simples ao povo. E esta maneira pode ser chamada de “pedagogia” de Jesus.

De acordo com Godoy (2004, p.540) o discurso programático utilizado por Jesus de Nazaré clarifica a dimensão profética quanto ao social de todo o seu fazer público. As bem-aventuranças escritas no Evangelho de Lucas incorporam a pobreza do povo no sentido pleno da palavra, imposto pela injustiça social. E a mensagem de Jesus descrita em Lucas 4, 16-21, é uma resposta à sorte dos pobres e oprimidos:

E, chegando a Nazaré, onde fora criado, entrou num dia de sábado, segundo o seu costume, na sinagoga e levantou-se para ler. E foi-lhe dado o livro do profeta Isaías; e, quando abriu o livro, achou o lugar em que estava escrito: O Espírito do Senhor é sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me a curar os quebrantados do coração, a apregoar liberdade aos cativos, a dar vista aos cegos, a pôr em liberdade os oprimidos, a anunciar o ano aceitável do Senhor. E, cerrando o livro e tornando a dá-lo ao ministro, assentou-se; e os olhos de todos na sinagoga estavam fitos nele. Então, começou a dizer-lhes: Hoje se cumpriu esta Escritura em vossos ouvidos.

A passagem bíblica relata a ação de Jesus em favor dos oprimidos, partindo da realidade vivenciada por eles. E através dos seus ensinamentos visa uma educação para todos, independente do lugar em que transcorre o ensino. Conforme Gadotti (1987, p.39) Brandão vê a educação como um processo de humanização que se dá ao longo de toda a vida, em diversos lugares e de muitos modos diferentes.

No decorrer de sua pesquisa, Gadotti enfatiza que Brandão remete a duas concepções de educação popular diferenciando-as: uma, que seria a do profissional da educação que trabalha na extensão dos serviços da escola em diferentes categorias de sujeitos dos setores populares; a outra busca seus ideais políticos capaz de transformar a educação escolar em educação popular.

O autor deixa claro que a luta em favor do direito à educação escolar pública e gratuita cresce a cada dia, a fim de tornar possível a emergência da educação popular como alternativa à educação dominante, bem como à conquista de novas formas de organização de classe.

Apoiado na concepção de Brandão, Gadotti (1987, p.42) tenciona que:

“Educação popular” é a educação comprometida politicamente com o oprimido: “solidário com o subalterno, se o educador não tem o poder de dirigir o leme do barco onde embarca a sua educação, deve, ao menos, saber que está na direção e que um dia deverá estar, ou seja, com os trabalhadores a quem serve. O educador pode aprender a cada dia qual a verdadeira direção para onde o seu barco-mundo deve seguir. Deve ajudá-lo a soprar as velas naquela direção, até quando, afinal perto do porto, o povo assume de vez o leme e a direção do barco.

Para o autor, educador popular não é aquele que imprime o que a educação do sistema lhe pede, mas é aquele que vive de mãos dadas com o povo, envolvido com as suas preocupações do dia a dia.

Ainda referindo ao ponto de vista de Brandão, Gadotti (1987, p.45) ressalta que o conceito de educação para os nossos dias tem uma compreensão tão ampla que faz parte da concepção de muitos educadores o engajamento no processo. Ele compara o conceito de educação ao da democracia por se tornar vago. Portanto quando se trata de educação popular, se faz necessário esclarecer qual educação que está sendo mencionada.

Historicamente analisando a postura de Jesus e Paulo Freire como educadores populares, desvendamos que para acontecer o ensino e aprendizado não é necessário estar em locais apropriados. Depende do ponto de vista de quem responde por fazer a educação funcionar.

3.4 A PEDAGOGIA NOS DIAS ATUAIS

Pedagogia diz respeito a uma reflexão sistemática sobre o fenômeno educativo, sobre as práticas educativas, para poder ser uma instância orientadora do trabalho educativo. Ou seja, ela não se refere apenas às práticas escolares, mas a um imenso conjunto de outras práticas (LIBÂNEO, 2001, p. 6).

Considerando a evolução do conhecimento ao longo dos anos, observamos que as metodologias de ensino utilizadas pelos professores em especial no Brasil,

vem sofrendo impactos devido às tendências pedagógicas que ora sustentam a educação brasileira (SILVA, PLOHARSKI, 2011, p. 4).

O tema é instigante por se tratar de algo que tem causado discussões por meio de abordagens que levem a refletir como deve ser a postura dos educadores nos dias atuais. Porque para Freire (1996, p.119)

[...] ensinar não é transferir a inteligência do objeto ao educando mas instigá-lo no sentido de que como sujeito cognoscente, se torne capaz de entender e comunicar o entendido. É neste sentido que se impõe a mim escutar o educando em suas dúvidas, em seus receios, em sua incompetência provisória. E ao escutá-la, aprendo a falar com ele.

Freire (1996) propõe um ensino que leva o educador a estimular o aprendizado do aluno construído através do diálogo em suas múltiplas linguagens, propondo assim uma transformação social. E nesse contexto entra a escola com um modelo de ensino revisado, com ações de aperfeiçoamento da prática educativa, que vislumbre uma pedagogia que cumpra a função da aprendizagem contemporânea.

De acordo com Gadotti (2000, p. 6) neste começo de um novo milênio, a educação apresenta-se numa dupla encruzilhada: de um lado, o desempenho do sistema escolar não tem dado conta da universalização da educação básica de qualidade; de outro, as novas matrizes teóricas não apresentam ainda a consistência global necessária para indicar caminhos realmente seguros numa época de profundas e rápidas transformações.

O repensar a educação segundo o autor, causa certa angústia, devido ainda não ter respostas que consigam acompanhar o avanço da atualidade, devido à complexidade que existe nas várias formas em alcançar o conhecimento.

Nas palavras de Mendes (1977, p. 107) “o pensamento transformador virá dos que se mostrem aptos a exercer, em relação à educação, uma consciência crítica e aperceptiva, envolvendo as conexões que ela mantém com tudo aquilo de que depende seu próprio sentido e valor”¹².

¹² Do ponto de vista do pensador Mendes, o pedagogo não será o profissional exclusivo que responderá pelo sistema educacional, mas dependerá de outros em vários campos do conhecimento com o propósito de intensificar a tarefa da educação. Para ele parece fora de dúvida que a solução para os problemas da educação brasileira não virá de nossos pedagogos. Do ponto de vista do pensamento, virá, sobretudo do filósofo, do cientista social e do educador *latu sensu*, ou seja, dos que se mostrem aptos para exercer em relação à educação uma consciência crítica e aperceptiva,

O papel do professor em todas as épocas é ser o arauto permanente das inovações existentes. Ensinar é fazer conhecido o desconhecido. Agente das inovações por excelência o professor aproxima o aprendiz das novidades, descobertas, informações e notícias orientadas para a efetivação da aprendizagem (KENSKI, 2001, p.103).

Cada dia mais se torna acessível a conectividade do ensino aprendizagem, voltado para uma educação que garanta a permanência do educando na escola, sendo esta uma tarefa complexa e muitas vezes árdua. O educador deve propor essa interação através de atividades que fomentem a autonomia focado em um modelo de ensino que leve em consideração a evolução do conhecimento.

Masetto (2001, p.144) propõe que:

seja explicitado como pode ser entendida a mediação pedagógica em um ambiente de aprendizagem. Por mediação pedagógica entendemos a atitude, o comportamento, do professor que se coloca como facilitador, incentivador ou motivador da aprendizagem, que se apresenta com a disposição de ser uma ponte entre o aprendiz e sua aprendizagem não uma ponte estática, mas uma ponte 'rolante', que ativamente colabora para que o aprendiz chegue aos seus objetivos.

Compreendemos que o educador tem oportunidade de ser o facilitador da aprendizagem por meio de experiências colaborativas, desenvolvendo habilidades e competências dos estudantes em diversas situações em que os estudantes tenham voz para participar da construção do aprendizado.

De acordo com Moura (2001, p.155):

Fazer da sala de aula o lugar de aprendizagem natural do sujeito é estabelecer como objetivo da escola criação de um ambiente onde se partilha e constrói significados. A decorrência de se aceitar esta afirmação como verdadeira é que aos que fazem a escola, cabe o planejamento de atividades de ensino mediante as quais, professores e alunos possam ampliar, modificar e construir significados.

O educador precisa criar circunstâncias propícias ao aprendizado, sendo um exercício de sua docência, como mediadores que constroem uma educação humanizada e integradora. De acordo com Gadotti (2000, p. 9) o educador é um mediador do conhecimento, diante do aluno que é o sujeito da sua própria formação.

envolvendo as conexões que ela mantém com tudo aquilo de que depende o seu próprio sentido e valor (MENDES, 1977, p. 107).

Ele precisa construir conhecimento a partir do que faz e, para isso, também precisa ser curioso, buscar sentido para o que faz e apontar novos sentidos para o que fazer dos seus alunos. Nessa direção se configura o pensamento de Trigueiro (1973, p.230-233) quando ele diz que a pedagogia é, antes de tudo, liberdade de olhar. Deixar ver, deixar expressar-se, consentir no tratamento, na busca fora dos trilhos dogmáticos. [...]

A essência dessa reflexão, nos traz em memória a pedagogia de Jesus para a atualidade, porque leva as pessoas a enxergar as contradições sociais como produção do próprio ser humano e a reintegração do ser que se encontra alienado e excluído (MEIER, 2006, p.76-77).

Motivado por sua experiência pessoal, a pedagogia de Jesus não se contenta com análises superficiais, mas busca a razão da realidade de forma crítica e radical, levando as pessoas a se reconhecerem que são o produto daquilo que fazem. E obstante a pedagogia do mestre possibilita enxergar no outro a miséria, a opressão e reconhecer-se nele. E essa atitude é inerente ao educador quando se apropria daquilo que necessita fazer, gera libertação e conseqüentemente o aprendizado acontece (MEIER, 2006, p.77).

Ao deparar com a proposta de Jesus: “ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado” (Mt, 28, 20). Nos remete a internalizar os seus ensinamentos, até a consumação do século, ou seja, para a vida toda. Basta olhar para a realidade circundante e captar os desafios, e aprender com o mestre Jesus.

De acordo com Meier (2006, p. 40), os grandes mestres, tais como Sócrates, Aristóteles e Jesus, iniciaram seu processo educativo pedindo aos seus discípulos que observassem o que estivesse a sua volta, procurando atender as necessidades do momento.

O autor vai além quando enfatiza que o educador precisa saber e ver a realidade existencial dos educandos, envolvendo-os na missão de enxergar também a realidade social e entender os desafios que a vida lhes propõe.

E uma vez envolvido nessa missão, Jesus soube entender as necessidades do seu povo, reorientando e ressignificando-lhes a vida. De acordo com Gusdorf (2003) mestre não é somente aquele que tem uma formação e está apto para o trabalho docente, mas é aquele que se dedica e que busca uma prática docente de transformação e coerência.

O encaminhamento de um trabalho nesta perspectiva é importante, uma vez que:

O caminho se faz ao caminhar. Desse modo cabe ao educador facilitar situações para uma aprendizagem autodirigida, com ênfase na criatividade, em lugar da padronização, da planificação e dos currículos rígidos presentes na educação tradicional. Mais do que programas que visem a resultados precisos imediatos, é preciso contar com princípios metodológicos que favoreçam o relacionamento entre o conhecimento em suas diversas áreas: a sociedade, o indivíduo e o ser que habita em cada um de nós. (BRITO, 2001, p. 31).

No presente século, a busca incessante para o fazer pedagógico contará com ações que causam impactos, que provoquem o aprendizado, em interação professor e aluno, favorecendo relações sólidas que estabeleçam um ensino e aprendizagem autênticos.

3.5 PAULO FREIRE E JESUS EM DIÁLOGO

A temática discutida neste espaço envolve a ação pedagógica de Jesus e Paulo Freire, fundamentando-se em elementos que são inerentes aos dois educadores que contribuíram com a educação do povo em épocas diferentes.

Jesus e Paulo Freire propuseram uma pedagogia libertadora aos oprimidos com o objetivo de construir uma sociedade mais humana. Encontramos nos passos de Jesus referencial de um mestre que soube acolher e incentivar uma prática educativa e transformadora. Na mesma linha de atitude encontramos em Paulo Freire uma proposta motivadora que leve o ser humano a se libertar por meio de uma práxis político- pedagógica. Segundo Josaphat (2016, p.46) Paulo Freire assegura que é possível mostrar a educação em sua visão integral como o único caminho da realização do ser humano como pessoa, consciente de sua força e de seus limites para solidariedade partilhada.

Nesse sentido encontramos uma sincronia na pedagogia de Jesus e Freire quanto ao ato de educar, uma filosofia pautada numa pedagogia libertadora, solidária e responsável.

De acordo com Boff,

A mensagem de Jesus é de radical e total libertação da condição humana de todos os seus elementos alienatórios. Ele mesmo já se apresenta como o homem novo, da nova criação, reconciliada consigo mesma e com Deus. Suas palavras e atitudes revelam alguém libertado das complicações que os homens e a história do pecado criaram. Vê claras as realidades mais complexas e simples e vai logo ao essencial das coisas. Sabe dizê-los breve, concisa e exatamente. Manifesta em extraordinário bom senso que surpreende a todos que estavam ao seu redor. Talvez esse fato tenha dado origem à originalidade de Jesus e de responder a pergunta: Mas quem afinal és tu, Jesus de Nazaré? (BOFF, 1972, p.93).

A pedagogia do mestre Jesus leva as pessoas a acreditarem em si mesmas e no poder da vida que pode sempre transcender o momento presente. Teve como desafio instigar a tomada de consciência da realidade bem como desalienar as consciências quanto ao reconhecimento do poder que carregam em si (MEIER, 2006, p.37).

Os evangelhos definem Jesus como um homem de olhos abertos para o essencial, com dedicação preferencial aos necessitados. Consegue enxergar as realidades mais complexas como as mais simples e evidencia o que as pessoas sempre souberam. E por serem alienados não conseguem compreender e nem se posicionar frente aos obstáculos (JUNQUEIRA e ROCHA, 2014, p.9).

Freire não foi diferente ao problematizar a condição humana presente na história, defendeu e realizou um trabalho em íntima ligação com o povo, combatendo o sectarismo e as verdades prontas. Sempre se preocupou com a formação de pensamento solidário, disposto a servir ao bem comum (SOUZA, 2001, p.65).

Diante das circunstâncias e da presente história do povo, Freire buscou uma alternativa social que atendesse um futuro promissor e a possibilidade de *ser mais*, que ia depender da formação humana. Eis um grande desafio que não intimidou Freire em lutar por uma educação libertadora numa condição que ocupasse todo homem e toda mulher revolucionários (SCHNORR, 2001, p.70- 71). A educação libertadora para Freire se torna essencial na práxis revolucionária, pois não se pode primeiro fazer a revolução para depois pensar na educação que queremos. De acordo com Schnorr (2005), Freire afirma:

se os líderes revolucionários de todos os tempos afirmam a necessidade do convencimento das massas oprimidas para que aceitem a luta pela libertação – o que de resto é óbvio – reconhecem implicitamente o sentido pedagógico desta luta. Muitos, porém, talvez por preconceitos naturais e explicáveis contra a pedagogia, terminam usando, na sua ação, métodos que são empregados na ‘educação’ que serve ao opressor. Negam a ação pedagógica no processo de libertação, mas usam a propaganda para

convencer[...] A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo, para transformá-lo. (FREIRE apud SCHNORR, 2001, p.78).

É um ato de consciência reconhecer a realidade de forma crítica e desvelar uma mudança através da conscientização. A educação libertadora propõe como meta a conquista da liberdade em condições de opressão como fundamento e objetivo de todo processo educativo: educar em e para a liberdade (TONELLI, 2001, p. 55).

O autor ora citada referência que na pedagogia de Jesus encontramos como condição e consequência o chamamento a liberdade, em conjunto com a centralidade e a valorização da pessoa. Encontramos em Gálatas (5,1) a citação: “Cristo nos libertou para que sejamos verdadeiramente livres. Portanto, fiquem firmes e não se submetam de novo ao jugo da escravidão” (TONELLI, 2001, p. 56).

Encontramos outra referência no Evangelho de João (8,32) sobre a garantia da liberdade proferida pelo mestre Jesus: “Conhecerão a verdade, e a verdade libertará vocês”.

Durante a caminhada que Jesus fez na Sinagoga de Nazaré, em sua real missão, proclamou o caráter libertador da evangelização, que foi a razão de sua prática como mestre.

E, chegando a Nazaré, onde fora criado, entrou num dia de sábado, segundo o seu costume, na sinagoga e levantou-se para ler. E foi-lhe dado o livro do profeta Isaías; e, quando abriu o livro, achou o lugar em que estava escrito: O Espírito do Senhor é sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me a curar os quebrantados do coração, a apregoar liberdade aos cativos, a dar vista aos cegos, a pôr em liberdade os oprimidos, a anunciar o ano aceitável do Senhor. E, cerrando o livro e tornando a dá-lo ao ministro, assentou-se; e os olhos de todos na sinagoga estavam fitos nele. Então, começou a dizer-lhes: Hoje se cumpriu esta Escritura em vossos ouvidos(Lc 4, 16-21).

Esse momento foi o divisor da tarefa educativa de Jesus em busca de uma intencionalidade libertadora (TONELLI, 2001, p. 56).

De acordo com Junqueira e Rocha (2014, p.9) o objetivo maior da educação libertadora é despertar para uma nova forma de relação com a experiência vivida e atingir um grau de consciência capaz de levar o educando a atuar dentro da realidade, a fim de transformá-la, produzindo comunitariamente o saber.

Para uma educação que liberta se espera um processo de desenvolvimento do ser humano em sua originalidade do deslocamento do indivíduo para o social e do político para o ideológico (JUNQUEIRA e ROCHA, 2014, P. 17). Os autores enfatizam que educar significa criar possibilidades para novas conquistas, mudanças, desenvolvimentos, desafios e crescimentos. Tossas essas ações se convergem em resultados transformadores da realidade visando o bem comum. Reafirmando o ato de educar, Antoncich (1989, p. 58) propõe que é mais do que tudo: “antecipar situações e capacitar os alunos de hoje para se desenvolver criticamente no mundo do futuro”.

Na perspectiva de nossa reflexão sobre o diálogo de Paulo Freire e Jesus, encontramos evidências que traduzem uma educação que promove vida e que liberta, condicionando autonomia ao ser humano e agentes de transformação da sociedade.

3.6 A PEDAGOGIA QUE LIBERTA

Por uma pedagogia que liberta, queremos fixar a contribuição de Jesus e Paulo Freire para as pessoas que fazem parte do contexto educativo. Não querendo ser repetitivo, mas provocar reflexões a respeito de algo que foi tão importante para nós e continua sendo. Tendo em vista que,

A educação tem o fundamento na busca constante de cada pessoa por sua própria identidade e seu empenho em vista do processo de humanização e personalização, culminando na aventura de encontrar os meios necessários para uma atuação transformadora na sociedade (JUNQUEIRA e ROCHA, 2014, p.16).

Espera-se da educação novas descobertas fundamentadas no engajamento das pessoas que buscam um crescimento cultural.

A história do nascimento da educação libertadora aconteceu a partir da década de 1960, trazendo propostas que atendiam as necessidades da época, nos espaços da sociedade brasileira e latino-americana. Levando em consideração as concepções, a filosofia e o desenvolvimento da educação libertadora deixassem o

registro na história, bem como as consequências de sua ação (JUNQUEIRA e ROCHA, 2014, P. 16).

Os autores ora citados ressaltam ainda sobre o nascimento da educação libertadora, que surgiu devido ao momento de opressão, o qual foi superado pela autonomia e se desenvolveu de uma forma singular de educar, atendendo as carências da época. Outro ponto importante está vinculado às ações que propiciaram os movimentos de conscientização, sendo características da educação libertadora.

Ao refletir sobre o assunto, e a forma de exposição, enxergamos que para a educação acontecer depende da atitude de cada pessoa. E para Junqueira e Rocha (2014, p.17-18) há um desafio a ser enfrentado nessa missão, pois cabe ao educador incentivar ou melhor dizendo mediar a construção de uma sociedade com novos valores, partilhando a cultura, com solidariedade e companheirismo em busca do sentido pleno da vida.

E somente através da educação que alcançaremos mudanças, mas a reflexão é a porta de entrada para tal, exigindo postura filosófica que envolva ponderações e percepção das circunstâncias que são pré-requisitos da ação didática (JUNQUEIRA e ROCHA, 2014, p.18-19). Para os autores:

Os pontos importantes dessas reflexões são a valorização da pessoa, o despertar para os problemas existenciais, os critérios para julgar a realidade e a busca de soluções comunitárias para superação dos problemas diagnosticados, a fim de assumir posição de agente/ sujeito do processo libertador e transformador da realidade.

Nesta perspectiva encontramos em Jesus e Paulo Freire uma postura de enfrentamento da situação vivenciada pelo povo. A natureza da intencionalidade educativa estava presente nas ações de ambos. As pessoas viviam alienadas sem compreender a realidade, mas quanto Jesus e Paulo Freire circunstanciados de ações que despertassem para os problemas, houve uma abertura para o novo dentro de uma linha libertadora. Aí entra a conscientização, que é um requisito para libertação. Ao criar o espaço de desdobramento dessa palavra, vimos em Freire (1980, p.26) que esta passou a fazer parte do seu vocabulário, devido à profundidade do seu significado.

A conscientização implica, pois, que ultrapássemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica.

Para Freire (1980), a conscientização é exclusividade do ser humano, sendo o sujeito protagonista, existentes *no* mundo e *com* o mundo, intervindo nas ações e deixando marcas como sujeito da história. “É preciso, portanto, fazer desta conscientização o primeiro objetivo de toda a educação: antes de tudo, provocar uma atitude crítica e de reflexão, que comprometa a ação” (FREIRE, 1980, p. 40).

Em Jesus encontramos a práxis do diálogo que conduzia o povo à conscientização provocando neles um comportamento que os fizesse romper com uma situação marginalizada. E em seus ensinamentos partiam de sua experiência e compromisso com os que sofrem, um ensinamento que consistia em fazer surgir no povo a consciência crítica diante de seus líderes (WENZEL, 1997, p.54-55).

A ação dialógica faz parte do princípio da pedagogia libertadora fundada por Freire, como mediadora do processo de conscientização e transformação do opressor. Para Freire (1992, p.54) “um trabalho de libertação a ser realizado pela liderança revolucionária, não é a propaganda libertadora”. O diálogo faz parte do processo de humanização, partindo da ação- reflexão, ou seja, é a práxis libertadora:

A existência humana não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modifica-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos Sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão (FREIRE 1992, p.78).

Na opinião de Tonelli (2001, p.70) Jesus era dotado de uma autoridade educativa, firmada numa coerência entre o que ensinava e que fazia, sendo inseparável a relação entre palavra-vida, palavra-testemunho. E de maneira simples, Paulo Freire definiu a pedagogia de Jesus, a *palavração*, devido sua palavra ser inseparável da prática. O autor em sua pretensão vai mais adiante, pois afirma que toda palavra de Jesus era explicação de sua prática, sendo o ponto inicial de seus ensinamentos.

Vemos em Jesus um chamado que Ele faz, de uma vocação que sugere resposta livre, madura e coerente. Era um desafio a liberdade” Se alguém quer me seguir, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz, e me siga” (Mt 16,24).

Conforme Tonelli (2001, p.59) propor uma meta alta e fazer um convite a um crescimento contínuo é a maior valorização da liberdade e o maior desafio de uma pedagogia libertadora: não apenas libertar- se de, mas libertar- se para.

Ao considerar o processo ensino aprendido, como um processo participativo, o convite sugerido por Jesus nos conduz ao crescimento com dinamismo, rompendo com as velhas práticas que impedem o desenvolvimento da proposta educativa.

E o objetivo maior que se espera da pedagogia que liberta está no ato político traduzido por Jesus e Freire em propor uma forma dinâmica de levar o educando a atuar de acordo com a realidade e transformá-la através do saber.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a escolha do tema ao desdobramento da pesquisa, houve momentos de inquietações e bastantes desafios até a conclusão do trabalho, haja vista que foi uma tarefa gratificante, pois reportamos a Freire quando diz que: “pesquise para constatar, constatando intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquise para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade” (1996, p.32).

É evidente que o tema não foi uma descoberta inicial, mas ampliou os conhecimentos e fortaleceu o nosso olhar sobre os aspectos educativos. Nossa preocupação e o objeto de estudo versou sobre a prática docente à luz da pedagogia de Jesus Cristo e Paulo Freire, através de suas lutas e ideias vividas intensamente em prol da educação. Porque segundo Freire (1996, p. 43), “É pensando criticamente na prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. E essa condição permite reflexão quanto aos saberes docente e os desdobramentos da atuação no momento do ensino.

E foi através dessa provocação que optamos por pesquisar autores e abordagens que tratam sobre a pedagogia e a importância da prática em sua essência para o aprendizado.

A busca incessante de uma nova postura frente às novas exigências que incidem na imagem formativa dos professores coincide com a mudança e atitude de sua prática pedagógica. Em todos os aspectos o ser humano evolui a cada dia, e as transformações acontecem. E para acompanhar essas mudanças percebemos que somente através da educação será encontrado o caminho. Mas como afirma Josaphat (2016, p.13) não é de qualquer educação que o mundo precisa, mas uma integral, promotora da verdadeira humanidade, animada pelos valores de liberdade, de responsabilidade e solidariedade, que define como a educação libertadora.

Mereceram relevo os elementos encontrados na pedagogia de Jesus e Freire, uma vez que foi a pauta da pesquisa. Há muito que se aprender de Jesus e Paulo Freire, pela grandeza de seus feitos durante a história de cada um em apregoar uma educação libertadora.

Primou-se nesse trabalho pela elaboração de uma pedagogia em sintonia com a modernidade e respostas para os desafios encontrados na prática docente, à luz dos ensinamentos de Jesus e Paulo Freire.

Muito se tem discutido sobre os fatores que promovem o bom ensino e os resultados da aprendizagem dos alunos. Segundo Libâneo (2013, p.101), algumas pessoas acreditam que o professor é o responsável para que aconteça a aprendizagem, nas suas explicações e na forma de conduzir a classe. Na opinião de outros são os bons métodos e técnicas que resolveriam a situação, além das necessidades e interesses espontâneos encontrados nas crianças.

Isso se torna um desafio, pois sabemos que são vários fatores que precisam estar ativos para que a aprendizagem aconteça em tempo real. E nesse contexto entra o papel da didática como investigador das dificuldades enfrentadas pelos alunos quanto à aquisição do aprendizado (LIBÂNEO, 2013, p.101).

Podemos dizer então, que deve haver uma compreensão e tomada de consciência do professor no envolvimento de sanar essas dificuldades encontradas pelos alunos. E se a didática cumpre esse papel, ela é uma ação inerente à prática que o professor irá usufruir para atender a verificação da aprendizagem. Mas se há falha nesse processo, há condições para resolver, a exemplo a formação como base aliada da prática. Porque na visão de Cunha (2006) a formação do educador é um processo que acontece no interior das condições históricas que ele mesmo vive, em uma realidade concreta que não é estática e nem definitiva. É uma ação real do cotidiano que precisa ser exposta. E a partir da reflexão sobre a caminhada enquanto educando e educador é que há avanço no fazer pedagógico.

Libâneo (2013, p. 114) enfatizou que o trabalho docente colherá bons frutos quando o ensino garantir a capacidade de desenvolvimento das habilidades, capacidades e atitudes dos alunos. Ele assegura que a escola e o professor são os responsáveis em formar pessoas inteligentes, em quaisquer situações do cotidiano.

Uma preocupação deixada pelo autor está na forma do ensino do professor, pois segundo ele, ainda há aqueles que não levam os alunos a pensarem sobre o que estão aprendendo. Quando faz um questionamento em vez de ajudá-los a refletir, entregam a resposta pronta.

Claro que há muitos fatores que impedem o ensino aprendizagem em um contexto escolar, que não é o caso de discussão. Porque o que importa no momento é contribuir com o aprimoramento da prática do professor. A aplicação do modelo de Jesus e Freire foi proposital, pois encontramos elementos que possam auxiliar a prática. A exemplo,

O método favorito de Jesus para ensinar seus discípulos foi através da formação. A formação não se faz contando às pessoas coisas que elas deveriam saber, mas sim, mandando-as fazer coisas específicas. Jesus dizia aos discípulos: "Ide a tal cidade" (ORTIZ, 1987, p. 71-72).

Retomando sobre o processo formativo identificamos nas ações de Jesus junto aos discípulos em situações que eram necessárias para o momento. Há uma relação direta no falar e no agir de Jesus, faz parte do primeiro pressuposto que orientou este estudo.

O segundo pressuposto encontrou também em Freire atitudes dignas de revisão da prática pedagógica, investindo na formação:

...gostaria de dizer aos educadores e às educadoras com quem tenho a alegria de trabalhar que continuo disposto a aprender e que é porque me abro sempre à aprendizagem que posso ensinar também. Aprendemos ensinando-nos (FREIRE, 2000 a, p.26).

No sentido abrangente da palavra, Freire instigava o aprimoramento da práxis educativa. Sua fala se confirmava na prática.

De acordo com Albuquerque (2001, p. 246) Freire nos ensina a plenificar nossas práticas educativas de humildade, tolerância de ensinamentos sobre os nossos legítimos direitos profissionais:

Ao pensar sobre o dever que tenho, como professor, de respeitar a dificuldade do educando, sua autonomia, sua identidade em processo, devo pensar também, como já salientei, em como ter uma prática educativa em que aquele respeito, que sei deve ter ao educando, se realize em lugar de ser negado. Isto exige de mim uma reflexão crítica permanente sobre minha prática através da qual vou fazendo a avaliação do meu próprio fazer com os educandos. O ideal é que, cedo ou tarde, se invente uma forma pela qual os educandos possam participar da avaliação. É que o trabalho do professor é o trabalho do professor com os alunos e não do professor consigo mesmo.

Talvez o jeito de Paulo Freire (2000) lidar com a prática educativa possa servir de exemplo ou inspiração. Houve, em sua obra, importantes deslocamentos conceituais vinculados com as mudanças do fazer pedagógico.

O terceiro pressuposto verificou a aproximação da pedagogia de Jesus e Freire e os elementos comuns que podem contribuir significativamente com a prática educativa.

Nesta perspectiva, a reflexão é fundamental e promoverá um diálogo entre Jesus e Paulo Freire numa postura crítica e positiva de renovação e inovação quanto ao processo didático. E nessa intencionalidade, há uma influência na visão de Freire quando ele diz que,

O professor que não leva a sério sua formação, que não estuda e que não se esforça para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe. Isto não significa, porém, que a opção e a prática democrática do professor ou da professora sejam determinadas por sua competência científica. Há professores e professoras cientificamente preparados, mas autoritários a toda a prova. O que quero dizer é que a incompetência profissional desqualifica a autoridade do professor (FREIRE, 1996, p.36).

A ação educativa exerce influência sobre o indivíduo, e constatamos que para assegurar uma aprendizagem que desenvolva as competências e habilidades cabe ao professor dar condições metodológicas que atendam as demandas do conhecimento.

Um aspecto que deve ser levado em conta ao longo da pesquisa está nos aspectos da pedagogia defendida por Jesus e Freire, a educação popular, sendo esta a expressão mais avançada do movimento de renovação pedagógica. Vimos que a educação popular tem uma herança cultural, uma verdadeira pedagogia de luta transformação e libertação (ARROYO, 2001, p. 268).

A contribuição de Jesus e Freire para Arroyo foram riquíssimas, e faz parte do movimento histórico educativo. Carregou, o último, o símbolo de patrono da educação. Como pedagogo, soube o momento de lutar pela libertação do povo, com intuição pedagógica em sua dimensão.

Observando os acontecimentos históricos, Freire sempre achou que tinha muito a aprender, e respeitava o trabalho dos outros. O diálogo era a sustentação do seu trabalho. Com Jesus, aprendemos a seguir o caminho que conduz a verdade.

Para Freire a educação não partia de um método ou técnica neutra, pois era um ato político, aliás era muito mais que um método. Tinha o hábito do diálogo em prol de uma renovação pedagógica.

O que pode enaltecer o nosso trabalho enquanto professores que somos? Ainda temos o que aprender? Arroyo (2001, p.269) evidencia em sua pesquisa que há uma proposta que depende da nossa leitura, a intervenção pedagógica para um futuro cheio de esperança.

Manifestando o ponto de concordância com os autores citados ao longo do texto, percebemos que há necessidade de diversificar formatos e práticas que respaldem a reconstruções das ações pedagógicas, implementando novas relações com o saber científico.

Neste contexto vivo e plural de distintas buscas do fazer pedagógico, algumas questões mereceram relevância em prol do desenvolvimento integral das potencialidades dos alunos. Confere ao professor primar pelo aperfeiçoamento da prática, buscando mudança que permita a ressignificação de sua atuação enquanto educador.

Freire (1996, p. 47) afirma que: “mudar é difícil, mas é possível, que vamos programar nossa ação político - pedagógica, não importa se o projeto com o qual nos comprometemos é de alfabetização de adultos ou de crianças, se de ação sanitária, se de evangelização, se de formação de mão-de-obra técnica”. Na medida que essa ação se fortalece, haverá melhor visibilidade quanto ao processo de ensino.

Essa pesquisa percebeu-se que na caminhada pedagógica, há “um mundo em evolução ao qual pertencemos e do qual participamos e que com certeza nos fala através das fórmulas teóricas da ciência, mas também nos saberes populares, nas artes, tradições, literaturas ou místicas...em suma, por todas as vozes da cultura às quais a ciência não pode doravante ficar surda” (CHRETIÉN, 1994, p. 32).

Este trabalho proporcionou reflexões sobre a prática pedagógica de Jesus e Paulo Freire, e ajudou-nos a conhecê-los melhor, a compreender profundamente as mensagens proferidas por eles. Através das investigações encontramos os estilos e as atitudes que os diferenciavam como educadores, em prol de um ensino para a liberdade. Encontramos na literatura sagrada que “Cristo nos libertou para que sejamos verdadeiramente livres” (Gl 5,1). Tal medida, brota do conhecimento que parte da liberdade, gera autonomia, e leva a ser sujeito da própria história.

Percebe-se que a educação é uma prática que faz parte da ação humana em sua totalidade. Consiste no esforço em despertar a consciência em reconhecer as situações a serem transformadas.

Com esta Dissertação, ficou comprovado que, a educação a exemplo de Jesus e Paulo Freire, é e sempre será uma educação em e para a liberdade, uma educação libertadora com aspirações que edificam.

Por fim, esta pesquisa mesmo concluída, não pretendeu esgotar o assunto, ainda temos muito a investigar sobre o tema em questão. Com certeza, ampliou nossos conhecimentos de forma significativa nos aspectos pessoal e profissional, firmada no propósito que ainda podemos aperfeiçoar nossa prática ao longo do caminho, esperando respostas aos nossos anseios, mas depende da nossa convicção.

REFERÊNCIAS

- A Bíblia Sagrada. Edição Almeida Revista e Atualizada. 2ª edição. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- ALBUQUERQUE, Targélia de Souza. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. In: SOUZA, Ana Inês (Org.). *Paulo Freire. Vida e obra*. São Paulo: Expressão Popular, 2001, p.219-265.
- ALMANAQUE Histórico*. VALE, Maria José (Org.). São Paulo: Mercado Cultural, 2005.
- ANASTASIOU, Lea das Graças Camargos. Metodologia de ensino: primeiras aproximações... In: *Educar*, n 13, Curitiba, Editora UFPR, p.93-100, 1997.
- ANDRADE, Claudionor C. *Manual do superintendente da Escola Dominical: o modelo pedagógico de Jesus*. Rio de Janeiro: CPAD, 1ª edição, 2000.
- ANDREOLA, B. Paulo Freire do ponto de vista da interdisciplinaridade. In: STRECK, D.R. (Org.). *Paulo Freire: ética, utopia e educação*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- ANTONCICH, Ricardo. Educador e compromisso sócio-econômico. Educação, condições de vida do povo: compromisso social do educador. V. 2, n. 13, p. 58- 67, jul/ set. *Cadernos da AEC do Brasil, XIII Congresso Nacional de Educação*, Brasília: AEC do Brasil. n. e p. 1989.
- ARAÚJO, Jose Carlos Souza. Do quadro negro à lousa virtual: técnicas, tecnologia e tecnicismo. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.) *Técnicas de ensino: Novos tempos, novas configurações*. Campinas: Papirus, 2006.
- ARENDT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense, 2010.
- ARROYO, Miguel. SOUZA, Ana Inês; SCHNORR, Giselle Moura; SCHWENDLER, Sônia Fátima; BERTOLINI, Marilene A. Amaral; ALBUQUERQUE, Targélia de Souza; ZANETTI, Maria Aparecida (Orgs.) Paulo Freire e o projeto popular para o Brasil. In *Paulo Freire. Vida e obra*. São Paulo: Expressão Popular, 2001.
- BARREIRO, Julio. *Educação popular e conscientização*. Trad. de Carlos Rodrigues Brandão. Petrópolis: Vozes, 1980.
- BEISIEGEL, Celso de Rui. *Paulo Freire*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.
- BERTOLINI, Marilene A. Amaral. Sobre educação: diálogo. In: FREIRE, Paulo. *Vida e Obra*. Organizado por Ana Inês Souza. São Paulo: Expressão Popular, 2001.
- BOCK, Valéria F.; WACHS, Manfredo C.; KLEIN, Remi; REUSCH, Martin e STRECK, Danilo. *Pedagogia de Jesus*. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

BOFF, Clodovis. "Apresentação". In: FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. *Que fazer? Teoria e Prática em Educação Popular*. Petrópolis: Vozes, 1989.

BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*. Petrópolis: Vozes, 1972.

BOFF, Leonardo. Prefácio. In: FREIRE, P. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

BORG, Marcus J. *Jesus, a New Vision: spirit, culture and the life of discipleship*. San Francisco: Harper and Row, 1987.

BORGES, Valdir. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n.31, p.211-213, SET.2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BRANDÃO, Rodrigues Carlos. *O que é o método de Paulo Freire*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRAVO, Arturo. *O estilo Pedagógico do Mestre Jesus*. Tradução de Luiz Alexandre Solano Rossi. São Paulo: Paulus, 2007.

BRITO, Teça. *O humano como objetivo da educação musical*. São Paulo: Petrópolis, 2001.

Caderno de Formação Educação Popular e Direitos Humanos. Disponível em: https://www.paulofreire.org/images/pdfs/livros/Cadernos_Formacao_Educacao_Popular.pdf. São Paulo, 2015. Acesso em 10/01/2019.

CAMARGO, Sandra Almeida Ferreira e Rosa, Sandra Valéria Limonta Rosa. Internacionalização das políticas educacionais, trabalho docente e precarização do ensino. In: LIBANEO, Carlos José; FREITAS, Raquel A. Marra de Madeira. (Orgs.) *Políticas Educacionais Neoliberais e Escola Pública: uma qualidade restrita de educação escolar*. 1ª ed. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2018.

CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. Tradução de Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1997.

CARTER, W. *O evangelho de São Mateus: comentário sócio-político e religioso a partir das margens*. São Paulo: Paulus, 2002 (Série: Grande Comentário Bíblico).

CASTANHO, Maria Eugênia; CASTANHO, Sérgio E. M. Revisando os objetivos da Educação. In: VEIGA, Ilma P. Alencastro (Org.). *Didática o ensino e suas relações*. 6ª. ed. Campinas: Papirus, 2001.

CDPC-Centro de Desenvolvimento Cognitivo do Paraná. Mediação da aprendizagem. Disponível em: http://cdcp.com.br/reuven_feurestein.phd. Acesso em: 15 dez. 2017.

- CELADEC. *A Dinâmica da Educação Cristã*. São Leopoldo:ELADEEC, 1996.
- CERVO, A. L. & BERVIAN, P. A. *Metodologia Científica*. (4ª. Ed.) São Paulo: Makron Books, 1996.
- CERVO, Amado Luís; BERVIAN, Pedro Alcino. *Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários*. 3.ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.
- CÉSAR, Ely Eser Barreto. *A prática pedagógica de Jesus*. São Paulo: Editora Agentes da Missão e COGEIME, 1991.
- CHRETIÉN, Claude. *A ciência em ação: mitos e limites*. Campinas: Papirus, 1994.
- CLOSS, D. *Os graus de mestre e doutor nas instituições de ensino norte-americanas*. Brasília: Editora da UnB, 1977.
- COSTA, Marisa Vorraber (org). *Educação popular hoje*. São Paulo: Loyola, 1998.
- CUNHA, M. I. *O bom professor e sua prática*. Campinas: Papirus, 18 ed, 2006. (Coleção Magistério Formação e Trabalho docente).
- DICIONÁRIO da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1992.
- DUARTE, L.C. Reflexões sobre o conceito marxiano de representação de classe. Trabalho Necessário, revista do Núcleo de Estudos, Documentação e Dados sobre Trabalho e Educação (NEDDATE), da Faculdade de Educação da UFF, ano 10, n. 14, p. 1-25, 2012. Disponível em: < <http://www.uff.br/trabalhonecessario/images/TN14LUIZCLAUDIO.pdf> >. Acesso em: 12 out. 2018.
- DUMAIS, Marcel. *O Sermão da Montanha: Mateus 5-7*. São Paulo: Paulus, 1998.
- EDUCAÇÃO CRISTÃ e CRIATIVIDADE. *Pedagogia de Jesus*. 2ª ed. Rio Grande do Sul: Editora Sinodal, 1992.
- FREIRE, P. 1921-1997. *Política e educação: ensaios/Paulo Freire*. -5. Ed. Editora Afiliada - São Paulo, Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época; v.23).
- FREIRE, P.; HORTON, M. *O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- FREIRE, Paulo & FREI BETTO. *Essa escola chamada vida: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho*. 3ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- FREIRE, Paulo. 1921-1997. *Política e educação: ensaios/Paulo Freire*. -5. Ed. Editora Afiliada - São Paulo, Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época; v.23).
- FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 6ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Paulo. *Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis*. 2ª ed. São Paulo: UNESP, 2003.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. Tradução de Kátia de Mello e Silva. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo. In. BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). *O educador. Vida e morte*. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança – Um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006a./ 16ª ed.2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Indignação*. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987a./2010.

GADOTTI, M. *Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum*, p. 10-32. V. 18, n. 2. Brasília, 2012.

GADOTTI, M. *Perspectivas atuais da educação*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 2000.

GADOTTI, Moacir. *É possível aplicar o método Paulo Freire hoje?* In: *Educação e, compromisso*. Campinas: Papyrus, 1985.

GADOTTI, Moacir. *Paulo Freire - uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire; Brasília: UNESCO, 1996.

GADOTTI, Moacir. *Pensamento pedagógico brasileiro*. São Paulo: Editora Ática, 1987.

GADOTTI, Moacir. *Reinventando Paulo Freire no Século 21*. São Paulo: Livraria e Instituto Paulo Freire, 2008.

GENOVESI, Giovanni. *Pedagogia, dall'empiria verso la scienza*. Bologna, Pitagora, 1999.

GODOY, Daniel. Jesus histórico. *Revista de interpretação bíblica latino-americana*. N. 47. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

GONZAGA, P. da C. *A trajetória formativa do professor de Biologia e suas contribuições para o processo de alfabetização biológica*. 2013. 151f. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFPI/Programa de Pós-Graduação em Educação, Teresina, 2013.

GRENIER, Brian. *Jesus, o Mestre*. Tradução de Adaury Fiorotti. São Paulo: Paulus, 1998.

GRZYBOWSKI, Cândido. *Caminhos e Descaminhos dos Movimentos Sociais no Campo*. Petrópolis: Vozes, 1991.

GUIMARÃES, Edna Liberato Vieira. *Jesus na perspectiva pedagógica: os métodos em evidência*. VI Congresso ANPTECRE. I. Religião. II. Ciências da Religião. III. Teologia. IV. Caderno de Resumos. V. Título. 2017.

GUSDORF, G. *Professores para que? Para uma pedagogia da pedagogia*. 3ed. Campinas, Martins Fontes, 2003.

HABERMAS, Jürgen. A nova intransparência: a crise do estado de bem-estar social e o esgotamento das energias utópicas. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 18, p. 103-114, set. 1987.

HOORNAERT, Eduardo. *Em busca de Jesus de Nazaré: uma análise literária*. São Paulo: Paulus, 2016.

ILLICH, I. *Deschooling society*. New York: Harrow, 1972.

JOSAPHAT, Carlos *Tomás de Aquino e Paulo Freire: pioneiros da inteligência, mestres geniais da educação nas viradas da história*. São Paulo: Paulus, 2016.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo e ROCHA, Terezinha Sueli. *Pedagogia libertadora de Jesus*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

KENSKI, V.M. *O papel do Professor na Sociedade Digital*. In: CASTRO, A. D. de, 2001.

KERMODE, Frank. Mateus. In: ALTER, Robert; (Ed.). *Guia literário da Bíblia*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp. 1997. p. 417-431.

LIBÂNEO, J. C. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* São Paulo: Cortez, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. 2ª. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas*. *Educar em Revista*, Curitiba: n.17, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos; SUANNO, Marilza Vanessa Rosa. *Didática em uma sociedade complexa*. Goiânia: CEPED, 2011.

LIMA, Josadak. *O Padrão Divino- O discipulado segundo o modelo de Jesus Cristo*. Volume 1- São Paulo:Editeo, 2016.

LIMA, Paulo Gomes. *Universidade e educação básica no Brasil: a atualidade do pensamento de Paulo Freire*. Dourados: Ed. UFGD, 2010.

LUCKESY, C. Tendências pedagógicas na prática escolar. In: *Seminário de Tendências Pedagógicas no Brasil*. 2012. Anais eletrônicos...Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:-VnAICekka0J:www.inf.aedb.br/faculdades/ped/Downloads/1ano/Seminario_Tendencia/LUCKESI%2520%2520tendencias_pedagogicas.doc+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> Acesso em 27 jul 2018.

MACARTHUR, John. *A outra face de Jesus: descubra o lado questionador, ousado e revolucionário do filho de Deus*. Tradução Valéria Lamim Delgado Fernandes. 2ª edição- Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016.

MAFRA, Jason Ferreira. *A conectividade radical como princípio e prática da educação em Paulo Freire*. Tese de doutorado. São Paulo: FE/USP.2007.

MAGNANI, Giovanni. *Jesus construtor e mestre*. Aparecida: Santuário, 1998.

MALDANER, Otavio Aloísio. Concepções epistemológicas no ensino de ciências. In: SCHNETZLER, R. P. e ARAGÃO, R. M. R. (orgs.). *Ensino de ciências: fundamentos e abordagens*. Campinas/Piracicaba: CAPES/UNIMEP, 2000.

MARTÍN. Darío Gutiérrez. *O lado humano de Jesus de Nazaré*. São Paulo: Paulus, 1997.

MARTINS, Lígia Márcia. *A formação social da personalidade do professor: um enfoque vigotskiano*. Campinas: Autores Associados, 2011.

MASETTO, Marcos Tarciso. Mediação pedagógica num ambiente de EaD. In: *Educação a distância: formação de professores em ambientes virtuais e colaborativos de aprendizagem*. São Paulo: Projeto NAVE, 2001.

MEIER, Celito. *A educação à luz da pedagogia de Jesus de Nazaré*. São Paulo: Paulinas, 2006.

MÉIER, John. *Um judio marginal*. Estella: Verbo Divino, tomo I, 2001.

MENDELL, Lewittes, *A natureza e a história da lei judaica*. Nova York: Universidade Yeshiva, 1966.

MENDES, Dumerval Trigueiro. Notas para a filosofia da educação brasileira, *Revista Fórum Educacional*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, jan./mar. 1977.

MENDES, Dumerval Trigueiro. Realidade, experiência, criação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v. 59, n.130, p. 227-240, abr./jun. 1973.

MESTERS, Carlos e OROFINO, Francisco. *A prática pedagógica de Jesus de Nazaré*. In: *Educar para justiça, a solidariedade e a paz*. São Paulo: Paulus, 2004, v.18.156 p.

MESTERS, Carlos. *Com Jesus na contramão*. São Paulo: Paulinas, 1995.

MESTERS, Carlos. *Jesus formando e formador*. São Leopoldo: CEBI, 2012.

MIZUKAMI, M. da G. N. et al. *Escola e Aprendizagem da Docência: processos da Investigação e Formação*. São Carlos: EdUFSCar, 2002.

MOURA, M. A atividade de ensino como ação formadora. In: CASTRO, A. & CARVALHO, A (orgs). *Ensinar a ensinar: didática para a escola*. São Paulo: Editora Pioneira, 2001.

NÉRICI, Imídeo Giuseppe. *Metodologia do Ensino: uma introdução*. 4ª. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

OLIVEIRA, E. Paulo. *Mestres que seguem o Mestre*. Uma espiritualidade do educador. São Paulo: Paulinas, 2006.

OLIVEIRA, José Fernandes. *O incômodo e magnífico Jesus de Nazaré*. São Paulo: Paulus, 1985.

ORTIZ, Juan Carlos. *Ser e fazer discípulos*. São Paulo: Edições Loyola, 1987.

PAGOLA, José Antônio. *Jesus: Aproximação histórica*. Tradução de Gentil Avelino Tilton. 2.ed. Petrópolis: Vozes,2011.

PELANDRÉ, Nilcéia Lemos. *Efeitos a longo prazo do método de Alfabetização de Paulo Freire*. Dissertação de Doutorado. Florianópolis, 1998.

PERESSON Tonelli, Mario L. *Aprender a educar com Jesus*. Tradução de Alfredo S. V. Coelho. São Paulo: Editora Salesiana, 2001.

PÉREZ- COTAPOS, Eduardo. *Parábolas: diálogo y experiência*. El método parabólico de Jesús según Dom Jacques Dupont. Anales de La Facultad de Teología, Pontificia Universidad Católica de Chile, Santiago, 1991.

PESSONI, Lucineide Maria de Lima e LIBÂNEO, José Carlos. Finalidades da Educação Escolar e Critérios de Qualidade de ensino: as percepções de dirigentes escolares e professores. In: *Políticas educacionais neoliberais e escola pública: uma qualidade restrita de educação escolar*. Orgs: José Carlos Libâneo e Raquel A. Marra da Madeira Freitas. 1ª ed. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2018.

PILETTI, Nelson & PILETTI, Claudino. *História da educação*. São Paulo: Ática, 1995.

PIMENTA, S. G. *Professor reflexivo: construindo uma crítica*. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Orgs.). *Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. São Paulo: Cortez, 2002.

PRICE, J. M. *A pedagogia de Jesus, o mestre por excelência*. Tradução do Rev. Waldemar W. Wey. Rio de Janeiro: JUERP, 1980.

QUEIROZ, Tânia Dias. *Dicionário Prático de Pedagogia*. 1ª Edição. São Paulo: Rideel, 2003.

RAMACCIOTTI, Angélica Santos. A prática de diálogo em Paulo Freire na educação on-line, uma pesquisa bibliográfica digital: aproximações. 2010. 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

REIMER, Ivoni Richter. As bem-aventuranças como antídoto contra a dominação e corrupção. Universidade Metodista de São Paulo. *Ribla*. v. 78, n. 2. (2018).

RENAN, Ernest. *Vida de Jesus*. Ed. Martin Claret Ltda. São Paulo: Ed. Martin Claret Ltda, sem data.

ROMÃO, J. E. Paulo Freire e a Universidade. *Revista Lusófona de Educação*, n. 24, pp. 89-105, 2013.

SAVIANI, Demerval. *História das Ideias Pedagógicas no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2007/2013.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia*. Campinas, Autores Associados: 37ª ed. 2005.

SAVIANI, Dermeval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2009, vol.14, n.40, pp.143-155.

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 10ª ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

SAVIANI, Dermeval. Pedagogia: o espaço da educação na universidade. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 130, jan./abr. 2007.

SCALABRINI, João Batista. *Uma voz atual. Páginas escolhidas dos escritos*. São Paulo: Loyola, 1989.

SCHIAVO, Luis, SILVA, Valmor da. *Jesus milagreiro e exorcista*. 3. ed.- São Paulo: Paulinas, 2011.

SCHMIED-KOWARZIK, W. *Pedagogia dialética: de Aristóteles a Paulo Freire*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SCHNORR, Gisele Moura. *Pedagogia do oprimido*. In: SOUZA, Ana Inês (org.). Paulo Freire. *Vida e obra*. 3ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

SCHÖNARDIE, Paulo Alfredo. Educação popular como política pública: análise crítica/. In: *Anais da 37ª Reunião Nacional da ANPEDI*, Florianópolis, 2015. Disponível em: <http://37reuniao.anped.org.br/trabalhos/> Acesso em: 05/12/2018.

SCOCUGLIA, A. C. *Paulo Freire e a “conscientização” na transição pós-moderna*. Educação, Sociedade & Culturas, 2005.

SHOR, Ira. *Um livro perturbador a respeito da educação*. In: GADOTTI, Moacir. *Paulo Freire: uma bibliografia*. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire; Brasília/DF: UNESCO, 1996.

SILVA, Joelma B; PLOHARSKI, Nara R B. *A metodologia de ensino utilizada pelos professores da Eja - 1º segmento - em algumas escolas da rede municipal de ensino de Curitiba*. X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba: 2011.

SILVA, Rosimeri Aquino. A teorização educacional – teorias não críticas. In: Universidade Luterana do Brasil (Ulbra). *Pedagogia Social*. Curitiba: Ibpx, 2008.

SOUZA, Ana Inês / Grupo de Estudos em Paulo freire da UFRJ (Org.) *Paulo Freire: vida e obra*. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

STILLER, Brian. *Preaching parables to postmoderns*. Minneapolis: Fortress Press, 2005.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

STRECK, Danilo. Educação e transformação social hoje: alguns desafios político-pedagógicos. *Revista Lusófona de Educação*, [S.l.], v. 13, n. 13, July 2009.

THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico: um manual*. São Paulo: Loyola, 2004.

TONELLI, Mário L. Peresson. *Aprender a educar com Jesus*. Tradução de Alfredo S. V. Coelho. São Paulo: Editora Salesiana, 2001.

TORRES, R.M. Los múltiples Paulo Freires. *Cadernos de Educação*. Pelotas, n. 29, p. 31-44, jul.-dez. 2007.

TULER, Marcos. *Abordagem e práticas na pedagogia cristã*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

VÁRIOS AUTORES. *Curso de Aprendizes do Evangelho*. 6. ed. São Paulo: Feesp, 2000.

VASCONCELLOS, Pedro Lima; SILVA, Valmor da. *Caminhos da Bíblia: uma história do povo de Deus*. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. *A prática pedagógica do professor de Didática*. 2. Ed. Campinas, Papirus, 1992.

VELLOSO, J.; VELHO, L. *Mestrandos e doutorandos no país: trajetórias de formação*. Brasília: Fundação CAPES/Editora da UnB, 2001.

VILLEGAS, Beltrán. *Introducción crítica a los evangelios sinópticos*. Santiago: Seminario Pontificio Mayor, 1993.

VÓVIO, Claudia Lemos. "Educação um direito de todos". In: BEOZZO, José Oscar. *Educar para a justiça, a solidariedade e a paz – Curso de Verão ano XVIII*. São Paulo: Paulus, 2004.p.31-50.

WENZEL, João Inácio. *Pedagogia de Jesus segundo Marcos*. São Paulo: Loyola, 1997.

WHITE, Ellen. *Mente, Caráter e Personalidade*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1989.

ZEILINGER, Franz. *Entre o céu e a terra: o comentário do sermão da montanha*. São Paulo: Paulinas, 2008.